



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
Instituto Universitário de Ciências Religiosas

Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

LUCIANA LEMOS RODRIGUES

O contributo teológico para a visão crítica do corpo e da sexualidade no contexto da leção da Unidade Letiva 1 - “O Amor” do 8º Ano da disciplina da Educação Moral e Religiosa Católica.

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:

Mestre Cristina Sá Carvalho

e

Doutor António Manuel Alves Martins

Lisboa
2016

“A aceitação do próprio corpo como dom de Deus é necessária para acolher e aceitar o mundo inteiro como dom do Pai... Aprender a aceitar o próprio corpo, a cuidar dele e a respeitar os seus significados é essencial para uma verdadeira ecologia humana”

Papa Francisco

AGRADECIMENTOS

Por todos os que tornaram possível a elaboração desta dissertação de Mestrado, quero expressar a minha gratidão a todos os professores que me acompanharam ao longo destes anos, especialmente à Professora Cristina Sá Carvalho e o Professor António Manuel Alves Martins, que se disponibilizaram e me apoiaram pelas sugestões dadas e a mestria demonstrada no decorrer desta fase final.

À Direção do Agrupamento da Escola Secundária *Fernando Lopes-Graça de Carcavelos*, que me aceitou e permitiu a tornar possível a experiência da *Prática de Ensino Supervisionada*, orientada pela Doutora *Lúisa Carvalho*. Um obrigado muito especial aos alunos da EMRC da turma do oitavo ano, pelas pessoas que são e pelo que me ajudaram a ser.

A todos os meus colegas do curso, que de uma maneira ou de outra, foram apoiando nos momentos mais difíceis ao longo do curso.

À minha família religiosa, as Irmãs da Congregação das Escravas da Santíssima Eucaristia e da Mãe de Deus, que me ofereceram esta oportunidade de estudar e todo o apoio dado ao longo destes anos.

Um profundo agradecimento a Deus pela oportunidade de viver e de experimentar a Sua generosidade e bondade.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	5
-----------------	---

CAPÍTULO I

SEXUALIDADE HUMANA - DEFINIÇÃO E EDUCAÇÃO

1. A razão da escolha do tema.....	7
2. A visão crítica da sexualidade.....	8
3. Definição da sexualidade.....	10
3. 1. Distinção de conceitos.....	13
3. 2. Síntese.....	16
4. As noções da sexualidade na cultura.....	17
4. 1. Do tabu à revolução sexual.....	18
4. 2. Consequências da revolução.....	19
4. 2. 1. Os aspetos positivos.....	20
4. 2. 2. Os aspetos negativos da revolução sexual.....	21
4. 3. Síntese.....	22
5. A educação da sexualidade.....	22
5. 1. O objetivo.....	23
5. 2. Olhar crítico.....	24
5. 3. Motivos do conhecimento.....	25
5. 4. As interpretações redutivas.....	27
5. 5. As teorias sobre a educação da sexualidade.....	29
6. A sexualidade na perspectiva cristã.....	31
6. 1. A sexualidade como dom de Deus.....	31
6. 2. A sexualidade fundamenta-se no <i>Amor</i>	33
6. 3. A sexualidade projeta felicidade e fecundidade.....	34

CAPÍTULO II

O CORPO HUMANO E SUA IMPORTÂNCIA

1. A definição do que é o corpo.....	37
1. 1. Idade Média.....	38
1. 2. Idade Moderna.....	41
1. 3. Idade Contemporânea.....	43
2. O ser humano <i>uno</i> em corpo e alma.....	45
3. O corpo como relação.....	51
4. O dom do corpo.....	52
5. Afetividade e Eucaristia.....	53

CAPÍTULO III
CONTRIBUTO DA EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA
EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA E DIDÁTICA DA UNIDADE LETIVA 1
“ O AMOR ”

1. O contributo da disciplina da Educação Moral e Religiosa	61
2. Contexto educativo da turma da Prática de Ensino Supervisionada.....	63
3. A apresentação da Unidade Letiva 1 – “O amor”	64
3.1. Primeiro objetivo.....	65
3. 2. Segundo objetivo	65
3. 3. Terceiro objetivo	66
3. 4. Quarto objetivo.....	67
3. 5. Quinto objetivo.....	68
4. Questões detetadas na lecionação da Unidade Letiva 1 – “O amor”.....	69
5. Algumas observações a partir da experiência da lecionação da Unidade Letiva	70
6. As Planificações e relatórios de aulas da Unidade Letiva 1 – O Amor do 8º Ano.....	72
Relatório da aula número um	73
Relatório da aula número dois	76
Relatório da aula número três.....	77
Relatório da aula número quatro	79
Relatório da aula número cinco	82
Relatório da aula número seis	84
7. Avaliação da Unidade Letiva lecionada.....	85
8. Conclusão da Unidade Letiva 1 – “ O Amor”	94
9. Reflexão sobre a experiência da lecionação da Unidade Letiva.....	96
10. Avaliação e reflexão da experiência pessoal da PES.....	100
CONCLUSÃO.....	103
SIGLAS E ABREVIATURAS.....	105
BIBLIOGRAFIA.....	106
ANEXOS.....	112

INTRODUÇÃO

O presente trabalho surgiu de uma experiência da Prática de Ensino Supervisionada e foi elaborado na fase final do Mestrado de Ciências Religiosas. O tema que se vai apresentar situa-se no âmbito da lecionação da Unidade Letiva 1 – “O Amor” do 8º Ano, da disciplina da Educação Moral e Religiosa Católica. Os temas da lecionação andavam em torno da sexualidade humana; e durante a experiência da Prática de Ensino Supervisionada notou-se, uma necessidade de maior dedicação a estes temas. Por isso, as reflexões acerca da sexualidade e do corpo ocuparão este nosso trabalho.

O estudo dos temas da sexualidade e do corpo surgiram de uma necessidade de discernir o que era mais relevante transmitir aos alunos nesta área, pois, ao longo da nossa experiência no âmbito da PES, estes foram colocando diversas questões. A consciência de ser transmissor de educação e processo catalisador de amadurecimento humano levaram-nos a este breve estudo. Além disso, temos consciência de que educar é um ato de humildade diante do saber, é um serviço, que nos leva a respeitar a individualidade de cada um. Tanto o educador, como o professor devem dar e receber, sendo capazes de acolher e de fazer propostas, sempre com energia para superar os obstáculos.

Com este trabalho queremos mostrar a nossa preocupação com as mudanças rápidas da sociedade, conscientes de que tudo o que se aprende depende da realidade social. Estas mudanças também podem afetar o modo como os mais jovens consciencializam o seu corpo. Com que critérios os jovens observam e avaliam a realidade? É nisso que apostamos que os adultos têm enorme responsabilidade na educação dos mais jovens.

Este trabalho tem como objetivo oferecer a possibilidade de dar a conhecer de que modo há que entender e valorizar a sexualidade e o corpo. Não queremos criticar, nem tão pouco desmerecer as opiniões dos alunos; mas, escutando com respeito as diferentes ideias, pretendemos ajudar a vivenciar, de forma satisfatória e plena, o tema em questão. A diferença de perspetivas e a sua redutibilidade fizeram-nos perceber que a sexualidade tem de ser pensada e vivida de outra forma. O que se pretende é que todos os programas que desenvolvemos devem contemplar a dimensão biológica, afetiva e social. E, estes deverão ajudar os jovens a tomar decisões responsáveis sobre a sua sexualidade. É assim que gostaríamos que o nosso trabalho fosse compreendido.

Relativamente a estrutura deste trabalho, estabelecemos uma divisão em três partes, embora diferentes mas se complementam.

No primeiro capítulo, apresentaremos a razão pelo qual a escolhemos trabalhar o tema da sexualidade e do corpo; e definiremos também a sexualidade e educação da sexualidade, detendo-nos nos termos afetividade, genitalidade e amor, componentes fulcrais daquela. Referiremos as principais alterações ideológicas verificadas ao longo da História, num caminho que passou do tabu à ostentação. A reclamação da liberdade do indivíduo originou uma viragem significativa, plena de efeitos positivos e negativos.

No capítulo seguinte, apresentaremos o corpo como o *locus* da sexualidade, falaremos da importância de este ser valorizado e visto com mais dignidade e respeito, sempre no enquadramento de valores da Teologia Cristã acerca da dignidade do corpo humano. Por isso, consideramos pertinente atravessar as épocas que marcaram fortemente a noção do corpo e a sua compreensão. Fundamentaremos a questão do corpo humano no gesto da entrega de Cristo, o mais fecundo exemplo da dádiva do corpo e da sua vivência como um dom de Deus.

No último capítulo, exporemos a experiência da PES com a análise da Unidade Letiva 1 -“o Amor”, detendo-nos nos seus objetivos. Salientaremos o papel incontestável da disciplina da Educação Moral e Religiosa Católica na educação integral do indivíduo. Na verdade, apresentá-la-emos como um meio eficaz da valorização da vivência da sexualidade e do respeito pelo corpo. Incluiremos neste trabalho as planificações feitas ao longo da lecionação da Unidade Letiva e a avaliação das aulas lecionadas.

CAPÍTULO I

SEXUALIDADE HUMANA - DEFINIÇÃO E EDUCAÇÃO

1. A razão da escolha do tema

A lecionação da Unidade Letiva 1 – “o Amor” do 8º Ano da Educação Moral e Religiosa Católica foi uma oportunidade gratificante. Foi lecionada por nós por uma questão da ordem. Entre outras Unidades Letivas no programa do 8º Ano, esta encontra-se como primeira Unidade Letiva a ser lecionada. Sem perder tempo de escolha, o núcleo de estágio da PES decidiu, que seja um dos estagiários a lecionar. Os motivos principais que nos levaram à lecionação desta Unidade Letiva 1 – “o Amor” encontram-se inscritos nas primeiras páginas da introdução do Programa da Educação Moral e Religiosa Católica do ano 2014:

“O principal objetivo da educação é suscitar e favorecer a harmonia pessoal, a verdadeira autonomia, a construção progressiva e articulada dos aspetos racional e volitivo, ativo e emocional, moral e espiritual, pois desta harmonia pessoal decorre a participação social e feliz, cooperante e solidária, que resulta na harmonia social”¹

Na abordagem das questões da sexualidade, sentiu-se uma certa banalização da vivência da sexualidade, desprovida da relevância do compromisso e do amor. Os alunos exprimiam a sua opinião pessoal, indiferentes à opinião alheia. Para eles a sexualidade circunscrevia-se ao ato sexual, e sabemos que a sexualidade não se limite apenas a este ato. Esta lacuna levou-nos a escolher o tema deste trabalho: a sexualidade e o corpo.

Na verdade, a sexualidade abrange toda a pessoa humana; orienta-se para a maturidade e para a construção do “eu” e do “tu” para chegar ao “nós”; ela constitui a vivência da beleza e da exigência de uma relação de amor, na qual cada um é dom para o outro, e “onde o amor de doação e aceitação encontra o sentido mais amplo e mais total”². Refletiremos no tema com esta perspetiva de que a sexualidade inclui inúmeras dimensões humanas.

Na verdade, estamos perante um tema relevante, complexo e importante. E queremos abordá-lo de forma não asfíxiante, mas em tom de exercício de educação responsável, com espírito crítico e construtivo.

¹ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Carta Pastoral Educação: direito e dever – missão nobre ao serviço de todos*. CEP, 2002, nº 2.

² Cristina Sá CARVALHO, *Guia de Educação da Sexualidade*, Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2008, 37.

2. A visão crítica da sexualidade.

Na continuidade da nossa razão de escolha do tema, expomos que é possível olhar para a sexualidade e a sua abordagem com um olhar crítico. Somos livres, ou seja, qualquer um de nós é livre em dar a sua opinião acerca de algo. Neste nosso estudo do tema da sexualidade descobrimos, que não basta um cumprimento da lei, ou julgar apenas pelas aparências das realidades assistidas; seja na televisão ou noutros meios sociais. Mas antes, devemos saber fazer um discernimento, que supõe a reflexão, “que permite reparar no que é bom, para o seguir, ou no que é mau para evitar”³.

A visão crítica acerca da sexualidade supõe em primeiro lugar “um comportamento a partir da matriz de valores maduros e coerentes (que) serve para a pessoa compreender o interesse e o valor de se abster em determinadas circunstâncias”⁴ para a sua e a dignidade do outro. Além disso, desenvolver o conhecimento, ter vontade de saber melhor e ser esclarecido acerca da sexualidade, também, é um caminho certo que se deve seguir. Questionar acerca da sabedoria convencional e da metodologia científica manipulada dos factos ao serviço da ideologia, é uma atitude correta de quem quer ser esclarecido⁵. Por isso, para melhor refletir acerca da sexualidade humana, acima de tudo, “há que ter abertura para novas ideias, na procura de explicações e fundamentos”⁶. Acima de tudo, é estar sem juízo de valor, e sempre que proporcionemos algo, devemos desmistificar tabus e falsas crenças⁷.

Porque apresentamos aqui, as razões de pensar criticamente acerca da sexualidade? Porque, desta forma, a visão crítica pode conduzir a pessoa para os seguintes benefícios: aumenta a qualidade da sua personalidade e um autoconhecimento, aumentando nela o de poder, ou melhor, a capacidade de lidar com as suas dificuldades que a vida apresenta; desenvolve na pessoa, uma personalidade madura na vivência da sexualidade⁸. Por isso a descoberta dos valores na sexualidade é relevante e é essencial, porque é considerado por muitos, como um dom de Deus; e ela é ordenada para o bem da pessoa como motivo de realização e felicidade⁹. Para muitos a sexualidade está condensada na capacidade de doação, de encontro e de

³ Vítor Feytor PINTO, *Sexualidade humana, exigências éticas e comportamentos saudáveis*, Paulus, Lisboa, 2014, 100.

⁴ Cristina Sá CARVALHO, *Guia de Educação da Sexualidade, ...* 65.

⁵ *Ibidem*, 66.

⁶ *Ibidem*, 67.

⁷ Cf. Maria José PEIXOTO; Teresa Tomé RIBEIRO., “O professor de educação da sexualidade – aspectos a desenvolver”, in: *Educação da Sexualidade na Escola: um treino de competências*, Editor Casa do Professor, Braga, 2006, 42.

⁸ Cristina Sá CARVALHO, *Guia de Educação da Sexualidade, ...* 68.

⁹ *Ibidem*.

comunhão¹⁰. Os conhecimentos e qualidades da sexualidade foram as razões de apresentarmos a visão crítica acerca da sexualidade. Porém, o “saber transmitir às gerações mais jovens uma atitude sexual mais positiva”¹¹ é uma missão dos educadores (a família, os professores e outros agentes de educação). Esta missão é de todos aqueles se querem dedicar à educação e os que têm esperança no futuro. Nesta perspetiva, não devemos desconhecer, o que o Ministério da educação considera:

“A vertente da sexualidade não pode circunscrever-se a um conjunto de conteúdos integrados numa ou mais disciplinas, mas sim, numa dimensão interdisciplinar, plenamente integrada na organização e na vida da Escola. Simultaneamente a Escola não pode assumir sozinha, um processo de construção de um sistema de valores e condutas neste domínio, devendo haver também uma co-responsabilização da família, dos técnicos de saúde e de toda a sociedade em geral”¹².

Dentro do contexto da lecionação, hoje mais do que nunca, os professores de EMRC são chamados a serem “semeadores de esperança”¹³, ou seja, têm a missão de “proporcionar à pessoa do aluno a visão cristã do mundo, do homem e de Deus, e não se demitirão de continuar a oferecer, com total liberdade, propostas educativas”¹⁴. Estamos conscientes de que, a prática do Ensino Supervisionado tem como meta, a construção do saber, e a construção da identidade profissional dos docentes de EMRC. E, cientes também de que o perfil desta disciplina apresenta desafios aos próprios professores. Assim, foi como um repto que surgiu o tema da sexualidade.

Sabendo que está ligada às tomadas de decisão marcantes da vida dos alunos, queremos apresentar neste nosso trabalho a sexualidade como um todo, que inclui várias dimensões da personalidade: dimensão biológica, psicológica, social-cultural/dialógica e ética. Embora as matérias implícitas na vivência da sexualidade sejam relevantes, o essencial é a visão crítica da mesma que os professores deveriam inculcar nos alunos nas suas aulas.

O tema do *Amor* sugerido no manual do aluno da disciplina da EMRC do 8º ano é atual e está entranhado na sociedade. O diagnóstico da lecionação do tema mostra que os valores

¹⁰ Cf. José-Román FLECHA, “La sexualidad en la vida de Israel” in: *Moral de la sexualidad,- la vida en el amor*, Colección lux mundi, nº 82, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2005, 87.

¹¹ Cristina Sá CARVALHO, *Educação da sexualidade*, ... 70.

¹² Teresa Tomé RIBEIRO, “Os jovens e a educação sexual: contributos para a aplicação dum programa de educação sexual”, in: *Educação da Sexualidade na Escola: um treino de competências*, ... 13.

¹³ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação - Direito e dever - missão nobre ao serviço de todos*, in: <http://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/documentos/educacao-direito-e-dever-missao-nobre-ao-servico-de-todos/> (consultado no dia 26 de outubro de 2015).

¹⁴ *Ibidem*.

considerados como pontos principais da construção da identidade e da sexualidade humana necessitam de ser aprofundados, uma vez que “o amor vivido na relação sexual entre um homem e uma mulher é muito mais do que um mero encontro fisiológico”¹⁵.

Os vários níveis referidos da vivência da sexualidade foram instrumento ou meios utilizados para chegar a uma melhor compreensão daquela, uma vez que os alunos se encontram numa fase da vida muito atenta à realidade envolvente. O mais importante é que a lecionação dos temas oriente os alunos para “a verdadeira sexualidade como a linguagem do coração, que se aprende”¹⁶; mas, também deve ser meio de orientação para a maturidade e a construção da personalidade. Por isso, “a sexualidade deveria ser entendida como uma vivência da beleza e da exigência de uma relação de amor, na qual cada um é dom para o outro”¹⁷.

No âmbito da educação, importa não só a matéria dada nas aulas, mas, sobretudo, o mundo que rodeia os alunos. Pois, como nos diz Jorge Rio Cardoso, no seu livro *Professor do futuro*, “ser professor hoje implica, por um lado, que se conheça a matéria ou disciplina lecionada; por outro, que se esteja envolvido, com profunda generosidade, no tecido social”¹⁸. Para além disso, o autor afirma que o professor deve preparar o aluno, para que este possa aprender de forma autónoma, ao longo da sua vida. É neste papel de instrumento da educação para os alunos, que procuraremos tornar este estudo um caminho para apresentar a sexualidade com o sentido de sermos corpo. A educação é um desafio para saber viver; saber para escolher; saber para assumir na vivência quotidiana valores como responsabilidade, solidariedade, respeito, etc.

3. Definição da sexualidade

De uma reflexão acerca da razão do aprofundamento da sexualidade, podemos olhar ainda mais crítico e mais pormenorizado acerca da mesma. Ao longo dos séculos, a compreensão e a vivência da sexualidade na cultura ocidental, foi moldada, em larga medida, pelo influxo cristão. Por um lado, a doutrina cristã sobre a sexualidade sofreu influências significativas de correntes filosóficas e doutrinárias, que dificultaram uma visão equilibrada, imprimiram à

¹⁵ SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Manual do Aluno, Educação Moral e Religiosa Católica, 8º ano do Ensino Básico*, Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2015, 17.

¹⁶ Cf. Jean-Benoît CASTERMAN, *Para teres êxito na vida sentimental e sexual*, Edições salesianas, Porto, 2012, 7.

¹⁷ SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Fundação Secretário Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2014, 86.

¹⁸ Jorge Rio CARDOSO, *O professor do futuro*, Ed. Clube do livro, Lisboa, 2013, 37.

sexualidade humana uma marca preponderantemente negativa. O estoicismo, neoplatonismo, encratismo, gnosticismo e o montanismo orientaram a sexualidade exclusivamente para a procriação e depreciavam o matrimónio, defendendo um rigoroso ascetismo, concretizado na mais radical abstinência¹⁹. A compreensão da sexualidade fora submetida, quase exclusivamente:

“a uma visão generativa e genital, com a consequente dificuldade da integração harmónica dos polos procriativo e unitivo. A sexualidade pertencia apenas ao âmbito matrimonial e à linguagem adulta; era um tabu e os adultos fingiam que nunca falavam sobre ele. O ato sexual aparecia, socialmente, como algo censurável, maléfico e até indecoroso”²⁰.

Nas últimas décadas, desde finais do século XIX, houve uma mudança radical de atitude relativamente à compreensão deste tema, passando a ostentação a substituir o secretismo²¹. A sexualidade é um termo amplamente abrangente que engloba inúmeros fatores e é com dificuldade que se encaixa numa definição única e absoluta. O termo remete-nos para um universo em que tudo é relativo, pessoal e muitas vezes paradoxal. José Rui Costa Pinto apresenta a sexualidade, por um lado, “como uma realidade integradora e configuradora do homem, nas diversas etapas do seu desenvolvimento”²²; por outro lado, apresenta-a como “misto de doação e de posse, lugar de comunhão e de solidão, experiência de plenitude e de insatisfação”²³.

O conceito de sexualidade humana tem evoluído na sociedade. Há, por isso, necessidade de o compreender melhor. A Organização Mundial de Saúde afirma que a sexualidade influencia os nossos “pensamentos, sentimentos, ações e interações, e também a nossa saúde física e mental”²⁴. Ela transcende, portanto, o facto biológico; implica um dinamismo que envolve a vida toda do homem. Mas também é um dom que se deve saber usar²⁵. Segundo Cristina Sá Carvalho “a sexualidade inclui o nosso ser biológico, os mecanismos reprodutores, os papéis de género, o prazer sensual e sexual, a manutenção de relações humanas íntimas, a problemática da expressão sexual, e a sexualidade também emerge o nosso ser biológico e psicológico, formatada pela interação com o meio externo e as suas forças”²⁶. A autora chama atenção para o facto de o ambiente em que vivemos poder afetar a nossa atitude de vida

¹⁹ Cf. José Rui Costa PINTO, *Bioética para todos*, Editoria A. O, Braga, 2006, 54.

²⁰ *Ibidem*, 56.

²¹ Vítor Feytor PINTO, V. F., *Sexualidade humana, exigências éticas e comportamentos saudáveis*, ... 13.

²² José Rui Costa PINTO, *Bioética para todos*, ... 55.

²³ *Ibidem*.

²⁴ Cf. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE in: Cristina Sá Carvalho, *Guia de Educação da sexualidade*, ... 32.

²⁵ Vítor Feytor PINTO, *Sexualidade humana, exigências éticas e comportamentos saudáveis*, ...13.

²⁶ Cristina Sá CARVALHO, *Guia de Educação da Sexualidade*, ... 32.

perante a sexualidade. De facto, a sociedade atual ostenta diversos anúncios, seja na televisão, seja na internet, seja nas ruas, que exploram a sensualidade. Confirma-se isto nas palavras de Teresa Tomé Ribeiro:

“Hoje em dia a sexualidade está na rua, passou a preencher lugares comuns numa forma indiscriminada. Nada se vende, nada se publica sem a forte conotação sensual e até mesmo erótica. Desde o produto mais simples ao mais elaborado, desde o ambiente mais adulto até ao ambiente mais infantil, a sexualidade aparece o atractivo - motivacional”²⁷.

A sexualidade é uma necessidade básica que está presente desde que nascemos até que morremos. Vejamos o contexto da pirâmide das Necessidades Humanas Básicas de Maslow apresentada pela Teresa Tomé Ribeiro:

- **“as necessidades fisiológicas** - a necessidade sexual aparece ao mesmo nível que o sono e repouso, a eliminação, a respiração, a alimentação. Expressa-se, na sua forma mais biológica, ligada a um aparelho: o reprodutor (que é o único diferente no homem e na mulher) e um conjunto de hormonas próprias.
- **as necessidades psicológicas** – a sexualidade mostra-se através das diferenças psicológicas entre dois sexos, estão em esboço até ao início da adolescência, e a partir daí são bem reais e definidas. Na motivação para o ato sexual, a mulher é mais auditiva, mais verbal; o homem é mais visual, mais táctil.
- **as necessidades sociais** – a vivência da sexualidade está intimamente ligada à estruturação do auto-conceito, da auto-estima e da concretização de um projeto de vida. As grandes decisões pessoais a um vínculo são impulsionadas por esta estruturação. Se não for por esta opção, ela continua presente, mas impondo uma gestão diferente de forma de estar perante os outros.
- **as necessidades espirituais** – a necessidade de realização espiritual, mostra-se na forma como vivemos a sexualidade, como a valorizamos e a integramos num contexto de amor aos outros, esta influência a nossa relação com o transcendente, na procura da felicidade e a compreensão do sentido e da razão da nossa existência”²⁸.

²⁷ Teresa Tomé RIBEIRO., “O professor de educação da sexualidade – aspectos a desenvolver”, in: *Educação da Sexualidade na Escola: um treino de competências*, ... 39.

²⁸ Teresa Tomé RIBEIRO., “os jovens e a educação sexual: contributos para a aplicação dum programa de educação sexual”, in: *Educação da Sexualidade na Escola: um treino de competências*, ... 9.

3. 1. Distinção de conceitos

Partindo da afirmação de Paul Ricouer, retomada pelo Michel Renaud – “A sexualidade é, por excelência, maravilha, errância, e enigma”²⁹ – queremos definir a sexualidade por etapas, já que ela se apresenta, muitas vezes, como um enigma carregado de interrogações.

Em primeiro lugar, perguntaremos se a sexualidade pertence mais ao foro biológico ou ao psicológico. A constituição da sexualidade é bastante complexa. Para melhor compreender o seu sentido debruçar-nos-emos sobre os conceitos que a constituem.

A sexualidade é “uma componente fundamental da personalidade humana, num só modo de ser, de se manifestar, de comunicar com os outros, de sentir, de se exprimir e de viver o amor humano”³⁰. Os dicionários dão-nos uma definição redutora, pois a sexualidade é muito mais do que um conjunto de características morfológicas ou fisiológicas, internas ou externas dos seres que se reproduzem sexualmente.

A sexualidade inclui o genital, a afetividade, a proximidade das pessoas, numa relação, que sendo integral, se compromete com a vida³¹. Esta ideia vem, aliás, na esteira do que João Paulo II escreve acerca da sexualidade no *Evangelium Vitae*, quando diz “é uma ilusão pensar que se pode construir uma verdadeira cultura da vida humana, se não se ajudam os jovens a compreender e a viver a sexualidade, o amor e a existência inteira no seu significado verdadeiro e na sua íntima relação”³².

A genitalidade é uma parte da sexualidade e acompanha a condição física do homem. Segundo Vítor Feytor Pinto, aquela “supõe os vários órgãos sexuais, do homem e da mulher, os externos e os internos, convergindo para a comunhão de complementaridade na plenitude da relação”³³. Afirma ainda o autor que a genitalidade, constitui uma beleza rara, na expressão corporal do amor recíproco que o homem e a mulher celebram na comunhão dos corpos.

Nesta linha Freud defende que a sexualidade está presente no organismo humano desde o nascimento e desenvolve-se com o organismo ao longo das diversas fases da vida³⁴. Daí nasce a necessidade de distinguir genitalidade de sexualidade: sendo esta última mais do que uma

²⁹ Cf. Vítor Feitor PINTO, *Sexualidade humana, exigências éticas e comportamentos saudáveis*, ... 20.

³⁰ *Ibidem*.

³¹ *Ibidem*, 22.

³² JOÃO PAULO II, Carta encíclica *Evangelium Vitae*, nº 97 in: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031995_evangelium-vitae.html (consultado no dia 27 de novembro de 2015).

³³ Cf. Vítor Feytor PINTO, *Sexualidade humana, exigências éticas e comportamentos saudáveis*, ... 22.

³⁴ Cf. Cristina Sá CARVALHO, *Guia de Educação da Sexualidade*, ... 43.

exteriorização da genitalidade, a qual corresponde ao aparelho sexual reprodutor masculino ou feminino dos seres humanos ou dos animais. No entanto, a perspectiva biológica da sexualidade tende, por vezes, a considerar a sexualidade exclusivamente como fonte de prazer³⁵.

Sabemos que a sexualidade é muito mais ampla do que a genitalidade, pois abrange a totalidade do ser humano. Ela é um elemento básico da personalidade, um modo próprio de ser, de se manifestar, de se comunicar com os outros, de sentir, expressar e viver o amor humano. A sexualidade é sobretudo “um fenómeno mais complexo do que a simples função biológica, impregna todo o nosso psiquismo e realiza-nos como pessoas”³⁶. Falando da dimensão biológica da sexualidade, Cristina Sá Carvalho afirma que, mesmo no que se refere ao prazer corporal, o ser humano não vive apenas com uma dimensão da sua sexualidade, mas vive um todo, a nível global da sua personalidade³⁷.

A afetividade é o segundo elemento essencial da sexualidade humana e é parte integrante desta. Afeto, ou afetividade, deriva do latim *affectus*, “estado ou disposição de espírito”, “sentimento”, “impressão (boa ou má)”, palavra derivada da forma verbal *afficere*, “afetar”, “causar impressão (boa ou má)”. O termo remete, desta forma, para sensações que podem, ou não, ser agradáveis. Na verdade, fica já na sua etimologia, a ideia de que o termo designa experiências complexas e sensações contraditórias. O afeto sugere, assim, a energia interior que emana da pessoa e que define o seu sentir; consequentemente está ligado ao amor³⁸.

Se a afetividade é uma marca do ser humano que atravessa o corpo, dando-lhe uma tonalidade subjetiva, ela também define o modo de nos relacionarmos enquanto seres humanos com consciência afetiva. Nesse sentido, devemos afirmar que a verdadeira sexualidade com amor só se compreende numa relação afetiva que se caracterize pela capacidade de ir ao encontro do outro, em complementaridade: ela é dádiva, serviço, encontro de vidas, projecção comum de uma comunhão. Sobre o cuidado, do bem comum, o Papa Francisco realça a dinâmica de saída, de mim mesmo, ou seja, para reconhecer o valor do outro é preciso sair de mim, de se autotranscender, rompendo com a consciência isolada e a autorreferencialidade³⁹. Em suma, o

³⁵ *Ibidem*, 33.

³⁶ Cf. Cassiano REIMÃO, “Afetividade e alteridade”, in: *Pastoral Catequética*, Revista de catequese e educação, nº 4, 2006, 20.

³⁷ Cf. Cristina Sá CARVALHO, *Guia de Educação da Sexualidade*, ... 33.

³⁸ Cf. Jerónimo TRIGO, “Expressões afetivas: que avaliação ética”, in: *Pastoral Catequética*, Revista de catequese e educação, nº 4, 2006, 29.

³⁹ Cf. PAPA FRANCISCO, *Laudato Si*, Editorial A.O, Braga, 2015, 168.

que a afetividade é fica sintetizado na afirmação de Renaud: “fidelidade como qualidade ética dos afetos no tempo”⁴⁰.

A sexualidade apresenta o ser humano como um ser sexuado, desde o nascimento até à morte; ela tem um sentido de comunhão, “um dinamismo que atinge a vida toda do homem”. Porém, o projeto de vida de cada homem ou de cada mulher determinará a sua forma de viver a sexualidade, que é também inteligência e vontade. O objetivo primordial da sexualidade é, portanto, a comunhão⁴¹.

O **amor** é o elemento essencial. Logo o que acima se disse ficaria incompleto sem o **amor**, o elemento principal da sexualidade. E agora impõe-se compreender o que este é. Ele não se identifica com sexo, nem se confunde com desejo ou com paixão. Estes são elementos secundários, embora válidos no relacionamento entre as pessoas. O amor é muito mais do que um mero sentimento. Como diz Erich Fromm, ele é “a capacidade de sair de si para ir ao encontro do outro e o fazer feliz”⁴². “O verdadeiro amor contém a capacidade de ser generoso, de dar ao outro mais importância do que a si próprio, com vista à felicidade que se oferece, numa entrega total”⁴³.

Na sua carta encíclica de *Deus Caritas est*, Bento XVI definiu amor como um movimento: *eros* seria o amor mundano, ambicioso, possessivo, ascendente, fascinado pela grande promessa de felicidade; *agapê* seria o amor descendente, aquele que se dá, oblato, para que o outro tenha a vida. Estes dois movimentos do amor encontram-se no homem e nunca se separam completamente um do outro. Concluiu Bento XVI que estes dois movimentos (ascendente e descendente) tendem a ser um só, na medida em que o *eros* entende que ele próprio só procura a felicidade do outro, vive e existe apenas para o outro⁴⁴.

Deste modo “o amor é um êxodo permanente do eu, fechado em si mesmo, para a sua libertação no dom de si e, desta forma, acontece o reencontro de si mesmo, mais ainda para a descoberta de Deus”⁴⁵; é um amor *eros* que, todavia, é totalmente *agapê*. Em conclusão, podemos dizer que o amor é a essência do exercício da sexualidade; ele é o condutor do processo da sexualidade humana. A dignidade da pessoa humana, o valor da sexualidade, a

⁴⁰ Cf. RENAUD, in: Vítor Feytor Pinto, *Sexualidade humana, exigências éticas e comportamentos saudáveis*, ... 23-24.

⁴¹ *Ibidem*.

⁴² *Ibidem*.

⁴³ *Ibidem*, 38.

⁴⁴ Cf. BENTO XVI, *Deus Caritas est*, Paulinas, Lisboa, 2006, 18.

⁴⁵ *Ibidem*, 16-18.

riqueza da fecundidade perpassam no amor que o homem dá, fazendo a vivência da sexualidade ganhar efetivamente sentido.

Na sua dura experiência de vida no campo da concentração, Viktor Emil Frankl relata um sentido de vida que o homem busca. Segundo ele, o homem pode encontrar sentido para a sua vida e para o amor no sofrimento. Porém, o amor é a única maneira de compreender o ser humano no mais íntimo da sua personalidade. Para se ter um conhecimento pleno de uma pessoa, é necessário ama-la, pois, por meio do amor, fica-se mais capacitado para notar as características essenciais do seu caráter e compreender a potência que há nelas. Essa descoberta da potencialidade do outro fortifica, porque torna o outro consciente da sua capacidade⁴⁶.

3. 2. Síntese

Na sua reflexão, Cristina Sá Carvalho considera a sexualidade humana como uma realidade complexa que abrange várias dimensões da vida: biológica, psicológica, social, cultural e ética. A dimensão biológica proporciona ao comportamento sexual humano um “fundo vital”, gerado a partir de pulsões biológicas; é, portanto, um fenômeno necessário ao ciclo vital da sobrevivência da espécie humana, por isso, “biologicamente a sexualidade humana está associada a um verdadeiro luxo vital”⁴⁷.

As emoções mais profundas que o ser humano quer comunicar, com sentido e significado, muitas vezes por símbolos que encarnam uma dimensão celebrativa, definem a dimensão psicológica. A sexualidade também é fonte de relação, de comunicação interpessoal, que indica a percepção da realidade do outro; abre a nossa possibilidade de nos relacionarmos, impele-nos a descobrir a identidade do outro e a nossa própria identidade. Por isso, a sexualidade também apresenta uma dimensão cultural, social e dialógica. Mas sem a dimensão ética a sexualidade perderia a essência do seu valor.

Sabemos que o comportamento humano só tem sentido se for acompanhado por valores éticos. Só é possível uma vivência da sexualidade bem integrada na totalidade da pessoa quando esta é acompanhada com valores que constroem e dirigem a vida humana.

⁴⁶ Cf. Viktor Emil FRANKL, *O homem em busca de um sentido*, Lua de Papel, Córdova, 2012, 113-114.

⁴⁷ Cf. Cristina Sá CARVALHO, *Guia de Educação da Sexualidade*, ... 33- 41.

À medida que aprofundamos o conceito de sexualidade, melhor compreendemos que a esta é um mistério que não se esgota na genitalidade, nem na afetividade, mas que se realiza nestes dois elementos vitais. A afetividade é elemento mais nobre, pois orienta as relações e condu-las à plenitude do compromisso, dignificando-as. A sexualidade é uma riqueza que envolve a pessoa no seu todo: corpo, espírito, sentimento, projetos, sonhos... por isso, a sexualidade é “uma componente fundamental da personalidade, um modo de ser, de se manifestar, de comunicar com os outros, de sentir, de se exprimir e de viver o amor humano”⁴⁸.

A definição da sexualidade é também tida como “um espaço aberto para o amor e nele encontra o seu sentido, pressupõe uma vivência da beleza e da exigência de uma relação, onde cada pessoa é um dom para o outro, e ambos são dom para a realização de um projeto de abertura à vida”. Por conseguinte, orienta a construção da personalidade e a sua maturidade⁴⁹.

4. As noções da sexualidade na cultura

Atravessando os séculos, a mentalidade, o pensamento e as noções sobre a sexualidade formaram um conjunto de fisionomias diferentes, com visões negativas e positivas. A sociedade mudou, a era digital está atravessar este tempo, com grandes paradigmas como “a pluralidade, a diversidade, o intercâmbio multicultural e a participação dos cidadãos à escala global”⁵⁰. O nosso empenho nesta reflexão advém de um ensejo de pensar criticamente a sexualidade. Não lhe negamos a complexidade, nem tão pouco alimentamos a ilusão de resolver os problemas que a caracterizam, mas gostaríamos de propor uma reflexão que ajudasse a criar novas formas de a entender, com mais conhecimento e responsabilidade.

Uma vez que não importa apenas uma parte da pessoa humana, mas a pessoa no seu todo, a formação dos professores e dos educadores deve ser mais cuidada, porque a educação hoje, neste mundo digital, apresenta novos desafios. A abordagem da sexualidade pode partir de várias ideias presentes na nossa sociedade. Muitos destes conceitos resultam de uma mudança extrema de atitude, outros porém nem tanto. Discutiremos, primeiro, os pontos de vista mais negativos da sexualidade, que têm marcado, de forma profunda, o tecido social.

⁴⁸Cf. Vítor Feytor PINTO, *Sexualidade humana, exigências éticas e comportamentos saudáveis*, ... 33.

⁴⁹ Cf. SECRETÁRIO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Manual do Aluno, Educação Moral e Religiosa Católica, 8º ano, Livres para amar*, Fundação Secretário Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2009, 16.

⁵⁰ Dulce Helena Morgado Raimundo MELÃO, *Ler na era digital: os desafios da comunicação em rede e a (re) construção da(s) literacia(s)*, in: http://www.exedrajournal.com/docs/N3/06A-Dulce-melao_pp_75-90.pdf (consultado no dia 01 de dezembro de 2015).

4. 1. Do tabu à revolução sexual

A noção da sexualidade como tabu está enraizada na cultura, e ainda perdura na sociedade hodierna, apesar das muitas transformações. A permanência desta ideia tem como raiz a visão negativa da sexualidade. Era preciso esconder, era necessário manter silêncio; não se podia dar quaisquer explicações sobre a sexualidade às crianças e aos jovens. Considerava-se, portanto, que o mais correto seria manter os mais novos na ignorância. Tudo o que tinha a ver com a sexualidade era proibido e secreto. Isso levava a que muito do que a sexualidade implica ficasse na clandestinidade. Apenas o canto de alguns poetas, a ousadia de certos romancistas, o arrojo de alguns pintores e escultores, cineastas e encenadores quebravam pontualmente o silêncio⁵¹.

Assistimos a uma mudança de atitude, passando-se do extremo da proibição à banalização. Depois de um longo período de clandestinidade, em que a sexualidade fora olhada com desconfiança, esta reivindica a sua própria autonomia científica e passou a ser publicamente reconhecida.

O termo “revolução sexual”, adaptado por Reich (1936), estendeu-se a toda a cultura sexual a partir de finais do século XIX. Esta revolução provocou diversas interpretações psicanalíticas. Com ela vieram grandes mudanças de mentalidade e de comportamento. De uma sexualidade olhada com suspeição, passa-se para uma sexualidade publicamente reconhecida, valorizada como parte integrante da corporeidade; de uma sexualidade cujo fim único fora a procriação para uma sexualidade valorizada pela gratificação interpessoal que pressupõe⁵². No seu estudo Teresa Tomé Ribeiro afirma que na década 80, “as regras morais e sociais bem como os valores humanos que regiam os comportamentos passam a ser desvirtuados e conotados como entraves à liberdade e à realização pessoal”⁵³.

Com a reclamação da liberdade, verificou-se uma igualdade no comportamento do homem e da mulher. Ambos reivindicaram o direito à experiência, inclusive os adolescentes, com a sua ânsia de liberdade e o desejo de novas experiências. Esta liberdade sexual leva à discussão e, por vezes, à legalização de comportamentos que suscitam grande polémica social: a prática do aborto para contrariar uma gravidez indesejada; o uso de contraceptivos para se desfrutar de uma maior liberdade na relação sexual; a ingestão da pílula do dia seguinte para evitar uma gravidez fortuita; a aceitação das relações homossexuais, com base na ideia de que se deve

⁵¹ Cf. Vítor Feytor PINTO, *Sexualidade humana, exigências éticas e comportamentos saudáveis*, ... 75.

⁵² *Ibidem*, 73-79.

⁵³ Teresa Tomé RIBEIRO., “Os jovens e a educação sexual: contributos para a aplicação dum programa de educação sexual”, in: *Educação da Sexualidade na Escola: um treino de competências*, ... 6.

respeitar a orientação sexual dos indivíduos; a legalização da adoção por homossexuais para proporcionar a todos os seres humanos a experiência da maternidade/paternidade⁵⁴.

De facto, o progresso científico e técnico tem, na sociedade, um valor inestimável. Mas este não deve servir para facilitar comportamentos ou descartar responsabilidades, nem tão pouco incentivar uma forma de estar assente exclusivamente na procura incessante de prazer físico, numa orientação desprovida de valores de conduta, básicos para a felicidade do ser humano. Muitas destas medidas favorecem, em suma, um comportamento social e pessoal pouco saudável, fixando-se apenas na prevenção das consequências negativas que possam ser desencadeadas⁵⁵. O apelo feito ao imediato é uma tentação forte dos nossos dias⁵⁶. Papa Francisco apela a que tenhamos ousadia de renunciar o estilo de vida consumista que nos absorve⁵⁷.

O exibicionismo e a permissividade alteraram os comportamentos sexuais; com eles abriu-se uma nova influência na sociedade moderna, reclamando-se outras regras, outras experiências, na exploração das próprias potencialidades e na relação com os outros. A sexualidade exige a sua própria autonomia científica. Segundo Vítor Feytor Pinto, esta mudança de paradigma foi iniciada por Freud com a ilação de que “o princípio do prazer constitui a potencialidade dinâmica da libido e a conflitualidade inserida no dinamismo sexual”⁵⁸. Simone Beauvoir realça a importância da libertação sexual da mulher, considerando que, até então, o homem tinha sido o único artífice da história; à mulher ficara reservado o estatuto de “escrava”, pois vivia numa situação de dependência, estando reduzida à sua função procriadora. A autora enfatiza a relevância de uma completa igualdade entre o homem e a mulher, livres do vínculo do matrimónio e de qualquer responsabilidade procriadora⁵⁹.

4. 2. Consequências da revolução

As evoluções filosóficas surgidas no século XX deram à sexualidade, um novo sentido. A afetividade é secundarizada e com ela surgiram também novos fenómenos, tais como: o divórcio, a contraceção, a liberdade sexual. Existem inúmeros fundamentos filosóficos que

⁵⁴ Cf. Vítor Feytor PINTO, *Sexualidade humana, exigências éticas e comportamentos saudáveis*, ... 75.

⁵⁵ *Ibidem*. 81.

⁵⁶ Cf. Teresa Tomé RIBEIRO., “Os jovens e a educação sexual: contributos para a aplicação dum programa de educação sexual”, in: *Educação da Sexualidade na Escola: um treino de competências*, ... 8.

⁵⁷ Cf. PAPA FRANCISCO, *Laudato Si* ... 167.

⁵⁸ Cf. Vítor Feytor PINTO, *Sexualidade humana, exigências éticas e comportamentos saudáveis*,...81

⁵⁹ Cf. Simone BEAUVOIR, in : Vítor Feytor PINTO, *Sexualidade humana, exigências éticas e comportamentos saudáveis*,...75.

transformaram a mentalidade e os comportamentos do homem, com contributos positivos e negativos para a convivência social⁶⁰.

4. 2. 1. Os aspetos positivos

A dignidade da pessoa humana foi um dos aspetos que mais se valorizou, em conformidade com a defesa dos direitos; assim, pretende-se que, na vida afetivo-sexual, as pessoas se respeitem, a si próprias e aos outros⁶¹. Neste âmbito sublinham-se os aspetos que aviltam a dignidade da vida humana, como a pedofilia, a violação, a prostituição, o masoquismo, o sadomasoquismo e até o autoerotismo. São também condenados os atos sexuais praticados contra os mais frágeis, como as crianças e os adolescentes⁶². Segundo Viktor Emil Frankl estes atos sexuais desordenados mostram um vácuo existencial, ou seja, “o lugar da vontade de sentido de frustração ocupada pela vontade de prazer. É por isso, que a frustração existencial muitas vezes desencadeia uma compensação sexual”⁶³. Nessa linha, o Papa Francisco apela ao bom uso das coisas do dia-a-dia, à sobriedade de vida, pois isto nos leva a “restituir a nossa dignidade e a uma maior profundidade existencial”⁶⁴. Na mesma linha o Papa Francisco afirma que assim como “a cultura do relativismo é uma patologia que impele uma pessoa a aproveitar-se de outra e a trata-la como mero objeto”. Assim também, a exploração sexual das crianças e abandono dos mais velhos provinham desta mesma cultura⁶⁵.

Alcançou-se um novo estatuto de igualdade entre o homem e a mulher. Neste âmbito não há a instrumentalização do outro na relação, salvaguardando-se a felicidade como um direito de cada um. O homem contemporâneo encontra na vida afetivo-sexual uma expressão de rara beleza, como fonte de harmonia e de paz; conseguir vivê-la é garantia da comunhão plena.

O progresso científico e técnico são tidos como aspetos positivos que trazem à vida humana mais qualidade: “a medicina faz maravilhas, a ciência descobre soluções, a técnica facilita comportamentos”⁶⁶. Porém, o progresso científico tem, muitas vezes, uma utilização errada, pois viabiliza a desresponsabilização no âmbito da vivência afetiva-sexual⁶⁷.

⁶⁰ Cf. Vítor Feytor PINTO, *Sexualidade humana, exigências éticas e comportamentos saudáveis*, ...76.

⁶¹ *Ibidem*, 49.

⁶² *Ibidem*, 80.

⁶³ Viktor Emil FRANKL, *O homem em busca de um sentido*,...110.

⁶⁴ Cf. PAPA FRANCISCO, *Laudato Si*, ... 171.

⁶⁵ *Ibidem*, 110

⁶⁶ Vítor Feytor PINTO, *Sexualidade humana, exigências éticas e comportamentos saudáveis*,... 80-81.

⁶⁷ *Ibidem*.

Para além dos elementos acima mencionados, a sensibilidade ética é também considerada como um dos aspetos que dão sentido à vida afetivo-sexual das pessoas. Seria importante que todos soubessem valorizá-la, pois, muitas vezes, as experiências sexuais sobrepõem-se aos critérios éticos que são, de facto, o garante de uma sexualidade gratificante e responsável.

4. 2. 2. Os aspetos negativos da revolução sexual

Veremos as configurações que sensibilizam e comprometem uma ética na vida afetivo-sexual, levando a uma redução dos valores da vida humana. Há que remontar à revolução sexual.

O racionalismo materialista levou ao inevitável sacrifício dos valores espirituais. Deu-se mais importância à razão, que é o referente do comportamento humano nas tomadas de decisões importantes na vida. Nesta linha, no universo da sexualidade, o mais importante não é o amor, que sai até secundarizado. O que importa é ter corpo e sensações físicas. Esta corrente rejeita Deus como criador, negando a sua existência, e considera a fecundidade como obra da natureza⁶⁸.

O subjetivismo individualista coloca a pessoa humana, o indivíduo, acima de todas as implicações sociais, ou seja, cada um define o seu comportamento, sem se preocupar com os outros. No entanto, a vida afetivo-sexual só se realiza plenamente no encontro com o outro, pactuando na comunhão de vida e na contínua responsabilidade perante os outros. A permissividade hedonista é considerada típica da sociedade atual, porque coloca os interesses do prazer acima dos valores éticos. E o culto do prazer recusa o sentido de sacrifício no exercício da sexualidade⁶⁹.

A visão redutora da sexualidade tem marcado esta dos inícios deste milénio. Ela encontra-se patente nas obras de arte, na literatura, no cinema, na televisão, nos programas de informação, de cultura ou de humor, que apresentam a sexualidade apenas na sua componente biológica e a sua prática, na dimensão fisiológica. Este modo de estar empobrece enormemente a vida sexual humana. Se a sociedade apresenta desta forma a vivência da sexualidade, como proporcionar aos alunos outra forma de valorização a sexualidade? A absolutização dos fatores económicos revela que só se valoriza a atividade que traz lucro fácil; logo importa a comercialização da vida. Na lógica do lucro, temos uma sociedade assente no liberalismo

⁶⁸ Cf. Vítor Feytor PINTO, *Sexualidade humana, exigências éticas e comportamentos saudáveis*, ... 82.

⁶⁹ *Ibidem*.

económico, que os políticos protegem e incentivam. Em consequência disso, as próprias famílias caem nessa mesma valorização fácil dos ganhos⁷⁰.

4. 3. Síntese

Os aspetos positivos e negativos que a revolução sexual trouxe consigo dão-nos a conhecer a mudança profunda da vida sexual da sociedade de hoje, ou melhor, do homem hodierno. A tendência para restringir a sexualidade ao sexo e a hipervalorização da quantidade, em detrimento da qualidade, anulam o que há de mais profundo no mistério do ser humano. Segundo Cristina Sá Carvalho, estas novas “ondas da sexualidade” escondem uma sexualidade reprimida, imatura ou sobrecompensada, na qual, na maioria esmagadora das manifestações sexuais, prevalecem sintomas de “regressão” e de hipergenitalização, típica do estágio infantil, até ao sintoma patológico do exibicionismo quantificado⁷¹.

Deste modo, a sexualidade é considerada um ato de consumo desprovido de sentido da vida e de amor. No entanto, o amor é única maneira de compreender o outro no mais íntimo de si. No seu estudo sobre o sentido da existência, Viktor Emil Frankl afirma que o vácuo existencial é um fenómeno frequente e alargado no século XX; é por isso que a frustração existencial muitas vezes desencadeia uma compensação sexual, ou seja, o lugar da vontade frustrada é ocupado pelo desejo de prazer⁷².

O desafio que nos é feito consiste em descobrir que a sexualidade só tem valor quando acompanhada de amor, isto é, quando se busca a felicidade do outro, recusando-se que seja um ato egocêntrico, de mera procura do prazer pelo prazer.

5. A educação da sexualidade

A importância da educação da sexualidade surgiu após séculos de silêncio, nos quais a família, a escola, o estado e as instituições, como, por exemplo, a própria Igreja, sentiram a urgência de uma educação sexual responsável, integradora de todos os valores que a afetividade e a sexualidade contemplam.

⁷⁰ *Ibidem*, 80-81.

⁷¹ Cf. Cristina Sá CARVALHO, *Guia de Educação da Sexualidade*, ... 60-61.

⁷² Cf. Viktor Emil FRANKL, *O homem em busca de um sentido*,... 111-114.

Esta reflexão apresenta muitos aspetos que a educação deve urgentemente salvaguardar; destes destacam-se os pensamentos que estruturam a personalidade do ser do humano. Como componente fundamental da personalidade, a sexualidade é um modo de ser, de se manifestar, de comunicar com os outros, de sentir, de expressar e de viver o amor humano. Temos, por isso, a obrigação de desenvolver os valores que guiam o ser humano no sentido de uma educação libertadora⁷³. Aquilo que se pretende em qualquer educação é conduzir o indivíduo a um caminho redentor, que o responsabilize pelas decisões tomadas.

Estamos cientes da relevância das noções de afetividade e de sexualidade, bem como da importância da relação entre corpo e espírito, não podendo a educação sexual ser encarada isoladamente. Ela é uma componente da educação integral. Entende Vítor Feytor Pinto que a educação sexual deve incluir a educação dos afetos e das expressões sexuais⁷⁴.

5. 1. O objetivo

O objetivo da educação da sexualidade deve encontrar-se na linha do que se pretende com a educação em geral, a qual é o processo catalisador de amadurecimento humano e é também um meio pelo qual a criança ou o jovem descobre, de modo harmonioso, as suas potencialidades. É graças à educação que o ser humano se torna uma pessoa autónoma e livre, com um projeto de vida orientado para um ideal.

Perguntamos a quem se destina a educação da sexualidade. Sabemos que toda a educação implica família, escola e outros agentes de formação dos jovens e dos adolescentes. Compreendemos que a educação é sempre um caminho de construção de liberdade e de personalidade. Neste sentido, procura-se que a educação da sexualidade ajude a descobrir a identidade de homem e de mulher, para que se desenvolvam capacidades como a autenticidade, a partilha e a responsabilidade. A educação da sexualidade não visa, portanto, disponibilizar informação sobre o ato sexual, embora importe realçar a parte higiénica-sanitária inerente ao processo educativo. É essencial promover a educação sexual no quadro de uma educação integral, no desenvolvimento de uma sexualidade ordenada e amadurecida, no sentido psicológico, ético e espiritual. Em última análise, esta é a única forma de educação

⁷³ Cf. Vítor Feytor PINTO, *Sexualidade humana, exigências éticas e comportamentos saudáveis...* 58.

⁷⁴ *Ibidem*, 56-57.

da sexualidade, porque, para educar sexualmente, também é preciso educar a afetividade, levando a pessoa a conhecer as suas próprias capacidades e fragilidades⁷⁵.

Para além disso, a educação da sexualidade deve favorecer atitudes características de uma vida saudável, como a assunção de um compromisso; é fundamental que a pessoa se sinta responsável pelas opções de vida tomadas, para que também tenha uma visão crítica da realidade, aceitando as suas necessidades e desejos. Há que despertar no indivíduo um comportamento saudável, concordante com uma matriz de valores maduros e coerentes. A educação da sexualidade também serve para que a pessoa aprenda que o bem-estar pessoal não deve interferir com o bem-estar do outro, nem com a sua dignidade⁷⁶.

5. 2. Olhar crítico

Reconhecemos que a sexualidade é uma questão complexa e difícil de ser abordada, tendo em conta a sua transversalidade com a personalidade humana. Ora, acerca da sexualidade muitas questões se colocam, além de que existem ainda várias fontes de informação merecedoras de investigação. Segundo a opinião da Cristina Sá Carvalho, o primeiro passo a dar consiste numa atitude crítica para com a sexualidade, isto é, há que evitar os preconceitos quando avaliamos informações, reivindicações e argumentos.⁷⁷

Não há dúvida de que é preciso estar atento às novas teorias, pois estas mudam diariamente. O que hoje pode ser verdade amanhã poderá não ser; com efeito, tudo o que pertence ao domínio de opinião varia muito facilmente, com o tempo e com o contexto. Além disso, há que extirpar o que no pensamento do homem existe de crença. Importa sujeitar algumas das chamadas “ideias feitas” ao teste da realidade. Numa educação acerca da sexualidade a atitude deve ser a de abertura à novidade e aos novos desafios, mantendo-nos firmes no que é essencial, ou seja, no que é a realidade.⁷⁸ Mas, acima de tudo deve ser uma formação “clara, verdadeira, gradual que proporcione aos mais jovens, a oportunidade de questionarem, discutirem e refletirem sobre assuntos e decisões essenciais ao seu desenvolvimento psicossocial com repercussões na sua vida futura”⁷⁹.

⁷⁵ *Ibidem*, 57-59.

⁷⁶ Cf. Cristina Sá CARVALHO, *Guia de Educação da Sexualidade*, ...64-65.

⁷⁷ Cf. Cristina Sá CARVALHO, *Guia de Educação da Sexualidade*, ...64-65.

⁷⁸ *Ibidem*, 68

⁷⁹ Teresa Tomé RIBEIRO., “O professor de educação da sexualidade – aspectos a desenvolver”, in: *Educação da Sexualidade na Escola: um treino de competências*, ... 44.

Cristina Sá Carvalho propõe várias atitudes na educação da sexualidade, entre elas a capacidade de questionar a sabedoria convencional. Muitas convenções são aceites pela grande maioria das pessoas, mas as fontes são pouco credíveis. Para que uma crença explique uma verdade concreta, ela deve basear-se em investigações científicas. As questões de ordem moral não devem ser tratadas do mesmo modo, mas devemos sujeita-las a uma análise independente e isenta desse tipo de dados.⁸⁰

Assim, a estudiosa referida explica que seria importante conhecer, saber e investigar, para ganhar capacidade crítica. A fim de melhorar esta investigação sobre a sexualidade, é necessário ainda conhecer de forma sólida as crenças, os valores, as condicionantes religiosas, políticas e morais que os autores nos fornecem.

Dada a sua complexidade e sensibilidade, a autora relembra que, para tratar a temática, é necessário que esta seja abordada com alguma sinceridade, pois há que reconhecer que grande parte das nossas convicções acerca da mesma pode estar errada. Além disso, devemos manter a nossa capacidade de nos maravilharmos, de nos admirarmos, porque descobriremos sempre algo mais, que nos surpreende nessa complexidade e nessa beleza inerente à sexualidade. A abertura por parte de quem quer conhecer esta realidade e a capacidade de questionar as crenças já constitui um caminho expressivo⁸¹.

5.3. Motivos do conhecimento

Para melhorar a abordagem da sexualidade exige-se uma posição positiva da parte de quem quer conhecer e aprofundar este tema. Com uma atitude honesta e crítica podemos ir mais longe, porque o entendimento da sexualidade requer flexibilidade mental e visão crítica sobre o conhecimento já adquirido. A qualidade e a profundidade da educação da sexualidade devem estar na mesma linha das restantes dimensões da personalidade. Vemos nas seguintes linhas os motivos principais que demonstram a “obrigatoriedade” do estudo da sexualidade:

- **Conhecermo-nos a nós próprios e às realidades que nos rodeiam.** Ter um autoconceito positivo, principalmente sobre a sexualidade, contribui para a saúde física e mental. Uma sexualidade equilibrada e bem desenvolvida coopera com a qualidade de vida, ajudando a que esta se torne uma fonte de satisfação e de

⁸⁰ Cf. Cristina Sá CARVALHO, *Guia de Educação da Sexualidade*, ...68.

⁸¹ Cf. Cristina Sá CARVALHO, *Guia de Educação da Sexualidade* ... 65-66.

maturidade: “Uma personalidade madura e bem desenvolvida implica uma sexualidade igualmente madura e integrada”⁸². O objetivo do autoconhecimento também promove na educação integral da pessoa, incluindo o psicológico, o ético e o espiritual⁸³.

- **Definir a sexualidade pelos valores adquiridos.** É necessário conhecer estes valores, para depois distinguir o certo do errado, pois há valores que precisam de ser trabalhados, se contiverem critérios limitados em resposta às escolhas de comportamento sexual. Para além disso, a maior parte dos que adotam valores fundamentais para a sua vida acreditam que a sexualidade é um dom de Deus, criado para o bem-estar da pessoa e para o bem-estar dos demais, tornando-se, deste modo, motivo da felicidade e da realização pessoal⁸⁴. Exige-se uma sensibilidade ética que possa respeitar a riqueza da afetividade e da sexualidade, a ponto de promover a maior dignidade da pessoa e de todos os que ficam envolvidos em cada situação.
- **Perceber a importância da comunicação na vida diária.** Neste estudo da sexualidade, pretende melhorar-se a comunicação com os outros. A qualidade e a profundidade de uma relação têm a sua fonte na boa comunicação, na qual o amor tem um papel primordial e insubstituível⁸⁵.
- **Conhecer a sexualidade.** O conhecimento da sexualidade também pode ser um meio de segurança, pois pode ajudar a lidar com os problemas que dela advierem; na verdade, a sexualidade também se aprende, se desenvolve e tem lugar em condições e etapas da vida muito diferentes. O conhecimento adequado acerca do assunto pode evitar desnecessários sentimentos de vergonha, de culpa ou de agressividade⁸⁶. Mas, sobretudo, para que a pessoa viva em responsabilidade e em liberdade⁸⁷.
- **Adquirir o conhecimento necessário e adequado acerca da educação da sexualidade.** Saber e ser capaz de transmitir às gerações mais jovens uma atitude sexual mais positiva é uma competência que parte do sentido de responsabilidade. Devemos ajudar os mais jovens a terem uma orientação da sexualidade saudável e adequada à partilha de um projeto de vida, sem medos, dando-lhes indicação clara dos

⁸² *Ibidem*, 68.

⁸³ Cf. Vítor Feytor PINTO, *Sexualidade humana, exigências éticas e comportamentos saudáveis*, ... 61.

⁸⁴ Cf. Cristina Sá CARVALHO, *Guia de Educação da Sexualidade* ... 69.

⁸⁵ *Ibidem*, 70-71.

⁸⁶ *Ibidem*.

⁸⁷ Cf. Teresa Tomé RIBEIRO., “Programa de educação da sexualidade”, in: *Educação da Sexualidade na Escola: um treino de competências*, ... 52.

valores e contravalores a viver em cada atitude. A sexualidade, a afetividade, a genitalidade e as relações são tópicos sérios do estudo da sexualidade. Sabemos que, cada vez mais, se sente a necessidade de uma informação adequada e perspicaz, com energia positiva, que aconselhe as novas gerações. É sobretudo na família, na escola e noutros lugares que os mais jovens frequentam ou aprendem a serem futuros adultos da sociedade⁸⁸.

5. 4. As interpretações redutivas

Existem várias formas de interpretar a educação da sexualidade, algumas muito restritivas para a cosmovisão necessária. Centram-se estas na dimensão biológica e sanitária, ou proporcionam uma visão hedonista da sexualidade. Propomos que estas formas sejam submetidas a uma reflexão mais ponderada, se queremos que os mais jovens cresçam numa educação mais integral, não só no universo da sexualidade, mas também de todo o envolvimento da educação da sua personalidade. Consideramos que as seguintes interpretações são insuficientes:

- A visão da sexualidade baseada no aspeto **higiénico-sanitário centra-se** apenas na informação científica sobre o sexo e sobre os seus mecanismos anatómicos e fisiológicos. Sabemos, todavia, que a informação sobre a prevenção das transmissões de possíveis doenças e alguns cuidados higiénicos⁸⁹ são relevantes. Essas necessitam não apenas do tratamento médico, mas também de novos comportamentos éticos a nível individual, familiar e social, e outras respostas eficientes às questões graves que atingem o homem hodierno⁹⁰. A propósito dessas possíveis doenças, na sua encíclica *Laudato Si*, o Papa Francisco reflete sobre a raiz humana da crise ecológica, e afirma que essas são marcas da sociedade contemporânea onde o “paradigma tecnocrático tende a exercer o seu domínio sobre a economia e a política”⁹¹. Acrescenta ainda o Papa que, não se trata apenas da eficiência da solução técnica ou da ciência que oferecem soluções para os grandes problemas, mas sim, o conhecimento das outras áreas do saber, tais como: a filosofia e a ética social que levam o homem a um reconhecimento verdadeiro de horizontes éticos de referência⁹². Por mais eficiente que

⁸⁸ Cf. Cristina Sá CARVALHO, *Guia de Educação da Sexualidade ...* 70-71.

⁸⁹ Cf. Vítor Feytor PINTO, *Sexualidade humana, exigências éticas e comportamentos saudáveis, ...* 60.

⁹⁰ Cf. José Rui Costa PINTO, *Bioética para todos, ...* 114.

⁹¹ Cf. PAPA FRANCISCO, *Laudato Si*, ... 100.

⁹² *Ibidem*, 102.

a tecnologia seja, o Papa afirma que o homem atual não parece ainda feliz com a evolução tecnológica, por isso, devemos perguntar, que rumo traçar, que alternativa temos para suportar o vazio?⁹³

- Entre as educações da sexualidade encontra-se também a interpretação **hedonista**. Esta proporciona uma iniciação progressiva no prazer sexual, sem limites nem inibições, pretendendo afastar o homem dos tabus sociais, morais e religiosos. Esta interpretação conduz à permissividade, ao erotismo, às relações sexuais precoces, à homossexualidade como experiência na diferença, à pornografia. Este tipo de formação e informação está previsto num quadro de “direitos civis”, que todos devem ter assegurados na sociedade moderna. Em nome da educação integral da personalidade, este tipo de interpretação da educação da sexualidade é totalmente redutora⁹⁴.
- A interpretação **antropológico-cultural** também é uma das mais utilizadas para manipular e é considerada ideológica. Esta enraíza as suas convicções em elementos de natureza sociopolítica. Tem como objetivo desencadear a revolução sexual e leva-la a cabo com facilidade. Estabelecem-se normas, estruturas, comportamentos sexuais, exigidos em nome das leis da maioria, em prol de uma liberdade sem preocupações éticas. Assim se relativizam também as normas sexuais que tendem a perpetuar a injustiça. Legaliza-se tudo o que a liberdade sexual reclama, tal como o aborto para contrariar uma fecundidade não desejada; a contraceção para uma liberdade maior na relação sexual; a pílula do dia seguinte para evitar uma gravidez ocasional, sobretudo no seio de adolescentes; a relação homossexual supostamente para não contrariar a orientação sexual dos indivíduos. Esta educação é tipicamente manipuladora e ideológica⁹⁵. Sabemos que a sexualidade não se reduz a um momento de comportamento; ela integra-se no pleno e global da pessoa, por isso, este tipo de interpretação é considerada redutora, do ponto de vista da educação integral da personalidade dos mais jovens.

⁹³ *Ibidem*, 104 -105.

⁹⁴ Cf. Vítor Feytor PINTO, *Sexualidade humana, exigências éticas e comportamentos saudáveis*, ... 82-89.

⁹⁵ *Ibidem*, 60.

5. 5. As teorias sobre a educação da sexualidade

A conceção da sexualidade passou do tabu à uma exagerada permissividade. No seu livro sobre educação da sexualidade, Cristina Sá Carvalho reflete sobre alguns pontos importantes sugeridos pelo Johnson em 1968.

Uma destas teorias realça a dificuldade de se definir uma **formação formal**. Como se evidencia na maioria das famílias, a educação da sexualidade hoje já não depende só da família, nem da escola, nem da Igreja; deriva de várias fontes: amigos, internet, cinema, música, televisão, jogos de vídeo, revistas, quase sempre usadas sem controlo e sendo muito fácil aceder a plataformas de pornografia. Os adultos que acompanham as crianças e os jovens de hoje parecem indiferentes às consequências do uso das novas tecnologias entre os mais jovens. Estes por sua vez, entregues a si mesmos, vagueiam e pesquisam, conforme entendem, informações acerca de assuntos que os conduzem por caminhos errados. O acompanhamento dos filhos nestes assuntos é tão importante quanto noutros⁹⁶. Uma das razões pelas quais achamos que a educação da sexualidade deve ser mais cuidada é a falta de acompanhamento dos pais neste âmbito. É muito importante que os progenitores deem mais atenção às opiniões dos filhos para as poderem corrigir. Os adultos são claros exemplos e referência de vida para as crianças e adolescentes.

A família é um lugar no seio do qual se aprende muito sobre a vivência da sexualidade, porque **os filhos tendem a aprender com os pais**, que são modelo de vida para eles. Na educação da sexualidade os pais têm como missão “testemunhar e proporcionar uma iniciação vital à sexualidade, num clima de amor e de comunicação; transmitir os valores primordiais sobre a vida sexual; responder às questões dos filhos com diálogo amistoso; proporcionar um modelo adequado de vida de casal, aceitação responsável dos filhos, identificação sexual, clima que favoreça confiança necessária para os filhos se abrirem ao mundo e se socializarem adequadamente”⁹⁷. Por isso, os pais são solicitados a ter informações adequadas para transmitir, sem perder a oportunidade de formarem bem os seus filhos. A família deve colaborar com as escolas ou vice-versa. Na verdade, os professores podem e devem transmitir aos alunos as temáticas educativas que ajudam a formar a sua personalidade.

Os mais novos não aprenderão a educação da sexualidade vendo os outros na rua. Os adolescentes mostram cada vez mais dificuldades de conduta na prossecução de uma vida sem regras, sem acompanhamento, sem orientação, sem segurança psicológica. Tudo isto deve ser

⁹⁶ Cf. Cristina Sá CARVALHO, *Guia de Educação da Sexualidade*, ... 70-71.

⁹⁷ *IDEM*, *Conversar com os filhos sobre a sexualidade*, SNEC, Lisboa, 2008, 41.

trabalhado na escola; os agentes da educação devem tomar uma posição imperiosa, adequada para propor aos pais formação e informação. Os casos conhecidos no âmbito da vida sexual, como os abusos, as violações, as agressões aumentam neles um sentimento de culpa e de raiva, que os levará, mais tarde, a reproduzir uma violência idêntica, confirmando-se a sua incapacidade de serem responsáveis como adultos. Por isso é necessário um combate à ignorância; “ela nunca foi boa companheira de viagem”⁹⁸.

Será que informar os mais novos sobre sexualidade implica correr o risco de os levar a experimentar-la? Não, “uma boa educação da sexualidade colabora ativamente com a construção da capacidade de compreender profundamente o significado da sexualidade e a opção pela abstinência, decorrente de uma atitude de castidade e da plena integração da sexualidade na personalidade”⁹⁹. Os adolescentes avaliam as informações que têm sobre sexualidade, realizando experiências, mostram que nessa matéria não colheram quaisquer ensinamentos, pois revelam-se permeáveis à influência do ambiente. A responsabilidade pela boa educação da sexualidade das crianças e dos adolescentes não cabe apenas à escola, mas também aos pais. Por isso, há que estar atento e tomar as decisões com responsabilidade, com prudência e com a reflexão devida.

Procuremos atividades que educam saudavelmente. Manter as crianças e os adolescentes nas atividades que dão valor à vida é a forma mais correta de educar. Há que inserir o tema da sexualidade no quotidiano com naturalidade. As atividades devem ser adequadas às idades, sem coartar a capacidade de concentração ou gerar ansiedade. Elas devem enriquecer a personalidade, estimulando positivamente todas as capacidades: intelectual, física, cultural e espiritual¹⁰⁰.

A educação da sexualidade deve ser franca e integrada num âmbito moral ou religioso. Sem precisar de confirmar que a condição humana é digna de respeito, o ser humano é, por si mesmo, um ser moral. Mas são necessárias regras e normas para que esta dignidade seja cada vez mais fecunda, pois o ser humano funciona geneticamente com instinto. A sexualidade em si tem uma dignidade própria que deverá ser promovida em cada atitude pessoal e em cada relação¹⁰¹. Porém, o exagero de informação e de insistência no tema pode constituir um choque e criar uma certa perturbação nas crianças e nos adolescentes. A educação que se quer

⁹⁸ *IDEM, Guia de Educação da Sexualidade, ... 72.*

⁹⁹ Cf. Cristina Sá CARVALHO, *Guia de Educação da Sexualidade, ...72.*

¹⁰⁰ *Ibidem, 74-75.*

¹⁰¹ Cf. Vítor Feytor PINTO, *Sexualidade humana, exigências éticas e comportamentos saudáveis, ... 80.*

propor deve ser equilibrada e honesta; para isso, é fundamental conhecer a situação dos mais jovens¹⁰².

A educação da sexualidade deve ser um todo. A sexualidade abrange a pessoa toda; é a parte importante da personalidade humana. Por isso, na educação da sexualidade deve estabelecer-se a relação do tema com o amor na vida humana, o qual favorece a educação sexual no quadro de uma educação integral. Esta educação deve conduzir a uma vida de compromisso, à capacidade de integrar o outro na vida, até à comunhão que dá sentido à existência; deve permitir entender que o sentido do amor é a capacidade de abertura ao outro, o desinteresse e a dedicação, o respeito e a entrega, e sobretudo, a liberdade, na qual o egoísmo é enterrado na generosidade¹⁰³.

6. A sexualidade na perspectiva cristã

No cristianismo não existe nenhuma sacralização mítica da sexualidade humana, pois Deus é amor. Não se trata de sexo em Deus, mas trata-se de Deus que se revela como amor. A convicção cristã consiste no Deus amor, que se doa, que se entrega, por amor, à humanidade. Em suma, o amor de Deus é fundamental para a vida. No universo cristão, a palavra amor não se afasta de outros conceitos com ele relacionados. Ela tem um rosto concreto nas atitudes e gestos do dia-a-dia: amor define quem vive para o outro e não para si mesmo; amor visa a eternidade, não se fixando apenas em circunstâncias temporais, por isso, os seus valores inspiram o além, cujo horizonte é Deus¹⁰⁴.

6. 1. A sexualidade como dom de Deus

Na perspectiva cristã, o homem é criado à imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 1,26). Este Deus Criador que é também Amor chamou o homem à existência por amor e chamou-o ao amor, (cf. 1Jo 4,8). Assim, a vocação do ser humano é precisamente amor. Deus não só criou, como continua a criar; Ele continua a inscrever no ser humano a vocação para o amor e para a comunhão, na sua totalidade unificada. Por consequência, a sexualidade remete para a relação na qual o homem e a mulher se doam um ao outro, com os atos próprios dos esposos, que não

¹⁰² Cf. Cristina Sá CARVALHO, *Guia de Educação da Sexualidade*, ... 73-75.

¹⁰³ Cf. Vítor Feytor PINTO, *Sexualidade humana, exigências éticas e comportamentos saudáveis*, ... 65.

¹⁰⁴ Cf. BENTO XVI, *Deus Caritas Est*,... 13-17.

são puramente biológicos, mas dizem respeito ao íntimo da pessoa humana. A família tem, por isso, a missão de transmitir com responsabilidade a vida, cuja dignidade está inscrita na essência da família. O homem e a mulher participam nessa criação contínua de Deus, cooperando livre e responsavelmente na transmissão da vida (cf. Gn 1,28). A fecundidade é, portanto, o fruto da bênção originária do Criador, transmitindo a imagem divina de geração em geração¹⁰⁵.

Como temos vindo a refletir, a sexualidade engloba toda a pessoa humana. Na sua reflexão sobre a sexualidade Amedeo Cencini afirma que a sexualidade é “uma invenção divina para encarnar o amor, suscitando no mais profundo da criatura as condições do dom Criador”¹⁰⁶. Na perspetiva cristã, como vimos anteriormente, a sexualidade é considerada como um dom de Deus- Sendo assim, a dignidade da pessoa humana está no seu ser, desde o nascimento. Por consequência, a sexualidade não pode ser olhada de modo banal, nem tão pouco negativo; é uma realidade enraizada na humanidade da pessoa, como parte da sua maneira de ser, de comunicar, de sentir, de exprimir e de viver o amor. Além disso, a sexualidade também revela a pobreza e a debilidade do próprio ser humano, que lhe faz sentir a necessidade do outro e de reconhecer o outro como dom recebido do Criador¹⁰⁷.

Anteriormente verificamos que a sexualidade é criada por Deus. Como podemos concordar com este facto? Na verdade, a sexualidade marca a pessoa toda, porque, na convicção cristã, a felicidade também é um dom de Deus que é preciso cultivar. Esta felicidade advém do desejo do infinito. Os cristãos acreditam que em Deus está a verdadeira felicidade e só Ele nos saciará totalmente e nos fará sentir plenos. Por outras palavras, só em Deus encontramos a verdadeira felicidade. O ser humano é dotado de inteligência, de capacidade de escolher entre o bem e o mal e de ser feliz. Mas também é provido de capacidade de ouvir a voz de Deus que o interpela na sua consciência a seguir a sua lei, que se cumpre no amor de Deus e no próximo. Por esta razão, o exercício da vida moral atesta a dignidade do ser humano (cf. Jo 15, 14)¹⁰⁸.

Na sexualidade descobrimos uma realidade integradora e configuradora do ser homem e mulher, nas diversas etapas do desenvolvimento da vida. A sexualidade apresenta-se como facto misto, de doação e de posse, lugar de comunhão e de solidão, de experiência, de

¹⁰⁵ Cf. JOÃO PAULO II, *Familiaris Consortio*, Editorial A.O., Braga, 1982, nº 11.

¹⁰⁶ Cf. Amedeo CENCINI, *Virgindade e celibato hoje*, Paulus, Lisboa, 2008, 49.

¹⁰⁷ *Ibidem*.

¹⁰⁸ Cf. Cristina Sá CARVALHO, *Guia de Educação da Sexualidade*, ... 98-100.

plenitude e de insatisfação¹⁰⁹. A sexualidade é um espelho perfeito do próprio ser humano, com o seu desejo de infinito, que materializa no imediato. Por isso, a sexualidade na perspectiva cristã não é apenas um produto cultural, ainda que se inspire numa cultura concreta.

Concordamos com a reflexão de Bernhard Haring, que defende que tanto o corpo como a sexualidade humana pertencem à obra de Deus. E aos olhos do criador a sua obra é boa (cf. Gn 1, 26-31), pois destina-se a um fim, que também é nobre: a comunhão de vida, a assunção da diversidade, a complementaridade, a relação constante para a comunhão plena. Por conseguinte, é fácil percebermos a importância de Deus no estudo da sexualidade humana. Nessa realização da comunhão de vida entre o ser humano, ou entre o homem e a mulher, realiza-se também a comunhão da vida da Trindade, que é na sua essência amor¹¹⁰.

6. 2. A sexualidade fundamenta-se no *Amor*

Antes de mais devemos debruçar-nos sobre a aceção da palavra *amor*. Na ótica cristã, o amor é definido de forma plena no capítulo 13 da Primeira Carta aos Coríntios: “O amor tudo crê, tudo espera, tudo suporta, o amor não acaba nunca” (1Cor 13). Ela cumpre-se não apenas na relação pessoal, mas no ato de dar a vida ao outro; a felicidade concretiza-se na alegria do outro: “Não há maior prova de amor do que dar a vida por aquele que se ama” (Jo 15,12).

No amor só existe o dinamismo oblato e criativo, capaz de produzir novas realidades; ele resolve-se na maturação interpessoal e no respeito pelos compromissos de vida e pelos projetos fundamentais. A dinâmica do amor não se centra em si, mas compraz-se com a realização de si próprio, vivendo para o outro. Perder a vida para que o outro viva, dar a vida para que o outro seja feliz, morrer para que outro exista é a dinâmica do amor (cf. Mt 16,25). O objetivo do amor está no outro, na sua realização e na alegria que se lhe oferece. O seu impulso consiste em dar, em vez de receber, em perdoar para ser perdoado, em morrer para dar vida ao outro. Ele é um ato de autotranscendência, que consiste em não ser em si mesmo; é dom de si que se torna um dom para os outros. Esta lógica é um caminho e não um fim, é uma meta a atingir¹¹¹.

¹⁰⁹ Cf. José Rui Costa PINTO, *Bioética para todos*, ... 55.

¹¹⁰ Bernhard HARING, “Sexualidad”, in: *Diccionario Enciclopédia de Teologia Moral*, Ediciones Paulinas, Madrid, 1980, 1004.

¹¹¹ Cf. Vítor Feytor PINTO, *Sexualidade humana, exigências éticas e comportamentos saudáveis*,...132-133.

Nesta perspectiva da compreensão do amor, na dimensão da sexualidade, não se deve confundir amor com os mecanismos fisiológicos da relação sexual. O amor é muito mais do que um encontro dos corpos, mais do que um desejo, mais do que uma paixão, mais do que um sentimento: ele é um compromisso de vida. Na dinâmica da vida sexual, o amor envolve todo o ser humano: *eros*, na beleza do encontro dos corpos (na ternura e carícias); *filia*, na partilha do todo que se tem e de todo o que se é; *agapê*, na comunhão e construção da unidade do ser e do agir¹¹². Segundo Christopher West, “Deus imprimiu na nossa sexualidade aquela chamada a participar numa «versão criada» da sua eterna comunhão de amor”¹¹³. Deste modo, a comunhão sexual reflete, embora de forma imperfeita, a comunhão da Trindade.

Como sabemos, a sexualidade tem um dinamismo que engloba a energia do indivíduo, abrangendo todos os aspetos da vida, o corpo, o espírito e os sentimentos. Por isso, a sexualidade não é só física, biológica ou psicológica, ela também deve ser vivida com plena consciência. O amor quando é verdadeiro, com as expressões mais diversas, tende para a intimidade, que favorece a fecundidade, ou seja, a capacidade de continuar a vida. No caso dos casais, a vida continua nos filhos, mas também existem fecundidades que se realizam em atos de caridade e em projetos diversos¹¹⁴.

6. 3. A sexualidade projeta felicidade e fecundidade

Anteriormente vimos que, aos olhos de Deus Criador, a sua obra é boa, com isso, a sexualidade também é um dom maravilhoso para a felicidade do homem. A felicidade que mencionamos também significa fecundidade de vida, a qual implica maturidade. Neste sentido, esta última não consiste em ser uma pessoa cientificamente completa, trata-se de um caminho a percorrer e uma meta a alcançar. Sabemos que cada pessoa transcende a realidade, pois todo o ser humano é um mistério e está no caminho para a plenitude de vida. A maturidade significa a conquista de um estilo de vida pessoal, com o sentido de si e da sua própria identidade; uma pessoa com consciência da realidade¹¹⁵. A sexualidade só existe se houver uma relação em que se dê e receba. O objetivo duma relação pode chamar-se um projeto de vida, pois é algo com que se sonha e que se quer concretizar.

¹¹² *Ibidem*, 134.

¹¹³ Cf. Christopher WEST, *Teologia do corpo para principiantes*, Paulinas, Lisboa, 2013, 19.

¹¹⁴ Cf. Vítor Feytor PINTO, *Sexualidade humana, exigências éticas e comportamentos saudáveis*,... 134-136.

¹¹⁵ Cf. Emanuele FIZZOTTI, *Psicologia e maturidade na vida consagrada*, Paulus, São Paulo-Brasil, 2014, 20-21.

A sexualidade madura atinge-se quando o caminho se faz em direção à afetividade, dentro de um projeto global, que estimula o sentido de confiança, de coragem e de socialização com responsabilidade recíproca. Há que orientar a sexualidade para esse projeto de vida que a pessoa escolher. Na lógica disso, existe uma obrigação geral de crescer no sentido da abertura e da reciprocidade, princípios da integração ou da castidade. A castidade não significa apenas a abstinência, ela é a afirmação de que a sexualidade, no seu exercício, depende do projeto de vida de cada pessoa, ou, falando na linguagem cristã, a vocação e o estado de vida que cada um é chamado a ser e a viver¹¹⁶.

Quem fala de felicidade também fala da fecundidade da vida. A sexualidade também significa generatividade, vida recebida, dom criador¹¹⁷. A fecundidade da vida humana não se concretiza apenas na transmissão da vida física, com o nascimento de um filho e o seu sustento até alcançar a autonomia na juventude. Sendo a vida humana um conjunto de dimensões biológica, psicológica, cultural e espiritual, também temos de referir a fecundidade daqueles que não geram filhos biológicos, como é o caso das pessoas consagradas ou dos que optam por uma vida celibatária, sem compromisso conjugal¹¹⁸.

A fecundidade física e biológica está enraizada na vida humana, no caso dos casais, na relação entre o homem e a mulher. A vida torna-se fecunda quando é respeitada, promovida, amada, apoiada no desenvolvimento dos seus ritmos e ciclos de vida. Esta fecundidade está ligada à paternidade e à maternidade responsáveis¹¹⁹. Como diz Ambrósio, a responsabilidade da fecundidade e da transmissão de vida insere-se também na transmissão de critérios éticos, salvaguardados pelos próprios pais. “Quem não opta por critérios e valores não transmite nada”, porque uma pessoa é fecunda se em tudo o que realizar colocar a marca do amor¹²⁰.

A fecundidade física e biológica caracteriza a vida dos casais. Mas aqueles que optam por viver uma vida celibatária também têm a missão de ser fecundos. Amedeo Cencini lembra, quase em tom jussivo, que os que são consagrados para o serviço do próximo também têm de gerar. Este ato está ligado à virgindade, a qual consiste em estar totalmente livre para se dedicar, de corpo e alma, ao serviço dos outros e anunciar o amor de Deus; estamos, portanto,

¹¹⁶ Cf. Vítor Feytor PINTO, *Sexualidade humana, exigências éticas e comportamentos saudáveis...* 134-136.

¹¹⁷ Cf. Amedeo CENCINI, *Virgindade e celibato hoje...* 74.

¹¹⁸ Cf. Vítor Feytor PINTO, *Sexualidade humana, exigências éticas e comportamentos saudáveis...* 146-148.

¹¹⁹ Cf. CONCÍLIO VATICANO II, *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*, 50.

¹²⁰ Cf. Juan Francisco AMBROSIO, “Transmissão da fé”, in: *Communio*, Revista Internacional Católica, nº 4, 2009, 407.

a referir-nos à fecundidade espiritual e religiosa. Estes são os homens e as mulheres que renunciam à missão de gerar novas vidas, frutificando pela sua dádiva¹²¹.

Como dom maravilhoso de Deus, a sexualidade é felicidade quando é fecunda. E a fecundidade é esta expressão de plenitude alcançada por quem transmite vida e a recebe. Nesta dinâmica de transmissão de uma geração para a outra, tanto quem dá, como quem recebe se sentem realizados. A fecundidade plena seja a do casal, seja a dos outros estados de vida, é a expressão máxima da realização da vida. Somente na sexualidade e na afetividade inseridas num projeto de vida se pode concretizar esta fecundidade. Por isso, torna-se extremamente penosa a situação de um homem ou de uma mulher que não encontra forma de transmitir aos outros a alegria da vida que contém em si. Mas não é estéril quem orienta a sua sexualidade para um projeto de vida que inclui a completa doação aos outros, conforme a vocação de cada um.

Chegamos à conclusão de que a realização da sexualidade como um dom que é preciso cuidar. Ela tem capacidade de gerar nova vida nos diferentes aspetos que tem muito a ver com a dimensão transcendente da pessoa; é por isso que a sexualidade não pode existir sem o corpo e vice-versa, eles completam um ao outro. No capítulo seguinte veremos que o corpo é o *locus* da sexualidade e tem a sua importância na realização da sexualidade. Sem o corpo a sexualidade não se realiza e vice-versa.

A questão essencial consiste no que o corpo e a sexualidade são, sobretudo, no entender do cristão. O que significa entender o corpo como um todo, como dom de Deus, como caminho da realização de ser pessoa? É este o ponto principal que capítulo seguinte trata. Gostaria de terminar este capítulo e ao mesmo tempo introduzir o novo capítulo com um pensamento do Vítor Feytor Pinto acerca do corpo:

“O corpo tem uma dignidade própria que lhe é dada pela identidade da pessoa que pertence. A dignidade e a liberdade próprias do ser humano integram em si próprias o corpo, com todas as suas partes. Como é digno o rosto de uma criança na sua beleza, ou a ruga de um velho na história que sabe contar, também são dignos os órgãos diferenciadas da pessoa humana, que o fazem homem (masculino) e mulher (feminino)”¹²².

¹²¹ Cf. Amedeo CENCINI, *Virgindade e celibato hoje...*74-75.

¹²² Vítor Feytor PINTO, *Sexualidade humana, exigências éticas e comportamentos saudáveis...* 49.

CAPÍTULO II

O CORPO HUMANO E SUA IMPORTÂNCIA

1. A definição do que é o corpo

Nos capítulos anteriores apresentamos a sexualidade como marca da pessoa no seu todo. Por esta razão, não queremos dar menos importância ao corpo, como um elemento essencial para a concretização da sexualidade. Neste segundo capítulo procuraremos estudar a importância do corpo. Diz-nos Filomena Fabrin que este é nosso referencial com o mundo: é pelo corpo que nós existimos e nos relacionamos com os outros¹²³.

Existem vários corpos e eles podem ser estudados conforme a escala de perspectivas científicas, por exemplo, os corpos minerais, os vegetais e os animais, estudados segundo as suas componentes biológicas. O corpo humano constitui-se de átomos, de moléculas, de células, de sistemas vegetativos e nervosos; ele obedece às leis da biologia. No entanto, a sua realidade ultrapassa todas estas, pela sua consciência reflexiva, pela sua capacidade de raciocinar e de verbalizar¹²⁴.

Numa perspectiva semelhante, o corpo humano contém em si toda a sua riqueza, tornando possíveis atitudes que são uma mais-valia na vida humana. É nestas atitudes que o ser humano difere dos outros seres. Na verdade, este tem um potencial e capacidades que outros seres não têm, tais como a liberdade, a capacidade de expressão, a relação social, a possibilidade de evoluir na comunicação recíproca, nos afetos, na construção de um projeto de vida. Estes factos confirmam que o ser humano tem um corpo, que é sexuado. Este facilita afirmação da pessoa pela estrutura, pela voz, pelas atitudes, pelos gestos. É assim que as pessoas revelam a sua personalidade, os seus ideais, os seus projetos e os seus objetivos de vida. O corpo também se revela na expressão do olhar, no sorriso, nas lágrimas, no tom da fala e no que se diz. O corpo também proporciona relacionamento por meio das mãos que se tocam, ou se

¹²³ Cf. Filomena de Carlo Salerno FABRIN, *Corporeidade: educar para não reeducar*, http://www.uninove.br/PDFs/Publicacoes/cadernos_posgraduacao/cadernos_v1/cdpv1_edu_filomenadecarlo.pdf (consultado no dia 16 de Agosto de 2015).

¹²⁴ Cf. Bernard SOSBOÛÉ, *Pensar e viver a fé no terceiro milénio*, Trad. Manuel Luís de Sousa Pinheiro, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1999, 364-365.

agridem, por meio da boca que beija, ou que vocifera. Com efeito, o corpo tanto serve para demonstrar afeto, como agressividade¹²⁵.

Para termos uma visão mais global do corpo, deter-nos-emos em três idades, que nos parecem ser as mais marcantes no âmbito das reflexões que nos trazem sobre a vivência do corpo. Diferem em função do momento histórico, das condicionantes ideológicas e do contexto sociocultural.

1. 1. Idade Média

Sem pretender estabelecer comparações entre passado e presente, acreditamos que o corpo na Idade Média é uma fonte de estudo para entendermos a dinâmica das interações entre corpo e sociedade. Por isso, o corpo não pode ser trabalhado pelo historiador apenas como biológico, ao contrário, deve ser percebido como árbitro de sinais culturais. Cada representação do corpo informa sua história e reúne um sistema de valores. Neste nosso trabalho também nos interessa de modo particular a compreensão e a vivência do corpo que se deu ao longo dos séculos.

A história do corpo na Idade Média é uma parte essencial da história global, é inevitável e indispensável para se compreender adequadamente a sociedade contemporânea, na qual o corpo tem, progressivamente, ganhado cada vez mais destaque nos meios da comunicação. Segundo João Mendes este período de história tem as seguintes características:

“Mundividência e cultura, a característica fundamental desta idade, nascida da herança cultural greco-latina, assimilado pelos bárbaros, sob o influxo magistral e aglutinador da Igreja, é o teocentrismo, visão do Mundo à luz de Deus, natureza voltada para a sobre-natureza e o transcendente”¹²⁶.

O pensamento acima referido indica a Idade Média sob uma visão geral da cultura e põe em relevo a presença da Igreja Católica nesta época no poder do Papado. Porém, alguns autores apresentam esta fase de história como um período em que a Igreja se deu conta de uma necessidade de reforma. Pierre Pierrard afirma que na Idade Média houve uma reforma, muito antes da reforma de Lutero¹²⁷. Quais são as reformas desta época de história? O mesmo autor

¹²⁵ Cf. Vítor Feytor PINTO, *Sexualidade humana, exigências éticas e comportamentos saudáveis*, ... 53.

¹²⁶ João MENDES, “Idade Média”, in: *Enciclopédia Luso – Brasileira de Cultura*, Vol. 10º, Editorial Verbo, Lisboa, 1971, 787-790.

¹²⁷ Cf. Pierre PIERRARD, *História da Igreja*, Edições Paulinas, São Paulo, 1982, 161.

declara que a Igreja sentiu uma necessidade de se recuperar ao espírito evangélico que viviam as primeiras comunidades cristãs¹²⁸.

A recuperação do espírito evangélico notava-se nos “grandes testemunhos da vida monástica” que se deu na época medieval. Entre eles destacam-se Santo Agostinho, São Bento, São José de Cluny, São Francisco e outros. Um exemplo concreto foi a vida monástica de São Bento, mais conhecida como. A regra beneditina “oferecia a procura de Deus através da oração litúrgica (*Lectio divina*), do trabalho manual e do estudo, da vida comum, fraterna, santificada menos pela mortificação do corpo do que pela doce autoridade do abade (*abbas* = pai) e pela elevação do coração”¹²⁹.

A questão que se coloca é: como foi pensado e visualizado o corpo na Idade Média? O que foi o corpo para a sociedade dessa época? Alguns autores consideram que o corpo nessa época era visto como resultado das várias tensões vividas nesse período. Porque a dinâmica da sociedade e da civilização medievais resultava de tensões. Uma das principais tensões de então é a relação entre o corpo e a alma. O corpo, por um lado, era considerado como fruto de bênção e de glorificação, principalmente religiosa (quando se trata do corpo de Cristo), e, por outro, era “desprezado, condenado, humilhado”. A concepção medieval do corpo está atravessada pela oscilação entre a repressão e a exaltação, entre a humilhação e a veneração¹³⁰.

Pierre Pierrard afirma que a Idade Média foi uma época de grande renúncia ao corpo, marcada pelo ascetismo, pela pregação e por uma rigorosa abstinência. A carne é considerada «prisão da alma», e a vida na terra é um breve momento de preparação para a morte, ou seja, para vida eterna...”¹³¹. A Igreja cristã, nos primórdios do cristianismo é o transbordamento da metáfora do corpo glorioso de Cristo que simboliza a permanência do Verbo, entre nós¹³². E o corpo de cada cristão, homem ou mulher é investido da mesma transcendência do corpo divino que se fez carne, padeceu a morte e ressuscitou como incorruptível.

Pelas razões acima referidas e dentro do padrão do ensino da Igreja na Idade Média, o corpo era o sinónimo de pecado. A grande valorização do religioso promoveu a demonização dos desejos físicos, em geral, e da sexualidade, em particular, veiculando a ideia de que o corpo

¹²⁸ *Ibidem*, 102.

¹²⁹ Pierre PIERRARD, *História da Igreja*, ... 58.

¹³⁰ Cf. M. ABRAMSON; A. GUREVICH; N. KOLESNITSKI., *História da Idade Média. Do século XI ao século XV*, ... 342.

¹³¹ *Ibidem*.

¹³² Cf. Pierre PIERRARD, *História da Igreja*, 24.

era um obstáculo à descoberta da verdade e da salvação. A preocupação com o corpo era proibida. O corpo, considerado como “prisão da alma”, era desprezado¹³³.

Ao observar esta época de história, Hilário Franco Júnior afirma que “para o homem medieval, o referencial de todas as coisas era sagrado”¹³⁴. O corpo era considerado como fonte de todos os males, por isso, era necessário ignorá-lo, e até mesmo castigá-lo. Esta martirização fazia parte da “perfeição religiosa”. Cultivavam-se os cilícios, as disciplinas, os instrumentos de autoflagelação, para dominar as eventuais tendências negativas¹³⁵. O corpo era considerado como fonte de todos os males. Por isso era necessário ignorá-lo, e até mesmo castigá-lo. Esta martirização fazia parte da “perfeição religiosa”. Cultivavam-se os cilícios, as disciplinas, os instrumentos de autoflagelação para dominar as eventuais tendências negativas (os desejos da carne)¹³⁶.

Outra fonte diz-nos que sob a influência do gnosticismo (cátaros e albigenses), na Idade Média, algumas tendências radicais consideravam que o homem era infeliz por estar prisioneiro do seu corpo e do mundo. Defendiam “o caráter essencialmente mau das operações da matéria e da carne”¹³⁷. O corpo era visto como peso abominável. Quando muito, era apenas uma *vestimenta da alma*. Tudo isto produziu reverberações nos tempos da história. Segundo Pierre Pierrard estas “tensões” da Idade Média não se limitavam apenas as questões corporais, mas estavam inevitavelmente ligadas a questões espirituais¹³⁸.

A história do corpo mostra-se como um tema rico e mais complexo do que supuseram os próprios autores, sobretudo no que concerne ao período da Idade Média. Durante os séculos V e VI, o cristianismo tornou-se religião do Estado¹³⁹ e reprimia o corpo por meio da renúncia aos prazeres da carne e do controle das práticas ascéticas, de origem estoica. Verifica-se na tradição cristã ambivalência em relação ao corpo, por ventura mais radicalizada na Idade Média. Por outro lado, a encarnação do Verbo faz do corpo tabernáculo do Espírito Santo e dignifica-o; por outro, o corpo e o desejo são reprimidos mediante rigorosas práticas ascéticas (jejum, abstinência, continência). O corpo pode ser um peso. Porém, quando bem governado, o corpo pode-se tornar meio e lugar de salvação do homem.

¹³³ Cf. Denise Bernuzzi de SANT'ANNA, “Horizontes do corpo” in: *Corpo, território da cultura*, São Paulo, Annablume, 2005, 119 - 134.

¹³⁴ Paulo de ASSUNÇÃO, “O espetáculo da morte e a imortalidade do poder na celebração das exéquias de D. João V”, in: *Brotéria-Cristianismo e Cultura*, Vol. 155, Braga, Outubro 2002, 276.

¹³⁵ Cf. Vítor Feytor PINTO, *Sexualidade humana, exigências éticas e comportamentos saudáveis*, ... 47.

¹³⁶ Cf. Pierre PIERRARD, *História da Igreja*, ... 33.

¹³⁷ *Ibidem*, 33.

¹³⁸ *Ibidem*, 161.

¹³⁹ *Ibidem*, 46.

A história do corpo mostra-se como um tema rico e mais complexo do que supuseram os próprios autores, sobretudo no que concerne ao período da Idade Média. Durante o século V e VI, o cristianismo tornou-se religião do Estado¹⁴⁰ e reprimia o corpo por meio da renúncia aos prazeres da carne e o controle a estas a partir das confissões. Por outro lado, com a encarnação de Deus no corpo de Cristo, faz do corpo do homem o tabernáculo do Espírito Santo, ou seja, de um lado, os clérigos reprimem as práticas corporais, de outro, as glorifica. Depreende-se assim, que o corpo e as práticas sexuais oscilam entre a repressão e a exaltação, a humilhação e a veneração.

1. 2. Idade Moderna

A imagem negativa do corpo que a maior parte do ensinamento da Idade Média transmitiu foi sendo ultrapassada, com os progressos nas áreas da anatomia, da fisiologia e da sexualidade, e com a descoberta da estética, da beleza e da perfeição psicossomática¹⁴¹. Com a autonomização do corpo, o homem moderno sente, vive e recria o seu corpo. David Le Breton afirma que, na modernidade, os valores morais coletivos duradouros já não existem e a velocidade das mudanças atropela um sujeito que perdeu o controlo. Por isso, surge a necessidade de autonomia: modificar o corpo permite também chegar a um sentimento de identidade mais favorável, o que se torna muito importante dada a incerteza da relação com o mundo¹⁴².

Surgem vários autores que valorizam o corpo, como Nietzsche, que defende que o indivíduo autodetermina-se na sua liberdade, distanciando-se das tutelas das instituições religiosas e políticas (Estados e Igreja). A afirmação de que “o homem é corpo e não tem corpo” demonstra a situação pensante do homem como corpo, que tenta “entender-se a si mesmo como um corpo vivente que sente, pensa e quer”¹⁴³.

A modernidade ajuda o homem a tomar as suas próprias decisões, numa liberdade absoluta de escolha. Ele é o seu próprio corpo, que serve de medida de todas as coisas¹⁴⁴. Na consequência disso, as representações sociais do corpo foram concebidas, durante muitos

¹⁴⁰ Cf. Pierre PIERRARD, *História da Igreja*, ... 46.

¹⁴¹ *Ibidem*.

¹⁴² Cf. David Le BRETON., *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*, 4ª. Edição Campinas, Papirus, 2009, 54.

¹⁴³ Cf. Manuel ANTUNES, “Nietzsche”, in: *Verbo: Enciclopédia Luso-brasileira de Cultura*, Editorial Verbo, Lisboa, 1973, 106-107.

¹⁴⁴ Cf. António Manuel Alves MARTINS, “Culturas e identidades na procura da verdade, uma perspetiva a partir da antropologia teológica”, in: *Theologica*, 2ª Série, Braga, 2012, 273.

anos, seguindo uma tradição dualista e hierárquica que remonta a Platão e se expressava em Descartes na separação entre corpo e mente. René Descartes via o homem numa dualidade, na qual o corpo, dicotomizado e mecânico, não era visto como uma unidade, mas como um ser divisível em duas substâncias distintas¹⁴⁵.

Também o sociólogo David Le Breton afirma que a visão do corpo é condicionada pela cultura. O sujeito moderno fez, com sagacidade, várias descobertas: abordagens biológicas, usos de aparência, controle político da corporeidade, entusiasmo pela exploração física, etc.¹⁴⁶. Em suma, a história da noção do corpo na Idade Moderna, é marcada pela descoberta que o homem fez da beleza e da liberdade de recriar o seu próprio corpo.

A modernidade encontra em Nietzsche a sua crítica e a sua denúncia: “o super-homem virá dizer ‘sim’ à Terra e tudo quanto a Terra representa de absoluto e de fim em si mesma”¹⁴⁷. Por conseguinte, a antropologia da fidelidade à terra e à vida leva à negação da transcendência na totalidade. O corpo é o Eu. Não existe nenhuma diferença entre identidade e corpo. Em Nietzsche a corporeidade define e qualifica o homem. Surge, então, uma nova fisionomia, que leva o corpo a recuperar a sua vitalidade e ganhar protagonismo antropológico; o corpo identifica-se com o sujeito da ação: o homem, um corpo de pura imanência, sem transcendência¹⁴⁸.

Devemos questionar qual o interesse do corpo na reflexão moderna. Marcel falava do corpo como algo objetivo, embora ligado à consciência pessoal. Criticava a sua instrumentalização, recusando a ideia de que o Eu e o corpo fossem o mesmo. A modernidade tratou do corpo como se este fosse propriedade exclusiva e absoluta do homem. Esta forma de tratamento, apesar de todas as aparências, torna-nos escravos, ela é máscara da própria liberdade¹⁴⁹. Devemos por isso perguntar, se esta cultura nos oferece alternativa da dignidade do corpo, capaz de levar a um compromisso existencial, com a riqueza da sua dimensão e da interioridade que o ser humano é?¹⁵⁰.

¹⁴⁵ Cf. René DESCARTES, *Discurso do método: Introdução e Notas de Étienne Gilson*, 70 textos filosóficos, Lisboa, 2006, 1ª parte, 6-17.

¹⁴⁶ Cf. David Le BRETON., *Sociologia do Corpo*, Editora Vozes, Petrópolis, 2006, 13.

¹⁴⁷ Cf. Manuel ANTUNES, “Nietzsche”, in: *Verbo: Enciclopédia Luso-brasileira de Cultura*,... 106-107.

¹⁴⁸ *Ibidem*.

¹⁴⁹ Cf. José-Rómán FLECHA, “El cuerpo” in: *Moral de la sexualidad - la vida en el amor*,... 155-156.

¹⁵⁰ Cf. António Manuel Alves MARTINS, “Cultura (s) e identidades (s) na procura da verdade uma perspetiva a partir da antropologia teológica”, in: *Theologica*, ... 276.

1. 3. Idade Contemporânea

O homem moderno e pós-moderno é construtor livre de si mesmo, da sua individualidade; experimenta-se, afirma-se de modo reivindicativo, na “reinvenção” do seu próprio corpo, numa identificação entre projeto de existência e inscrição corpórea. O corpo é recriado, reinventado, pessoalizado. Há uma emancipação, uma autonomia da pessoa, o que significa, na prática, que o homem constrói a sua própria identidade sem tutelas religiosas pré-determinadas. Ele recria-se, autônomo na consciência de si¹⁵¹.

As possíveis características que o corpo tem na contemporaneidade são espelho do que a sociedade apresenta: o enfraquecimento dos coletivos institucionalizados, o culto do individualismo, marcado pelo surgimento de novos coletivos, a importância do sucesso, a pressão da urgência, a prioridade dada ao ato e a ilusão da ideia do absoluto. Por conseguinte, o corpo tornou-se um dos valores predominantes no mundo contemporâneo; pode ser corpo território, corpo viril, corpo excesso, corpo beleza. Assim, o lugar que este ocupa na contemporaneidade faz surgir uma patologia narcísica específica, que gera consequências importantes nas concepções subjetivas e sociais. A hipermodernidade, advinda do excesso de globalização, da migração e da deslocalização dos poderes, atribui um novo sentido ao território, à área ou aos lugares. Julgamos que é na realocação da atenção dada ao lugar que o corpo se torna também objeto de investimento privilegiado¹⁵².

A contemporaneidade encontra-se numa não reconciliação do corpo, ou seja, na crise da aceitação do mesmo. O sujeito contemporâneo julga que a carne condiciona, limita, devolve a sua finitude, confronta-o com a sua irrefutável vulnerabilidade. Para combater esta, serve-se das potencialidades tecnológicas que lhe permitem superar a finitude e as imperfeições físicas. Interroguemos esta acentuada valorização da estética do corpo. O sociólogo David Le Breton fala-nos do homem contemporâneo, dizendo: “quando os limites dados pelo sistema de sentido e valores perdem sua legitimidade, as explorações dos extremos ganham impulso: busca de performances, de proezas, de velocidade, de imediatismo, de frontalidade, aumento do risco, uso exagerado dos recursos físicos”¹⁵³. O corpo humano, tal como a cultura contemporânea, depende da sua invenção da identidade.

¹⁵¹ *Ibidem*.

¹⁵² Cf. Teresa Cristina CARRETEIRO, *Corpo e contemporaneidade*, in: http://www.pucminas.br/imagdb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20051220154024.pdf (consultado no dia 03 de Janeiro de 2016).

¹⁵³ Cf. David Le BRETON., *Sociologia do Corpo*, ... 88.

A contemporaneidade assistiu à autoinvenção do corpo. A própria pessoa reinventa o seu corpo, projetando dele a imagem que desejar. Isso contribuiu para a desintegração dos laços sociais e culturais, pois cria uma diferenciação que leva à constituição de pequenos núcleos dentro da sociedade. Esta estética significa uma cultura individualista, com marcas corporais, como tatuagens, percings (*body art*); o artista é o próprio indivíduo e o corpo é o suporte em que constrói e reinventa a sua obra de arte. O corpo é considerado um campo estético pessoal: tatua-se ou modifica-se, como meio de expressão da liberdade e da opinião pessoal¹⁵⁴. Hoje assistimos à autonomia do indivíduo na utilização do seu corpo, com vista à sua aceitação e à construção da sua identidade. São frequentes os debates sobre a definição e a realização sexuais, verificando-se uma construção cultural e afetiva do género, com novos ordenamentos jurídicos. As sociedades ritualizam o corpo pela moda, pelo desporto, pela alimentação e pelo erotismo¹⁵⁵.

No entender de Maria Teresa Cruz, “uma das mais informadas e esclarecidas ensaístas portuguesas sobre esta matéria, o progresso técnico afetou o corpo na medida em que «o humano depende em grande medida da distinção entre natural e artificial, distinção esta que a técnica aprofundaria»”¹⁵⁶. A cultura atual faz do corpo um laboratório de possibilidades vitais, mesmo dentro das suas inevitáveis limitações. O corpo, como um *cyborg*, passa a ser uma construção artificial, sem espírito, tecnobiológica; em suma, fica desprovido de alma¹⁵⁷.

Segundo João Duque, a cultura contemporânea, dita “pós-moderna” dá uma importância desmesurada ao corpo, mas não passa, em grande parte, de uma cultura do corpo como instrumento. Isto reflete um racionalismo cultural e uma cultura tecnológica que demonstra que a herança de uma longa tradição de devoção gnóstica tem marcado toda a história do ocidente. A modernidade contribuiu para que o corpo se tornasse cada vez mais instrumentalizado. O corpo é sobretudo tratado como um objeto, ou como um conjunto de objetos, mais ou menos isoláveis e abordáveis separadamente, como se fossem peças de uma máquina. Citando Wiegerling, João Duque referiu que:

“O corpo é adaptado pela tecnologia, colocando-se ao serviço das máquinas como uma extensão destas. Este serviço termina no sacrifício de si mesmo, para dar lugar a uma humanidade de pura informação, cujo suporte corpóreo é aleatório e infinitamente substituído

¹⁵⁴ Cf. Vítor Sérgio FERREIRA, *Tatuagem, Body Piercing e a Experiência da Dor: emoção, ritualização e medicalização*, in: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v19n2/02.pdf> (consultado no dia 3 de dezembro de 2016).

¹⁵⁵ António Manuel Alves MARTINS, “Culturas e identidades na procura da verdade, uma perspetiva a partir da antropologia teológica”, in: *Theologica*, ... 274.

¹⁵⁶ Pedro SENA-LINO, “O corpo consumido: fascínio ou ditadura da própria imagem” in: *Brotéria-Cristianismo e Cultura* 4, Vol. 155, outubro 2002, 267.

¹⁵⁷ *Ibidem*.

por máquinas artificiais. O *cyborg*, como nova utopia cibernética, marca já o horizonte de muitos contemporâneos, e está presente em muitas abordagens do imaginário, sobretudo no cinematográfico”¹⁵⁸.

2. O ser humano *uno* em corpo e alma

Na sequência do fenómeno individualista do tratamento do corpo, que exterioriza o seu próprio sentido e opinião sobre a vida, vemos agora a outra face da opinião, a ideia de que o corpo é uno com a alma. Podemos perceber como a concepção unitária da antropologia do ser humano não renuncia à linguagem dual de alma-corpo, espírito-matéria, interioridade-exterioridade, para assinalar aspetos complementares e inseparáveis da unidade ontológica da pessoa.¹⁵⁹ Sabemos que durante muitos séculos, o cristianismo fora influenciado pelos diferentes correntes culturais que manifestam um certo desprezo ao corpo¹⁶⁰. Hoje, porém, o cristianismo considera o corpo como um todo; trata o homem como um ser de corpo e alma, dotado da marca específica de ser homem ou mulher baseado no pensamento de São Paulo: “Cristo Jesus que era de condição divina, não se valeu a sua igualdade com Deus, mas aniquilou-se a si próprio, assumindo a condição de servo tornou-se semelhante aos homens (Fl 2, 6-7)”¹⁶¹.

Perguntemos como pode o homem tratar apenas uma parte da aparência, se o próprio corpo é um todo na visão cristã. Dissemos anteriormente que o corpo humano, como meio de relação, tem capacidades de que outros seres carecem: a consciência, a inteligência, a capacidade de relação, entre outras. O ser humano é, portanto, irredutível a uma atitude, tal como a sua própria dignidade. No entanto, a psicologia considera a valorização e o cuidado com a aparência como atos positivos, na medida em que contribuem para a saúde física.

Na verdade, não se pode reduzir o ser humano a uma realidade física e biológica apenas. A distinção entre corpo e alma não pretende outra coisa a não ser a distinção do homem como um ser especial, um ser dotado de razão e capacidade de discernimento. A identidade do ser homem “é o lugar privilegiado da síntese espírito-matéria, onde as duas formas do ser

¹⁵⁸ João Manuel DUQUE, *Eucaristia e Corporeidade O desafio dos sentidos*, in:

<http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/13160/1/duque.pdf> (consultado a 15 de Julho de 2015).

¹⁵⁹ Cf. António Manuel Alves MARTINS, *A condição corpórea da pessoa*, Extrato da tese para Doutoramento apresentada na Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, 2003, 51-52.

¹⁶⁰ Cf. José-Román FLECHA, “La sexualidad en la vida teológica patrística” in: *Moral de la sexualidad - la vida en el amor*,... 121.

¹⁶¹ *Ibidem*.

criatural se encontram para se unirem substancialmente”¹⁶². Os dois são factos estruturais do acontecimento que é o homem; e o corpo não se identifica facilmente com nenhuma outra matéria, pois é matéria espiritualizada.

É uma realidade e uma evidência que o corpo faz parte da essência do homem. Mas também não há dúvida de que o homem faz parte do mundo por meio do seu corpo, sujeito às leis da matéria e da vida. O homem não é um ser qualquer; ele é um ser dotado de nobreza mesmo corporalmente, porque o seu corpo é o mais perfeito. Quando Deus se fez homem assumiu a condição humana, pois assumiu a nossa carne. Nós sabemos e reconhecemos que, nesta nobreza do ser corpóreo, somos um ser limitado, sujeito à morte, às doenças, às misérias e tornamo-nos, muitas vezes, um peso para os outros. Com alma o corpo participa do bem supremo e eterno do homem¹⁶³.

O dualismo de corpo e alma constitui uma das formas de interpretar a realidade que é o ser humano. Por conseguinte, o ser humano é corpo e também é alma. Ele é alma porque essa unidade de corpo e alma se encontra dotada de interioridade, de densidade e de profundidade, as quais não se esgotam nos factos físico-biológicos. Ele é corpo porque se realiza, comunica, exterioriza, e se auto-elabora historicamente, no tempo e no espaço. Deste modo, o homem é uma unidade substancial de matéria e de espírito. Em suma, o ser humano deve ser encarado como um ser espiritual e corpóreo: nele materializa-se o espírito, ao exteriorizar-se; e espiritualiza-se a matéria, interiorizando-se¹⁶⁴. Nesta unidade de alma e corpo, costuma afirmar-se que o corpo é a imagem da alma, “mente sã num corpo são”; há, portanto, uma relação estreita entre corpo e espírito¹⁶⁵. Digamos que este dualismo, na unidade corpo e alma, marca uma diferença da noção do corpo como um todo.

A alma é um conceito cristão, estritamente teológico, que indica a dimensão relacional do homem: o diálogo que tem o primado sobre o ontológico. Com este entendimento, o termo “alma” é indissociável da Teologia. Ele remete, sem dúvida, para a asserção relacional-teológica de alma, porque esta existe em função do valor absoluto do único ser criado à imagem de Deus. A relação com Deus permanece mesmo na morte. Por esta razão, permanece um substrato do homem ontológico não aniquilado pela morte, a que tradicionalmente se denomina alma. A ideia filosófica de alma tem uma ligação ontológica, porque a função

¹⁶² Cf. António Manuel Alves MARTINS, *A condição corpórea da pessoa*,... 54-55.

¹⁶³ Cf. CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA, *Família e procriação humana*, Editorial A.O.- Braga, 2007, 33-34.

¹⁶⁴ Cf. António Manuel Alves MARTINS, *A condição corpórea da pessoa*, ... 50-51.

¹⁶⁵ *Ibidem*.

(relacional e axiológica) de alma reclama uma ulterior fundamentação ontológica; sem essa ligação, o conceito “alma” seria inconsistente¹⁶⁶.

Na verdade, longe de ser uma “parte”, a alma, juntamente com o corpo, constituem o ser humano. A alma designa o homem na sua totalidade, enquanto animado por um espírito de vida, e a carne também designa o homem na sua inteireza. A alma indica no homem a sua origem espiritual. Nas línguas bíblicas existem termos que designam a alma: *nephes* (hebraico), *psychê* (grego), *anima* (latim). Todos estes termos se associam, mais ou menos diretamente, à ideia de sopro. No homem vivo existe sopro, respiração, como sinal de vida por excelência: ao estar vivo o homem tem em si sopro (Cf. 2Sm 1, 9; At 20, 10). Quando um corpo deixa de respirar, ou o homem morre, a alma sai (cf. Gn 35, 18), é exalada (cf. Jr 15, 9) ou derramada como um líquido (cf. Is 53, 12).

Em termos ontológicos, a alma designa o coprincípio espiritual do ser uno do homem. Este raciocínio justifica o argumento ontológico de que a diversidade funcional, estrutural, qualitativa do ser corpo, própria do homem, exige uma peculiaridade entitativa, ontológica, do mesmo ser homem: “O homem vale mais porque é mais”¹⁶⁷. A validade deste fundamento consiste no valor único e irredutível da pessoa com a sua capacidade teologal, a sua radical abertura a Deus, nesse “momento ôntico,” transmaterial, especificamente humano, assinalado pelo conceito de alma. O ontológico apresenta-se, portanto, como fundamento do relacional, ligado à dimensão dialógica de alma.

Na lógica cristã, o corpo humano é considerado um todo, recebe um nome como ser chamado à vida, é uma revelação do amor divino, como nos mostra o Concílio Vaticano II no documento de *Gaudium et Spes*:

“O homem ser uno, em corpo e alma, sintetiza em si mesmo, pela sua natureza corporal, os elementos do mundo material, os quais, por meio dele, atingem a sua máxima elevação e louvam livremente o Criador. Não pode, portanto desprezar a vida corporal; deve, pelo contrário, considerar o seu corpo como bom e digno de respeito, pois foi criado por Deus e há-de ressuscitar no último dia”¹⁶⁸.

¹⁶⁶ Cf. António Manuel Alves MARTINS, *A condição corpórea da pessoa*, ... 50-51.

¹⁶⁷ AA.VV. Alma, in: *Vocabulário de Teologia Bíblica*, Trad. Fr. Simão Voigt, Editora Vozes, Petrópolis, 1997, 36.

¹⁶⁸ CONCÍLIO VATICANO II, *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*, nº 14.

A propósito desta afirmação, Luis Francisco Ladaria afirma que este documento expõe o homem uno e inteiro, com corpo e alma, coração e consciência, mente e vontade¹⁶⁹. Esta ideia inspirou-se no estudo sobre o desejo profundo do homem, e, com ela, a Igreja pretende iluminar, com o gozo e com a esperança, a tristeza e a angústia do homem do nosso tempo. O Concílio verifica mudanças profundas, desequilíbrios e interrogações, apresentando Jesus Cristo como essência, fundamento e fim de toda a história humana.

Nesta condição espírito-corpórea do homem, encontramos a realidade divina, a realidade de Deus no ser limitado que o homem é. Recordemos que o livro do Génesis relata que o próprio Deus criou o homem à sua imagem e semelhança (cf. Gn 1, 26-27). A condição humana é, portanto, o resultado da ação de Deus. A própria criação é um acontecimento entre Deus e o homem, que recebe d'Este a vida¹⁷⁰. A afirmação de que o homem é um ser uno em corpo e alma não retira relevância à vida físico-biológica. Nestas duas realidades de ser espiritual e corporal, o homem é capaz de entender o espiritual por meio de sinais e símbolos materiais¹⁷¹.

É numa carne como a nossa que Deus se encontra connosco. A visão negativa que se criou ao longo do tempo ainda permanece em muitas pessoas. Mas o cristianismo não recusa o corpo; pelo contrário, considera-o como criação de Deus. Não devemos pensar que cristianismo é uma religião que condena o corpo, embora haja quem assim pense; mas esses estão longe da verdade mais profunda do cristianismo sobre a encarnação do próprio Deus na condição humana. Acreditam os cristãos que tudo o que pertence à criação de Deus é bom. A Igreja não veiculou a noção de corpo como algo mau; foi o maniqueísmo que o fez, ao atribuir um antivalor ao corpo e à sexualidade¹⁷².

Impõe-se perceber se na afirmação de corpo e alma serem um só não haverá alguma tensão. Um exemplo desta tensão encontra-se desenvolvido na Carta aos Romanos 8, 5-11 e na Carta aos Gálatas 6, 16-24. Apesar de ser confuso para alguns, este duplo uso de corpo e alma, Juan Luis Ruiz de La Peña esclarece que esta conexão, que fora considerada como fonte de pecado, remonta ao Antigo Testamento, segundo o qual a carne provém do homem, e o espírito procede de Deus. Deste modo, o corpo é o lugar de experiência, de luta, de tensão entre o bem e o mal, entre uma verdade pessoal e a alteridade destrutiva do pecado¹⁷³.

¹⁶⁹ Cf. Luiz Francisco LADARIA, *Introducción a la antropología teológica*, Editoria Verbo divino, Navarra, 1993, 29.

¹⁷⁰ *Ibidem*, 62-63.

¹⁷¹ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1993, nº 1146.

¹⁷² Cf. Christopher WEST, *Teologia do corpo para principiantes*,... 14.

¹⁷³ Cf. Juan Luis RUIZ DE LA PEÑA, *Imagen de Dios*, Editorial Sal terra, Bilbao, 1988, 73-74.

Apesar da tensão destas duas realidades, o cristianismo não rejeita o corpo; ele próprio afirma que a carne é o eixo da salvação; crê em Deus que Se fez carne e crê na ressurreição da carne. O corpo torna visível o que não é visível: o mistério da comunhão de Deus. A razão de a nossa cultura estar saturada de sexo e de realçar demasiado a aparência não está na sobrevalorização nem do sexo nem do corpo; deriva de se ter uma visão oposta àquilo que a sexualidade e o corpo são efetivamente. A lacuna advém de não se perceber a preciosidade do corpo e do sexo como um dom e obra de Deus¹⁷⁴.

O catolicismo é uma das religiões mais carnis e sensuais, pois é por meio desta realidade carnal que o homem se encontra com Deus, nos seus sentidos corporais. Nos sacramentos, o próprio corpo está em união contínua com Deus:

“ungindo o corpo com óleo no sacramento do Batismo, da Confirmação, da Ordem, da Unção dos doentes, impondo as mãos; na Eucaristia, comendo e bebendo o corpo e sangue de Cristo; na Penitência, confessando com os lábios e impondo as mãos; e no Matrimónio, unindo indissolavelmente o homem e a mulher numa só carne”¹⁷⁵.

O corpo é, portanto, o lugar onde os sacramentos se realizam, em contínuo contacto com a realidade divina. Por conseguinte, ele é sacramento, ou seja, é sinal que torna visível o mistério invisível de Deus. O objetivo do corpo criado por Deus é precisamente o de transferir para a realidade o mistério oculto de Deus. A natureza humana é espiritual e física; no entanto, não somos um espírito encerrado no corpo, mas espíritos encarnados ou corpos espiritualizados. O corpo não é divino, mas torna visível o mistério divino. O corpo é, portanto, sinal que transcende a finitude do homem para uma realidade que se transcende a si própria, pois os nossos olhos vêem nele a realidade transcendente¹⁷⁶.

O reconhecimento do corpo, como ser alma e espírito significa que, este transmite a vida de Deus no homem. A vontade de Deus na entrega de seu próprio Filho manifesta-se no corpo, ou seja, é no acolhimento da vontade no corpo do Filho, só nesta condição, é que o espiritual se torna visível e se realiza. Assim, sem corpo não pode existir o espiritual, nem o contrário. O corpo é chamado a tornar-se espiritual, entrando no dinamismo do dom, daí o convite para nos tornarmos seres espirituais no corpo¹⁷⁷.

¹⁷⁴ Cf. Christopher WEST, *Teologia do corpo para principiantes*,... 14.

¹⁷⁵ *Ibidem*, 15-16.

¹⁷⁶ *Ibidem*, 17.

¹⁷⁷ Cf. Amedeo CENCINI, *Virgindade e celibato hoje*, ... 103.

O corpo espiritual apela a viver o corpo físico como tendo sido dado e criado por Deus para o dom e para a relação. Isto implica aprender a escutá-lo, a decifrar a sua linguagem e a intuir a sua dignidade na busca do amor e da verdade. E também significa saber aceitar este corpo no seu ser sensível, vulnerável, débil e capaz de compreender a debilidade alheia, pois, ao descobrir a sua própria fragilidade, já não recusa a do outro; logo, a espiritualização é encarnação¹⁷⁸.

Na consequência da unicidade do Ser, cada pessoa humana deve ser valorizada e reconhecida na sua unidade intrínseca. Esta visão da unidade não é fácil de definir. Porém, a sua grandeza e a sua dignidade ajudam-nos a compreendê-la. Uma vez valorizou-se o aspeto espiritual da pessoa e da sua existência e outras vezes, a sua materialidade¹⁷⁹.

A tendência para diferenciar a unicidade do homem aconteceu em épocas diferentes da história da humanidade. Houve épocas em que se ignorava a carne e a corporeidade, chegando-se ao desprezo da sexualidade humana e da vocação procriadora do ser humano. Noutras épocas deu-se mais importância ao corpo e à sexualidade, enquanto experiência epidérmica, desconectada do projeto de vida, para o qual o homem nasce, pleno de capacidade para a generosidade e para o compromisso afetivo. O perigo desta distinção encontra-se no risco de simplificar a essência da atuação da pessoa¹⁸⁰.

O ser humano, que se compreende e atua como humano que é, não se pode reduzir a uma natureza puramente espiritual, porque ele vive no tempo e no espaço, com suas possibilidades, limitações e resistências. Ele é espírito de tal forma que, para chegar a sê-lo, introduziu-se entitativamente na matéria, ou seja, no mundo. O homem é, portanto, espiritualidade sensível, espírito em matéria. O ser humano vive na fronteira dos dois mundos¹⁸¹. Por essa razão, o Concílio Vaticano II explicitou a sua profissão acerca do ser humano: “todo inteiro, corpo e alma, coração e consciência, inteligência e vontade. Com essa unidade, ele ganha maior capacidade para louvar o seu Criador”¹⁸²; é a capacidade de chegar mais longe. O desafio está em nos comportarmos de maneira digna. Na verdade, esta constituição unitária e, ao mesmo tempo, dialética implica uma exigência ética. A nossa vontade, inteligência, consciência e

¹⁷⁸ *Ibidem*, 104.

¹⁷⁹ Cf. José - Román FLECHA, “Porque hablar de la persona?”, in: *Moral de la sexualidad-la vida en el amor*, ... 26-27.

¹⁸⁰ *Ibidem*.

¹⁸¹ Cf. Karl RAHNER, in: José - Román FLECHA, “Porque hablar de la persona?”, in: *Moral de la sexualidad-la vida en el amor*, ... 27.

¹⁸² Cf. CONCÍLIO VATICANO II., *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*, nº 14.

fraternidade baseiam-se em Deus Criador. Logo, o ser humano não se reduz à espacialidade, nem a um princípio espiritual inalcançável¹⁸³.

Concordamos com a observação de Pedro Sena-Lino acerca da visão do corpo como unidade. Ele sugere que entendamos o corpo como “a totalidade e a concretude, o símbolo e o sentido da nossa plena dimensão terrestre”¹⁸⁴. Sugere ainda o autor que escutemos o nosso corpo, como opina a sabedoria do antigo budista. Perguntar-nos-emos se, de facto, com este nosso corpo comunicamos realmente com o divino e porque condenamos a pena da morte, se a damos a um membro do nosso Ser. Na análise do discurso de Cristo sobre a forma de resolver o prejuízo causado por alguns dos membros do corpo (cf. Mt 18, 8-9a), Pedro Sena-Lino afirma que o principal destaque não recai sobre os membros, mas sobre a nossa essência como seres humanos: o que somos, a nossa realidade, ou seja, a capacidade da separação da nossa verdade, do nosso eu profundo, as nossas intenções e a procura da nossa totalidade. A imagem negativa e escravizante consiste na separação do desta totalidade. Trata-se da fidelidade da própria da pessoa, no seu eu mais profundo, às leis da vida¹⁸⁵.

3. O corpo como relação

Superado este dualismo ontológico do ser humano, é necessário libertarmo-nos também de outro dualismo que poderíamos chamar dialógico, isto é, a tentação de dividir o homem em corpo e espírito. Somos o que somos porque os outros nos ajudam a ser. Para o homem viver é conviver; trabalhar é colaborar; padecer-se é compadecer-se. O perigo existe quando individualismo se instala, ignorando-se a sociedade e a sua realidade. As decisões tomadas tornam-se narcisistas, autossuficientes. Elas espelham-se no mito de Narciso, que se afoga, enamorado de si mesmo, nas mesmas águas em que contemplava a sua perfeição¹⁸⁶.

Ao definirmos o ser humano como um ser uno, com duas realidades numa só pessoa, espírito e corpo, procuramos também descobrir que o corpo só atua numa relação, ou seja, “o ser humano é ontologicamente criado como ser de relação... (e mais ainda) a questão ontológica só tem sentido se colocada no âmbito da relação com Deus, como determinante último do

¹⁸³, José – Román FLECHA., “Porque hablar de la persona?”, in: *Moral de la sexualidad-la vida en el amor*, ... 27.

¹⁸⁴ Pedro SENA-LINO, “O corpo consumido: fascínio ou ditadura da própria imagem”, in: *Brotéria-Cristianismo e Cultura*, ... 263.

¹⁸⁵ *Ibidem*, 264.

¹⁸⁶ *Ibidem*, 28.

próprio ser do homem”¹⁸⁷. O corpo marca a identidade da pessoa, uma identidade relacional, não enclausurada em si mesma. Se se reconhece é porque o outro existe. Assim, o corpo expressa a epifania encarnada da pessoa e, ao mesmo tempo, a sua transcendência.

Porque somos seres relacionais, só sobrevivemos relacionando-nos uns com os outros. Neste âmbito, São Paulo nas suas cartas do Novo Testamento, enfatiza a compreensão relacional do corpo. A identidade da pessoa não se limita a esta dimensão relacional; ela é um marco que se cumpre nesta mesma relação. Falamos já da manifestação do corpo, encarnada da pessoa e da sua transcendência, da sua pertença a uma alteridade que a funda, origina e finaliza. O corpo define esta relação, na medida em que me entrego ao outro, e este outro define a minha identidade corpórea.

Como ser relacional, o homem tem também uma relação com o Criador e com a natureza. O Antigo Testamento fala do homem como obra criadora de Deus, entre outras criaturas; fala do corpo do homem e da mulher como fruto da atenção criadora de Deus (cf. Gn 1, 26-31; 2, 7). Com efeito, o corpo do homem evoca o seu inegável vínculo à terra e a sua dependência do alento divino. Modelado pelas mãos do Oleiro, ele nasce de barro e, ao mesmo tempo, recebe o vento, o Espírito de Deus (cf. Gn 2,7). E também a mulher foi criada da mesma matéria do homem, a partir de um ícone corporal; em diálogo, ambos foram chamados e convocados à união de vida e de projetos¹⁸⁸.

4. O dom do corpo

Nas suas catequese de quarta-feira que o Papa João Paulo II proferiu desde 1979 até 1984, referiu o corpo como dom, com a sua masculinidade e feminilidade, no próprio mistério da criação. Para além de ser fonte de fecundidade e de procriação, o corpo também tem a capacidade de exprimir amor; sobretudo, aquele em que o homem-pessoa se torna dom. Esta mesma capacidade dá sentido à sua existência. Por esta razão, o homem é tido como a única criatura do mundo visível que Deus quis. Assim, é no ato de entrega de si como dom ao outro que o homem encontra o sentido da sua vida. No contexto do seu princípio beatificante, na raiz da nudez original, sem a vergonha de que fala o texto do Génesis 2, 25, o homem e a mulher devem ser livres, ou seja, o corpo humano orientado interiormente pelo dom da pessoa

¹⁸⁷ António Manuel Alves MARTINS, *A condição corpórea da pessoa*, ... 31.

¹⁸⁸ Cf. José - Román FLECHA., “Porque hablar de la persona?”, in: *Moral de la sexualidad-la vida en el amor*, ... 150.

revela não só a masculinidade e a feminilidade no plano físico, mas também o valor e a beleza que ultrapassam a dimensão física¹⁸⁹.

A liberdade do homem em se tornar um para o outro é realizada no âmbito da capacidade de ser um verdadeiro “dom” para a outra pessoa. Esta é a liberdade de abençoar, na visão de Deus inscrito nos seus corpos. Hoje perdemos esta capacidade de ver no outro a marca do dom de Deus. Mas não nos podemos sentir realizados plenamente, se não descobirmos que somos dom para o outro¹⁹⁰. Acrescenta ainda o Papa que “o oposto de não-aceitação e de acolhimento do outro ser humano como dom seria privação desse mesmo dom, (seria uma) «apropriação indevida»”¹⁹¹.

Além disso, na dinâmica de *dom*, devemos ter em conta a importância do corpo para a consciência humana e sua capacidade de relação. Este poderia ser explicado com a imagem *trípode* pelo qual se assenta o mistério do ser humano: o corpo leva o homem à compreensão e realização de si mesmo, a sua identidade e a sua própria harmonia; no corpo o homem descobre a sua limitação, mas também as suas possibilidades. À luz da fé, o ser humano compreende-se como um dom integral. Por mais paradoxo que seja, o corpo facilita o ser humano a encontrar-se com o transcendente¹⁹².

O corpo torna-se verdadeiramente a imagem de Deus quando ele dedica aos outros, pela contemplação, pela celebração, pelo trabalho e na colaboração com Deus Criador. Hoje, a atenção ao corpo converte-se numa das características da nossa cultura. Porém, este cuidado do corpo parece que não corresponde adequadamente à reflexão sobre o seu significado do *dom*, da experiência integral humana e espiritual¹⁹³.

5. Afetividade e Eucaristia

Anteriormente vimos que capacidade de olhar o outro, não só o seu corpo, mas a pessoa na sua totalidade como dom é estudada por Timothy Radcliffe na sua reflexão acerca da Afetividade e Eucaristia¹⁹⁴. Ao longo do seu discurso, este estudioso mostra que Jesus Cristo

¹⁸⁹ Cf. JOÃO PAULO II, *Teologia do corpo*, Alêtheia editores, Lisboa, 2013, 138.

¹⁹⁰ Cf. Christopher WEST, *Teologia do corpo para principiantes*, ... 15-17.

¹⁹¹ JOÃO PAULO II, *Teologia do corpo*, ... 139.

¹⁹² Cf. José - Román FLECHA., *Moral de la sexualidad-la vida en el amor*,...148-149.

¹⁹³ *Ibidem*.

¹⁹⁴ Timothy RADCLIFFE, *Afectividad y Eucaristia*, in:

<http://www.docfoc.com/0402predicacion4timothyradcliffeafectividadyeucaristia> (consultado no dia 12 de outubro de 2015).

se entregou inteiramente aos homens, como revelou na Última Ceia com os discípulos. Assim, a transmissão do dom do corpo consiste em dar a vida, para que os outros vivam. Na Eucaristia Jesus Cristo entregou-se plenamente e fê-lo desde a Última Ceia até hoje. A afetividade vivida, que tem o seu fundamento no amor, contém o sentido do corpo e a vida do homem.

Estamos convencidos de que uma ética da sexualidade não se pode limitar a condenar determinados comportamentos, mas tem de propor e tutelar os valores que a sexualidade humana abrange. Neste sentido, queremos analisar a Eucaristia como um dom do corpo de Cristo, como um mistério tangível, centrado no corpo humano.

Antes de passarmos para a reflexão da Última Ceia e para a entrega de Jesus segundo Radcliffe, prestemos atenção à mensagem do Bento XVI acerca do sentido da Eucaristia e das suas implicações práticas na vida da humanidade. Diz ele que não podemos ser indiferentes a desigualdades gritantes, como, por exemplo, a imensa multidão dos refugiados, amontoados em condições precárias para escapar a sorte pior, carecidos de tudo. Jesus Cristo, Pão de vida, incita-nos a estar atentos a estas situações de indignidade em que a maior parte da humanidade vive. Os que se alimentam deste alimento de verdade, da Eucaristia não ficariam indiferentes a injustiças e à exploração dos mais débeis¹⁹⁵.

Na sua reflexão sobre Afetividade e Eucaristia, Timothy Radcliffe falou do cristianismo como aquele que sempre defende a vida humana como uma entrega, o que significa que o sentido da vida humana depende da sua entrega aos outros. É ao viver-se para o outro que a nossa vida ganha sentido, como Cristo na sua paixão, morte e ressurreição. Jesus Cristo continua hoje a dar-se e dá o Seu próprio corpo na Eucaristia. A afetividade de Jesus Cristo continua presente entre nós. Estes mistérios são atualizados em cada Eucaristia; a participação nesta exige da pessoa uma transformação moral: “o cristão comunga do amor de doação de Cristo, ficando habilitado e comprometido a viver esta mesma caridade em todas as suas atitudes e comportamentos de vida”¹⁹⁶. Porém, esta transformação não se traduz em atitudes moralistas, mas na descoberta feliz do amor de quem acolhe o dom de Deus na sua vida¹⁹⁷.

A afetividade e a sexualidade estão incluídas no corpo. Por isso, ambas estão numa sintonia perfeita, tal como a sexualidade e o corpo. É preciso repensar a nossa visão sobre a

¹⁹⁵ Cf. BENTO XVI, *Sacramentum Caritatis*, Paulinas, Lisboa, 2007, 132.

¹⁹⁶ Timothy RADACLIFFE, *Afectividad y Eucaristía*, in:

<http://www.docfoc.com/0402predicacion4timothyradcliffeafectividadeucaristia> (consultado no dia 12 de outubro de 2015).

¹⁹⁷ Cf. BENTO XVI, *Sacramentum Caritatis*,...121.

sexualidade, porque temos tendência para a abordar de modo negativo. É verdade que o mandamento bíblico sobre ela está formulado negativamente: “não cometerás o adultério” (Ex 20,14). Porém, o Novo Testamento coloca na boca de Jesus uma releitura positiva deste mandamento sublinhando as suas exigências da radicalidade e interioridade no contexto do amor (cf. Mt 5, 27, 32)¹⁹⁸.

A importância do corpo para a consciência humana, principalmente para o cristianismo, estimula e afirma que o próprio corpo leva o homem à compreensão e realização de si e à sua identidade e harmonia. No corpo o homem descobre as suas limitações e as suas capacidades e à luz da fé o ser humano compreende-se como um ser integral.

Timothy Radcliffe defende que o cristianismo é mais corporal do que outras religiões. Porque acredita num Deus que criou os nossos corpos e disse que estes eram bons, há no corpo uma beleza natural e divina. Deus fez-se homem e veio habitar no meio de nós; Ele tornou-se um ser humano. O próprio Jesus deu-nos o seu corpo e prometeu a ressurreição dos nossos corpos. Nesta afirmação devíamos sentir-nos bem cómodos ao falar de afetividade. Mas curiosamente sentimo-nos constrangidos ao falar do sexo, sem autoridade, nem vontade. Deus encarnou em Jesus Cristo, mas nós ainda precisamos de aprender de encarnar no nosso próprio corpo¹⁹⁹.

“Aquele que me come viverá por mim” (Jo 6, 57). Estas palavras têm em si um dinamismo que faz de Jesus o princípio de uma vida nova e em nós a forma de existência cristã. Deus amou tanto o mundo que lhe deu o seu Filho para que o mundo seja salvo (Jo3, 16-17). Estas palavras são a raiz última do dom de Deus. Um Deus que deu e continua a dar a sua afetividade na Eucaristia. No mistério eucarístico, Deus em Jesus não dá apenas uma parte de si, dá-Se por inteiro: “meu Pai é que vos dá o verdadeiro pão do Céu” (Jo 6, 32-33). Esta doação revela o desígnio de amor que guia toda a história de salvação (cf. Ef 1, 9-10; 3,8-11)²⁰⁰.

Amedeo Cencini afirma que a sexualidade é uma invenção divina para encarnar o amor, suscitando, no mais profundo do Ser, as condições para o dom do Criador. Na verdade, a sexualidade é a graça que revela a semelhança entre criatura e Criador, entre homem e Deus,

¹⁹⁸ Cf. José - Román FLECHA., *Moral de la sexualidad-la vida en el amor*,...147-148.

¹⁹⁹ Cf. Timothy RADCLIFFE, *Afectividad y Eucaristía*, <http://www.docfoc.com/0402predicacion4timothyradcliffeafectividadeucaristia> (consultado no dia 12 de outubro de 2015).

²⁰⁰ Cf. BENTO XVI, *Sacramentum Caritatis*, ... 14-15.

um Deus que se tornou homem. Assim, toda a nossa afetividade é dom, é graça, é obra boa, como Ele próprio afirma: “Deus viu que tudo era muito bom” (Gn 1, 27)²⁰¹.

Temos de nos amar como seres sexuais que somos. A visão cristã da sexualidade é claramente positiva como anteriormente se afirmou: é uma obra boa de Deus. Esta obra tem um projeto, uma finalidade, uma vocação: a vocação de amar. Não há dúvida de que a sexualidade é a linguagem da temporalidade, enquanto ser humano, submetido à morte. Mas esta é também um sinal de eternidade, que reconhece o triunfo da existência sobre a morte e o pecado. Nessa sua temporalidade, a sexualidade abre-se à eternidade, ou seja, ao encontro definitivo com o amor incriado que se há de assumir e que vai transformar o amor humano, no encontro e autodoação; esta é a vida e o seu sentido último²⁰².

Jesus mostrou esta realidade definitiva na última ceia, quando pronunciou as seguintes palavras: “Este é o meu corpo que vai ser entregue por vós” (Lc 22, 19). A Eucaristia e o sexo centram-se no corpo. Assim, a Eucaristia aponta para uma visão do corpo mais sábia, pois não o considera apenas algo que se possui. Não se trata de o homem dispor do que é seu, mas de oferecer aquilo que lhe pertence, partilhando o dom que ele é. Jesus considera o seu ser como dom do Pai, que Ele transmite aos que nele creem. Por isso, a relação sexual é chamada a ser uma forma de viver essa entrega de si próprio: “Aqui estou, e entrego-me a ti com tudo o que sou, agora e para sempre”. A Eucaristia ajuda-nos a entender os seres sexuais que somos e a nossa sexualidade ajuda-nos a entender a Eucaristia. Na verdade, a ética sexual cristã não é senão uma aprendizagem de como viver as relações em entrega mútua²⁰³.

A Eucaristia revela o mistério da comunhão, pois a presença de Jesus Cristo no pão e no vinho mostra a proximidade de Jesus com os que O recebem. Ele comunica-se corporalmente; Ele introduz os que O recebem numa realidade escatológica. Esta comunhão e entrega de Cristo forma os que O recebem e faz deles uma comunhão, “um só corpo” (cf. Col 1,18) com Ele. Assim quem O recebe é convidado a dar-se, como Ele se dá aos outros na concretização da caridade²⁰⁴.

Jesus na última ceia revelou-nos um segredo, o de correr o risco de amar. Foi na Última Ceia que Jesus experimentou o momento de crise inevitável do amor pelos discípulos. Vendido por

²⁰¹ Cf. Amedeo CENCINI, *Virgindade e celibato hoje*, ... 49.

²⁰² Cf. José - Román FLECHA., *Moral de la sexualidad-la vida en el amor*,...147-142.

²⁰³ Cf. Timothy RADCLIFFE, T., *Afectividad y Eucaristía*,

In: <http://www.docfoc.com/0402predicacion4timothyradcliffeafectividadyeucaristia> (consultado no dia 12 de outubro de 2015).

²⁰⁴ Cf. AA.VV., *La celebracion en la Iglesia*, Ediciones sigueme, Salamanca, 1988, 236 -237.

um deles, negado por Pedro, viu a maioria deles fugir com medo. Ele, porém, não fugiu dos perigos, mas permaneceu firme, enfrentando-os com coragem e confiança até ao fim. Recebeu o fracasso do amor e transformou-o em doação: “Entrego-me a vós e vós entregais-me aos romanos, entregais-me à morte, mas eu faço deste momento um dom, agora e para sempre”²⁰⁵. No entender de Timothy Radcliffe chegar ao amadurecimento do amor significa que a pessoa tem de se encontrar com estas crises inevitáveis, como Jesus nestes momentos. Tudo suportou porque escolheu ser assim. Isto serve para nos dizer que somos um corpo frágil de carne e osso. Estes momentos de prova tiveram a sua força no amor, suportados com amor. Aquele estudioso citou Mark Patrick Hederman, dizendo que o amor é o único ímpeto que é suficientemente excessivo; ele ajuda-nos a abandonar o bem-estar individual e a despojar-nos da impenetrável concavidade de autossuficiência. Ao sairmos de nós mesmos teremos forças para enfrentar estas crises, o que nos torna pessoas. O significado deste pensamento egoísmo no amor, para que o outro entenda que só dando é que se recebe²⁰⁶.

A afetividade exige castidade, não por obrigação, mas porque é uma dádiva. Quem ama verdadeiramente é casto; e quem ama alguém profundamente quererá ser casto. Não existe nesta castidade puritanismo. Castidade não significa frieza, nem distância, que são uma manifestação do cadáver da verdadeira castidade, ou seja, do verdadeiro amor²⁰⁷.

A noção positiva de castidade aperfeiçoa a vivência da sexualidade. Ela não se reduz a uma forma de mero autodomínio ou desprezo pela sexualidade humana; é, antes, a energia espiritual que sabe defender o amor dos perigos do egoísmo e da agressividade; sabe promovê-lo até à sua plena realização. A castidade, na visão cristã, não se limita a evitar os pecados da luxúria; ela gera e motiva atitudes e leva à valorização do corpo humano e à integração do prazer sexual, na dinâmica do amadurecimento psicoafetivo e relacional da pessoa²⁰⁸.

No aspeto formal, a castidade promove e tutela a valorização positiva do amor, sobretudo na dimensão conjugal. Para a defesa da dimensão pessoal da procriação e das novas vidas a castidade ocupa um lugar de destaque, porque não consiste no domínio de si, mas na capacidade de orientar o instinto sexual, ao serviço do amor, e de o integrar no desenvolvimento da pessoa. Por essa razão, a castidade é o modo de viver a generosidade,

²⁰⁵ Cf. Timothy RADCLIFFE, T., *Afectividad y Eucaristía*, In: <http://www.docfoc.com/0402predicacion4timothyradcliffeafectividadyeucaristia> (consultado no dia 12 de outubro de 2015).

²⁰⁶ *Ibidem*.

²⁰⁷ *Ibidem*.

²⁰⁸ Cf. José - Román FLECHA., *Moral de la sexualidad-la vida en el amor*,... 144-147.

permitindo descobrir as infinitas possibilidades de vida e de realização no encontro com os outros²⁰⁹.

Na Última Ceia Jesus demonstrou um amor realista, em resposta à negação de Pedro, à traição de Judas. O amor eucarístico faz-nos refletir sobre a complexidade de amor, os seus fracassos e a sua vitória final. Por esta razão, Timothy Radcliffe declara que a pessoa amada não é tudo o que buscamos, pois não soluciona todos os nossos anseios. Não se pode ver o outro apenas como um objeto de consumo. Se o outro se coisifica, foge-se do plano do amor; ele passa a ser mera resposta para as nossas buscas egoístas. A pessoa amada pode chegar a tornar-se abismo da nossa insatisfação. Por isso, o autor defende que a luxúria não é a paixão sexual fora do controlo da vontade, mas a máscara da vontade de ser deus²¹⁰.

Essa vontade de ser deus reflete-se no desejo de dominar o outro, na busca de relações em que se exerce poder sobre quem é mais fraco e, por consequência, indefeso. Mas é uma falsa supremacia, esta que advém do sentimento de inferioridade de quem não é capaz de assumir relações adultas e maduras; este tipo de situações não é mais do que um deplorável espetáculo da vulnerabilidade de quem quer convencer os outros de que é deus. O autor chama atenção para a força do amor, citando William, ao dizer: “o amor move-se entre egoísmo e abnegação, dá-te um sentido intenso de ti mesmo, ao mesmo tempo que te faz desaparecer do mapa”²¹¹. No entender do Viktor Emil Frankl, “o amor é a única maneira de compreender o outro ser humano no fulcro mais íntimo da sua personalidade”²¹².

Nesta busca do ser humano, da vontade do ser para o outro, existe também uma necessidade de intimidade em todos os homens. O sonho de comunhão plena é utópico, mas real, porque, apesar da grande intimidade que se possa verificar, o homem permanece só. O ser humano não consegue fugir da sua solidão, pois o espaço em seu redor não pode ser eliminado. Na verdade, a solidão é intrínseca ao ser humano. Essa plenitude de realização só se encontra em Deus. Nada pode saciar plenamente o homem no seu coração a não ser Deus. A intimidade é vivida de forma diferente, ela significa estar em contacto com o mais íntimo do outro²¹³.

²⁰⁹ *Ibidem*, 145.

²¹⁰ Cf. Timothy RADCLIFFE, T., *Afectividad y Eucaristía*,
In: <http://www.docfoc.com/0402predicacion4timothyradcliffeaffectividadyeucaristia> (consultado no dia 12 de outubro de 2015).

²¹¹ *Ibidem*.

²¹² Viktor Emil FRANKL, *O homem em busca de um sentido*, ... 113.

²¹³ Cf. Timothy RADCLIFFE, T., *Afectividad y Eucaristía*,
in: <http://www.docfoc.com/0402predicacion4timothyradcliffeaffectividadyeucaristia> (consultado no dia 12 de outubro de 2015).

Jesus Cristo, como verdadeiro homem e verdadeiro Deus, teve a necessidade de mostrar aos que lhe eram próximos o sentido da intimidade. A afetividade de Jesus na Última Ceia foi um ato de entrega de si mesmo aos outros. Em vez de controlar os seus discípulos, Ele entregou-se-lhes para que fizessem dele o que quisessem. Essa é a imensa vulnerabilidade do verdadeiro amor²¹⁴.

Na lógica da afetividade e da Eucaristia, Timothy Radcliffe sugere três atitudes para viver como seres sexuais que somos, dentro da ideia de que nos devemos deixar guiar pela vontade, submetida ao desejo que tem como origem e fim o próprio Deus. A libertação é a graça de Deus manifestada na vida, nos ensinamentos da crucificação e ressurreição de Jesus Cristo.

Primeira atitude: viver o momento presente

Jesus aproveitou a Última Ceia como o momento presente que sinaliza a eternidade, ou seja, viveu as circunstâncias presentes como o derradeiro momento da sua existência. Jesus não manifestou revolta por Judas o ter entregado aos soldados e escolheu aquele momento de refeição com os seus discípulos: “Ele tomou o pão e distribui-o aos seus discípulos, isto é o meu corpo que vai ser entregue por vós; este cálice é a nova Aliança no meu sangue, que vai ser derramado por vós” (Lc 22, 19-20). Cada Eucaristia relembra, portanto, um momento de eternidade. Assim, viver o presente é olhar para o outro, estar com o outro, estar presente, calado e silencioso na sua presença. A Eucaristia é essa realidade que nos ensina a estar presentes, a viver o agora, a concentrarmo-nos no imediato; é um momento para abrir os olhos e olhar para o outro, vendo a sua beleza, as suas feridas, as suas alegrias e as suas penas. Em resumo, viver o presente é abrir-se e reparar no outro, viver para o outro e não para si mesmo, é sair de si e banir o egoísmo²¹⁵.

Segunda atitude: aprender a estar só

Em muitas ocasiões não somos capazes de estar sós; então buscamos o outro para nos fazer companhia. Esta incapacidade de estar só reflete a nossa procura de solução para os nossos problemas; podemos correr o risco de tornar o outro um objeto que serve somente para encher o nosso vazio. A capacidade de estar presente e de estar só faz de nós homens e mulheres verdadeiros; temos de aprender a amar a solidão, porque ela é parte de nós mesmos. Quando

²¹⁴ *Ibidem.*

²¹⁵ *Ibidem.*

amamos alguém profundamente, Deus está aí. O amor ao próximo é inseparável do amor de Deus²¹⁶.

Terceira atitude: amar é libertar

O amor seja o do matrimônio, seja o das relações parentais, seja o das relações humanas em geral, seja o da consagração, deve libertar o outro. O amor entre marido e mulher deve abrir espaço de liberdade, e o mesmo deve acontecer para o solteiro e para o consagrado, sacerdotes ou religiosos. O amor deve libertar os outros, ou seja, amar os outros para que sejam livres para amar os outros e não a nós. Sejamos como *The best man* ou *amicus sponsi* (“o amigo do esposo”). Não se trata de ser amado, mas de ser o amante, como Deus é sempre Aquele que ama e não o amado. Este é o sentido verdadeiro da afetividade e da Eucaristia, e a vocação final de toda a humanidade. Este amor implica negação de si mesmo. A questão principal está em perceber que o meu amor pelo outro é mais forte, em vez mais débil e dependente²¹⁷.

Esta capacidade de Deus em Jesus Cristo, que deu o seu corpo e o seu sangue e tudo o que foi, não pode significar violência, nem um Deus furioso; Ele mostra à humanidade que as suas lutas por amar e viver não são vãs, nem desprovidas de sentido. Devemos contar com a graça de Deus no momento do fracasso, para nos pormos de novo de pé. Por isso, devemos ter a certeza de que todo o nosso esforço de amar frutificará, sem termos medo de nos submetermos a esta aventura. Devemos demonstrar confiança e coragem.

A lógica do pensamento de Timothy Radcliffe leva-nos a considerar que tanto a sexualidade como o corpo têm uma extrema relevância para a disciplina da Educação Moral e Religiosa Católica. A indubitável importância da reflexão do corpo e da sexualidade que demonstraram os estudiosos ao longo da nossa reflexão obriga-nos a manifestar a nossa apreciação especial à esta mesma disciplina. É uma disciplina que proporciona a educação integral da pessoa, do desenvolvimento da personalidade dos alunos e do sentido da sua dignidade²¹⁸. Por essa razão ela é considerada como um fator decisivo para a educação integral das crianças, adolescentes e jovens.

Observando o mundo atual, com suas múltiplas tensões, é fundamental um conhecimento do religioso para compreender os fenómenos sociais. Abordaremos no capítulo seguinte este reconhecimento da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica como um meio eficaz

²¹⁶ *Ibidem*.

²¹⁷ *Ibidem*.

²¹⁸ Cf. SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa De Educação Moral e Religiosa Católica*, Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2014, 4.

para uma melhor compreensão não só das realidades do ensino, mas também da dignidade do corpo e da sexualidade.

CAPÍTULO III

CONTRIBUTO DA EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA E EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA E DIDÁTICA DA UNIDADE LETIVA 1 – “ O AMOR ”

1. O contributo da disciplina da Educação Moral e Religiosa Católica para a aprendizagem da dignificação do corpo

Num dos documentos de orientação, uma assembleia formada pelos bispos de Quebeque mostrou-se preocupada com a fé das novas gerações, principalmente no que diz respeito à fé cristã, porque frequentemente as crianças e os jovens crescem e se desenvolvem num meio em que a cultura e a fé cristãs já não ocupam um lugar de eleição. Mas é importante que as novas gerações procurem sentido para as suas vidas e coloquem questões sobre a existência humana²¹⁹. Ora, se pensarmos na presença da Educação Moral e Religiosa Católica na formação dos jovens, concluímos de imediato que esta é um excelente meio para se formar uma noção de respeito pelo corpo humano, ao mesmo tempo que se incutem valores que permitem encontrar uma orientação e um sentido de vida.

Segundo esta assembleia de bispos, o modo de ver dos jovens de hoje recebe forte influência de imagens variadas, sedutoras, fragmentadas, que levam a que o seu olhar e a sua atenção recaiam sobretudo nos meios de comunicação. Eles têm novas formas de pensar e novos modos de conhecimento, evolução que põe em causa o discurso religioso tradicional. Esta realidade impõe uma renovação da transmissão da fé. Os jovens crescem em contacto com a pluralidade: diversidade étnica, linguística, religiosa e comportamental. Eles vivem esta realidade no seio da família e também dentro das tradições da fé. Este pluralismo pode gerar uma certa indiferença, mas também pode abrir o caminho para a tolerância e para a liberdade²²⁰.

²¹⁹ Cf. ASAMBLEA DE LOS OBISPOS DE QUÉBEC, *Proponer hoy la fe a los jóvenes: una fuerza para vivir*, in: <http://www.iglesiaenlarioja.org/juventud/quebec.pdf> (consultado no dia 25 de agosto de 2015).

²²⁰ *Ibidem*.

A indiferença, a tolerância e a liberdade marcam a sociedade de forma diferente. O diverso, com a globalização, ganha uma força vital nas sociedades. O Papa Francisco, na sua mensagem para a Quaresma de 2015, falou da globalização da indiferença. O Papa apelou a todos para que combatam a indiferença, que se traduz no egoísmo, no esquecer dos outros, quando estamos comodamente instalados. E não esqueçamos que existem falsos atos de solidariedade, praticados num automatismo fácil, que serve apenas para tranquilizar as consciências. Diz o Papa Francisco que, hoje, a indiferença atingiu uma dimensão mundial; é por isso que podemos falar de uma globalização da indiferença²²¹.

No meio desta pluralidade de atenções, existe uma crescente necessidade de valores, uma procura de transcendência e de religiosidade, resultado de uma existência carente de sentido. Ainda que pareça inacreditável, o facto é que a disciplina da EMRC tem sido bastante solicitada e a sua presença traz uma esperança. Mas o que mais leva a aderir a esta disciplina é o carisma e o profissionalismo do professor, fator que, na prática, prevalece sobre o reconhecimento do valor da disciplina para a formação dos alunos²²².

A questão está em saber o que fazer com esta pluralidade. Seria uma ocasião para os professores procurarem a criatividade de modo a frutificar talentos e capacidades. Porém, a missão do professor da disciplina da EMRC deve ser concordante com o sentido desta mesma disciplina integrada no sistema educativo como se afirma no programa editado no ano 2014:

“Responde às necessidades resultantes da realidade social, contribuindo para o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos indivíduos, incentivando a formação de cidadãos livres, responsáveis, autónomos e solidários e valorizando a dimensão humana do trabalho”²²³.

A disciplina de EMRC tem sido reconhecida pelo seu contributo para uma formação integral dos alunos. Nesse sentido, queremos destacar a sua importância não só nas escolas, mas como parte da missão da Igreja. A dimensão religiosa é constitutiva da pessoa humana. Por isso, não haverá educação integral, se a mesma não for tomada em consideração. Nem se compreenderá

²²¹ Cf. PAPA FRANCISCO, Mensagem para a Quaresma de 2015, in: http://pt.radiovaticana.va/news/2015/01/27/texto_integral_da_mensagem_do_papa_para_a_quaresma_2015/112_0195 (consultado no dia 26 de agosto de 2015).

²²² Cf. SECRETÁRIO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, ... 4.

²²³ *Ibidem*.

verdadeiramente a realidade social sem o conhecimento do fenómeno religioso e das suas expressões e influências culturais. Queremos destacar a missão da disciplina da EMRC, a qual contribui, de facto, para o tema escolhido: a visão sobre a sexualidade e o respeito pelo corpo. Na verdade, toda a globalidade desta disciplina ajuda a que o aluno esteja cada vez mais consciente do sentido da existência²²⁴.

A disciplina EMRC vai abrindo rumo ao entendimento da dignidade da pessoa humana, com as suas múltiplas facetas da interdisciplinaridade. Para além disso, concordamos com aquilo que o Papa Francisco disse, na sua mensagem dirigida aos salesianos em Rádio Vaticano, quando referiu D. Bosco como exemplo de vida, por ter acolhido os jovens. Diz o Papa Francisco que os jovens “estão abertos à vida e ao encontro com Deus e com os outros, mas existem muitos deles que correm o risco do desencorajamento, da anemia espiritual, da marginalização”²²⁵. Acrescenta ainda o Papa Francisco, que é preciso educar com afeto, pois “D. Bosco ensina-nos a oferecer aos jovens uma experiência educativa integral, com uma característica especial: o afeto.” O Papa explica também que não pode haver uma pastoral juvenil eficaz sem uma válida pastoral familiar. Em conclusão, a vida familiar é indispensável para o bom crescimento das crianças e dos jovens.

Nas perspetivas que focalizam a disciplina de EMRC como serviço à educação integral dos alunos, o presente trabalho sobre a visão da sexualidade e a dignidade do corpo encontra-se no programa da mesma disciplina em várias Unidades Letivas que abordam o tema da dignidade humana. E pensamos que este terá a relevância de demonstrar que o corpo é um dom, uma obra de Deus.

2. Contexto educativo da turma da Prática de Ensino Supervisionada

Nos capítulos anteriores apresentamos um referencial teórico sobre o tema - sexualidade e corpo. Vimos que a disciplina de EMRC tem contribuído para uma compreensão do tema em questão, elucidando que o corpo humano é obra criadora de Deus. O presente trabalho nasceu de uma necessidade de desenvolver o conhecimento sobre a sexualidade e do corpo e tem por

²²⁴ Cf. SECRETÁRIO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*,...4.

²²⁵ Cf. RÁDIO VATICANO, *Papa aos salesianos: afeto e educação para os jovens*, in: http://pt.radiovaticana.va/news/2015/07/17/papa_aos_salesianos_afeto_e_educacao_para_os_jovens/1159000 (consultado no dia 25 de agosto de 2015).

objetivo responder com mais eficácia a questões suscitadas ao longo da PES acerca da Unidade Letiva. Os destinatários da Unidade Letiva 1 são os alunos do 8º Ano, das turmas A e B. O grupo é formado por alunos de duas turmas, num total de dez, pertencentes à Escola do Agrupamento de Escolas da Parede e à Escola Secundária Fernando Lopes-Graça, sendo dois do sexo masculino e oito do sexo feminino. As idades variam entre os treze e os catorze anos. Existem nesta turma dois alunos de nacionalidade estrangeira: um brasileiro e outro angolano. Entre estes alunos, quatro reprovaram no 7º Ano. A maior parte vive com a família: pai, mãe, irmãos e avós; apenas dois deles declararam viver só com a mãe.

Os alunos são assíduos, na sua maioria, excetuam-se um ou dois, que aparecem na aula casualmente. Os alunos estão inscritos na disciplina por motivos diversos: por iniciativa própria, porque querem conhecer o que é a religião católica; por iniciativa dos pais, não tendo outra alternativa; por curiosidade, na sua ânsia de descobrir o mundo, ou pela busca de uma resposta para a vida, ou por gostarem da disciplina de EMRC (alguns dizem que a disciplina é “gira”), ou por se sentirem atraídos pelo acolhimento e pela simpatia que a disciplina oferece. Sentem-se escutados nesta disciplina e têm a possibilidade de exprimirem as suas ideias, sem inibições. Disse um aluno: “Acho EMRC muito interessante pois é das poucas aulas em que podemos trocar ideias e participar bastante”.

3. A apresentação da Unidade Letiva 1 – “O amor”

Em cada aula lecionada, o programa de EMRC tem uma meta específica. Este programa propõe uma planificação e uma lecionação com determinados objetivos, os quais têm em vista metas. Desta forma dá-se uma orientação importante aos professores, no que diz respeito à escolha dos recursos e estratégias que melhor se adequem. Assim, do ponto de vista de organização, este programa de Educação Moral e Religiosa Católica do Ano 2014 proporciona ao professor uma lecionação de grande qualidade e eficácia. Para melhor compreender esta UL, há que estudar em pormenor cada objetivo.

3.1. Primeiro objetivo: “reconhecer a sexualidade, a fecundidade e o amor humano como essenciais à realização da pessoa”

O primeiro objetivo consiste em ajudar os alunos a “reconhecerem que a sexualidade, a fecundidade e o amor humano são essenciais para a realização da pessoa humana”, o que significa que devemos apurar o sentido original e verdadeiro da palavra “amor”. De facto, esta palavra foi muitas vezes utilizada em diversos contextos, com múltiplos significados. O objetivo escolhido para introduzir esta mesma UL é orientado de forma a chegar à meta do “reconhecimento da dignidade da pessoa humana à luz da mensagem cristã”²²⁶. Este reconhecimento constitui um dos pontos principais da disciplina de EMRC.

Sugerimos que o termo amor seja desenvolvido e aprofundado com mais cuidado, uma vez que o uso do mesmo não esclarece o sentido e a mensagem cristã da palavra “amor”. Como diz Bento XVI na sua encíclica do Deus, “o termo ‘amor’ tornou-se hoje uma das palavras mais usadas e, até abusadas, à qual associamos significados completamente diferentes”²²⁷.

Entre os seus conteúdos encontram-se as temáticas do amor e da fecundidade consideradas como fruto do amor. O amor deve abrir um caminho de encontro com os outros, pois torna-se egocêntrico quando se fecha em si. A fecundidade tanto pode passar pela relação sexual na vida conjugal, como pode ser uma fecundidade no âmbito da relação entre pessoas²²⁸. Sem dúvida alguma que estas são as temáticas que oferecem aos alunos uma visão do valor da dignidade da família, uma perspectiva da sua própria sexualidade, da realização pessoal, da sobrevivência da espécie humana e da participação do homem na construção da sociedade. A valorização da sexualidade propõe-nos sempre uma visão cristã da realidade. Há que olhar para a sexualidade como dom do Criador, para lhe darmos como finalidade a felicidade do homem²²⁹.

3. 2. Segundo objetivo: relacionar os dados das ciências sobre o planeamento familiar com a interpretação cristã da realidade e da pessoa humana

O segundo objetivo ajuda o professor a expor aos alunos, a relacionar os dados das ciências sobre o planeamento familiar com a interpretação cristã da realidade e da pessoa humana.

²²⁶ Cfr. SECRETÁRIO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de educação moral e religiosa católica*,... 86-87.

²²⁷ BENTO XVI, *Deus Caritas Est*,... 9.

²²⁸ Cf. Vítor Feytor PINTO, *Sexualidade humana, exigências éticas e comportamentos saudáveis*,... 147.

²²⁹ *Ibidem*, 150.

Hoje, mais que nunca, “as ponderações morais e a pesquisa científica devem crescer juntas”, animadas pela caridade²³⁰, ou seja, os dados científicos desempenham uma função de eficácia, mas a perspetiva cristã exige sempre a caridade e a verdade que encaminham o homem para a felicidade e não para a manipulação da sua própria humanidade²³¹.

Encontram-se nos conteúdos as seguintes temáticas: o planeamento familiar, os métodos anticoncepcionais e a sua eficácia, as suas vantagens e desvantagens e as suas limitações éticas. Dentro da lecionação o professor tem de ter em conta que as temáticas do planeamento familiar podem servir como formação e informação para os alunos. Por isso, no que diz respeito aos métodos anticoncepcionais devemos alertar aos alunos para terem em consideração a verdadeira intenção de quem os usa, o respeito pela natureza da pessoa e dos seus atos e o contexto de autêntica doação mútua²³².

Há que estimular nos alunos a visão crítica, evitando o exacerbamento na tomada de posições que, por um lado, escapam à dimensão religiosa, desprovida de critérios éticos, e, por outro lado, refletem o fundamentalismo da fé, com uma leitura errónea dos conteúdos propostos. Por isso, o professor tem de ter em conta que as ponderações morais e a pesquisa científica devem estar sempre associadas, com o fim de alcançar a meta de reconhecer a proposta da conduta ética cristã, em situações vitais do quotidiano²³³.

3. 3. Terceiro objetivo: organizar um universo de valores fundado na perspetiva cristã e na liberdade responsável de cada pessoa.

Como terceiro objetivo temos a organização de valores fundada na perspetiva cristã, e na liberdade responsável de cada pessoa, o que significa que as abordagens de valores estão direcionadas para o tema da ética e da moral. O universo de valores na perspetiva cristã remete naturalmente para o respeito pela vida humana, seja na dimensão da paternidade e da maternidade, seja no âmbito das decisões do casal relativamente ao controlo do nascimento.

O universo de valores na perspetiva cristã no domínio ético e moral sublinha o significado conjuntamente unitivo e procriativo da sexualidade, tendo como fundamento da sociedade o

²³⁰ BENTO XVI, *Sacramentum Caritatis*, ... 45-46.

²³¹ *Ibidem*.

²³² José Rui Costa PINTO, *Bioética para todos*, ... 60.

²³³ Cfr. SECRETÁRIO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*,... 86-87.

casal de esposos, homem e mulher na distinção e na complementaridade em direção à abertura para a vida²³⁴.

Importa transmitir aos alunos que o amor fecundo entre um homem e uma mulher gera uma vida; e o amor em si tem a capacidade para ser responsável (nas decisões) perante Deus, perante eles mesmos e perante a sociedade. Assim sendo, gerar vida é uma “missão”²³⁵ que implica respeito pela vida humana; resulta do discernimento responsável do casal; denota o respeito pelas decisões e a aprendizagem do controlo do desejo sexual.

Quando se desperta um aluno para estas implicações éticas e morais, deve partir-se sempre do princípio de que o ser humano é dotado de liberdade, mas, em simultâneo, dele se espera responsabilidade. Neste objetivo o professor tenta alcançar a meta de articular uma perspetiva sobre as principais propostas doutrinárias da Igreja Católica²³⁶. Deve ter-se em conta o sentido da liberdade e responsabilidade, que implicam conhecimentos desenvolvidos e esclarecidos acerca das decisões tomadas.

3. 4. Quarto objetivo: descobrir a mensagem cristã sobre o amor e a fecundidade, reconhecendo as suas implicações na prática da vida quotidiana

Como quarto objetivo procura-se que os alunos descubram a mensagem e a cultura bíblicas, ou seja, que pensem sobre o amor e a fecundidade e reconheçam as implicações destes na vida quotidiana²³⁷, fundamentando o conhecimento sobre o amor e a fecundidade na Sagrada Escritura, como uma das fontes da fé cristã. A Sagrada Escritura é, por isso, considerada um dos elementos principais para a fundamentação dos conteúdos da ética e da moral nesta Unidade Letiva e também de toda a disciplina da Educação Moral e Religiosa Católica.

Parte-se do princípio de que a Sagrada Escritura contém a verdade do valor religioso na sua mensagem, ou seja, transmite a vontade salvífica de Deus para a orientação do percurso de cada pessoa. Recorre-se-lhe para fundamentar a questão da fecundação como uma bênção de Deus: os filhos são dádivas de Deus. Por isso, aceitando a vontade de Deus na vida familiar, edifica-se a própria família que se abre à família abrangente e universal que o próprio Jesus

²³⁴ Cf. BENTO XVI, *Caritas in veritate*, Paulinas, Lisboa, 2009, 21.

²³⁵ Cf. PAULO VI, *Humanae Vitae*, Paulinas, Lisboa, 1968, nº 10.

²³⁶ Cf. SECRETÁRIO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, ... 86-87.

²³⁷ *Ibidem*.

veio revelar: “Quem fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe” (Mc 3, 35).

Importa dar a conhecer a mensagem e a cultura bíblicas e esclarecer os alunos sobre a pertença a uma família universal, que não se limita a um espaço geográfico, nem a um tempo da História – uma família composta por todas as famílias do mundo e de todos os tempos.

3. 5. Quinto objetivo: desenvolver uma atitude responsável perante a sexualidade

O quinto objetivo tenciona desenvolver uma atitude responsável perante a sexualidade. Com esta pretende-se que os alunos entendam a meta desta aula: amadurecer a responsabilidade própria perante a pessoa, a comunidade e o mundo²³⁸.

No final desta UL, procura-se que o aluno perceba que não basta conhecer as dimensões do amor e da sexualidade; é necessário também ter sentido de responsabilidade no dia-a-dia, no momento das decisões acerca da vivência do amor. O aluno deve ser capaz de assimilar, na sua vida, a vivência do amor, em especial, o respeito pelo corpo (próprio e do outro), pelos sentimentos (próprios e dos outros); deve salvaguardar a fidelidade numa relação, mantendo o juízo crítico e tendo em conta a dimensão ética e moral cristãs.

O maior desafio para esta aula será a de dotar os alunos da capacidade de tomar decisões de forma coerente com a verdade e com responsabilidade em direção à fidelidade a si próprio, aos outros e a Deus. Trata-se de inculcar nos alunos o significado da palavra fidelidade, a qual implica um assumir a vida com lealdade, confiança, honestidade, verdade, constância e firmeza, ou seja, “a fidelidade é o ADN do amor e a felicidade é a sua obra-prima”²³⁹. Os alunos trilharão a sua vida por muitos caminhos. Por isso, pensamos e sugerimos que a aula deve ser orientada para a escolha de uma profissão ou de uma forma de estar na vida, com implicações na dimensão afetivo-sexual do ser humano. Pretende-se que os alunos possam chegar à forma como querem viver, na dignidade e na liberdade, reconhecendo a riqueza que deriva da sexualidade integrada²⁴⁰.

²³⁸ Cf. SECRETÁRIO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, ... 86-87.

²³⁹ IDEM, *Manual do Aluno, Educação Moral e Religiosa Católica – 8º Ano, Livres para amar*, ... 29.

²⁴⁰ Cf. Vitor Feytor PINTO, *Sexualidade humana, exigências éticas e comportamentos saudáveis*,... 147.

4. Questões detetadas na lecionação Unidade Letiva 1 – “O amor”

O presente trabalho, sob o tema *sexualidade e corpo*, surgiu de uma experiência da lecionação da disciplina da EMRC do 8º Ano, UL sobre o amor. Queremos estar em consonância com aquilo que a nossa sociedade oferece hoje aos alunos, sobretudo pelos meios de comunicação. Foi com a lecionação desta UL que nos demos conta de que o entendimento daqueles acerca da sexualidade necessita de ser mais aprofundado, carecendo de valores que terão ainda de ser consciencializados. Existe uma noção da sexualidade muito ligada ao biológico, ou seja, de que a sexualidade é apenas a vivência do sexo. Esta temática despertou nos alunos a curiosidade de saber, de se debruçar sobre si próprios – um desafio para todos, discentes e docentes.

Na verdade, a música é uma espécie de espiritualidade que exprime as emoções fortes. Segundo Jesus Manuel Garcia, os jovens não sabem dialogar com as emoções fortes que a sociedade oferece, por exemplo, a música, os filmes... o que leva a que os jovens e os adultos se fechem sobre si mesmos, num mundo imaginário²⁴¹. Como devemos nós, professores de EMRC, oferecer aos alunos um olhar crítico sobre estas realidades que tanto os atraem?

Uma vez que estes factos acompanham a vida dos alunos, tentemos olhar para os pressupostos antropológicos e éticos da personalidade de cada aluno²⁴² com um olhar positivo, a fim de os orientar para uma verdadeira educação. Só reconhecendo neles a esperança do futuro em crescimento é que podemos ajudá-los a construir e a cuidar desse mesmo futuro que começa hoje. Este é um dos aspetos que a disciplina de EMRC poderia aproveitar para levar a cabo a sua missão.

Ser professor hoje implica um conhecimento, não só da matéria ou disciplina lecionada, mas também pelo facto de estar envolvido com “uma profunda generosidade perante o social”, como nos diz Jorge Rio Cardoso. Para os professores de EMRC e creio que para todos os professores, a missão de educar é a tarefa principal. Ser professor é uma profissão única e insubstituível, é uma carreira cheia de desafios²⁴³. Assim sendo, na educação somos

²⁴¹ Cf. Jesus Manuel GARCIA, *Que espiritualidad propor hoy a los jovenes?* In:

http://www.donbosco.org.ar/recursos_detalle.php?codigo=1577 (consultado no dia 15 de janeiro de 2016).

²⁴² Cf. Joaquim AZEVEDO., “Perfis antropológicos a atingir no final da Escolaridade. Ser humano tecnológico vs ser humano cultural, contributos para uma perspectiva antropológica e sociocomunitária da educação”, in: *Pastoral Catequética*, nº 23, 2012, 21.

²⁴³ Jorge Rio CARDOSO, *O professor do futuro*,... 37.

convidados a promover a compreensão do que significa ser gente, tornando mais fácil o acesso ao conhecimento que nos humaniza. Deste modo, estamos cientes de que as propostas que fazemos para a disciplina da EMRC servem a formação integral da personalidade do aluno.

5. Algumas observações a partir da experiência da lecionação da Unidade Letiva

Durante a lecionação desta Unidade Letiva, surgiram interrogações acerca dos seus conteúdos, entre eles, se a palavra “amor” está direcionada exclusivamente para a relação conjugal ou para outros estádios de vida em que se concretiza o amor, como a Igreja considera.

No que diz respeito ao planeamento familiar, ao dar a conhecer aos alunos os métodos anticoncepcionais, ficou clara a sensação de que estas aulas transmitem apenas uma informação factual. No entanto, pretendemos transmitir o discernimento e a leitura crítica do uso dos mesmos. Qual é a noção que os alunos têm sobre a vivência da sexualidade nessa faixa etária? Porque é que os alunos tendem a falar de sexo quando se trata do tema da sexualidade? Como propor um pensamento crítico sobre a vivência da sexualidade? A abordagem sobre a sexualidade ajuda os alunos a ter um olhar que dignifica o corpo como uma realidade com várias dimensões e valores para a vida?

A incontestável pertinência desta UL é evidente no ensino-aprendizagem dos alunos. Em primeiro lugar, a questão da sexualidade torna-se persistente quando existe amor. As dimensões da sexualidade abordadas mostram que a sexualidade humana existe para que o homem viva em plenitude de vida, com felicidade. Foi para isso que Deus criou o homem e a mulher e lhes concedeu o dom e a possibilidade de se amarem.

Esta UL tem conteúdos bastante complexos e desafiantes quer para o professor, quer para os alunos. O tema da sexualidade permite propor desafios para uma vivência responsável da mesma e deve ser orientado pela ótica cristã. Realçamos como positivo a inserção de textos bíblicos nos seus conteúdos, que ajudam a compreender a aceção de amor.

Uma das preocupações que existe nesta UL é a de dotar os alunos de juízo crítico acerca da razão dos temas de planeamento familiar, que aparentemente oferecem uma possibilidade de conhecimento prévio de uma vivência da sexualidade.

O tema do amor apresentado nesta UL tem por base a dimensão ética cristã. São conteúdos bastante complexos do ponto de vista prático, porque só fazendo algum esforço podemos transmiti-los de modo simples aos alunos. Além disso, os conteúdos patenteiam uma opção relacionada com uma vivência do amor conjugal, enquanto o amor humano abarca muito mais do que a vivência sexual conjugal.

Deste modo, pensamos que é importante dar maior relevo à sexualidade como descoberta da identidade própria e da dos outros, pois ela significa viver em sociedade de modo harmonioso. Se o nosso desenvolvimento nos ajudar a nos construirmos como pessoas maduras e equilibradas, poderemos abarcar com maior naturalidade e persistência projetos de vida de grande responsabilidade como o casamento e a vida consagrada. Deve sublinhar-se que os alunos numa determinada etapa de vida, ou seja, na adolescência começam a pensar num projeto de vida. Isto poderia sugerir que devemos dar relevo, nesta Unidade Letiva ao amor humano direcionando-o para um projeto de vida que não abranja apenas a vida conjugal, mas também outros estados de vida.

Ao longo da lecionação, conclui-se que os alunos mostraram franqueza e uma certa fadiga por ouvir repetidamente a palavra “sexualidade”. Ao falarmos de “amor humano” é muito importante que não nos limitemos a uma abordagem que torne a sexualidade uma formação técnica; há que enquadrar o termo no nível da relação com os demais e referir a dimensão de transcendência.

Na verdade, uma aula da Educação Moral e Religião Católica deve transmitir a amplitude do amor humano. A maior parte da estrutura desta UL aborda a sexualidade e a família, o que proporciona uma experiência rica e exigente ao nível da organização das matérias das aulas. Sendo um tema em que nos consideramos inexperientes, devemos declarar que foi uma boa oportunidade para o enriquecimento pessoal e para conhecer o universo dos adolescentes, no qual o tema da sexualidade é crucial. Reconhecemos que todas as aulas foram feitas com esforço e empenho, ainda que nem sempre se tenham atingido os objetivos pretendidos. Os alunos estavam bastante recetivos no que diz respeito aos conteúdos, o que se verificou no teste de avaliação feito no final da lecionação desta UL²⁴⁴.

O tema do planeamento familiar é delicado e importante. Durante a leccionação desta UL, sentimos uma certa amplificação na insistência da explicação do uso do preservativo e do contraceptivo. Conforme verificamos, já existe conhecimento da parte técnica. É importante

²⁴⁴ Cf. SECRETÁRIO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Manual do aluno do 8º ano, Educação Moral e Religiosa Católica - Livres para amar, ...*14-57.

fazer antes uma leitura e mostrar uma visão crítica sobre estas realidades, de forma a preparar os alunos para tomar decisões pessoais livres e responsáveis para poderem, a seu tempo, assumir um compromisso de vida. Com esta preocupação tivemos o cuidado de desenvolver as aulas, introduzindo os alunos nos valores fundamentais da vida, tais como o sentido da família e o sentido do amor vivido com responsabilidade.

6. As Planificações e relatórios de aulas da Unidade Letiva 1 – O Amor do 8º Ano

Não queremos pôr de lado a experiência rica da lecionação das aulas, nem as planificações das mesmas. Sabemos como é importante a planificação e a sua realização. As preparações, as planificações e os materiais necessários para as aulas são parte integrante de uma boa aula. E todos sabemos como nos sentimos realizados com o sucesso de uma aula bem preparada. Consideramos importante realçar, na avaliação, o trabalho em grupo do núcleo de estágio da preparação das aulas. Em conjunto, adotamos formas de trabalhar que tivessem em conta todos os alunos da turma. A avaliação no final de cada lecionação foi um meio eficaz para a melhoria da mesma.

A organização das aulas e a sua planificação foram sempre realizadas em diálogo mútuo. Não se notou qualquer iniciativa no sentido de alguém se apossar das ideias alheias; pelo contrário, houve continuamente uma colaboração mútua, com o cuidado de satisfazer melhor as necessidades dos alunos.

Seguem, em esquema, sob forma de tabela com colunas, as planificações das aulas lecionadas. Na planificação de cada aula estão os elementos fundamentais a ter em conta. Neles se identificam os fatores estruturantes: metas de aprendizagens; objetivos a atingir; conteúdos a desenvolver; estratégias de ensino; recursos a utilizar; tempo previsto e instrumentos de avaliação destinados aos alunos da turma. O esquema da planificação tem ainda um espaço próprio para o registo do sumário de cada aula.

Grelha de planificação da primeira aula

Data: 07/10/2014

Sumário: a sexualidade e suas dimensões

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⊕ 45m	Recursos	Avaliação Formativa
S. Reconhecer, a luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.	1. Reconhecer a sexualidade, a fecundidade e o amor humano como essenciais a realização da pessoa.	Amor e fecundidade humana: - Fecundidade é sinal e fruto do amor, todo o amor é fecundo e criativo;	Acolhimento	5m	Caderno dos alunos <i>Power point</i> (anexo 1) Vídeo projetor, computador	A Professora observa nos alunos: o interesse, a atenção, a participação. Teste diagnóstico
			- Introdução da aula: o amor entre homem e mulher (casal: Shah Jahan e Mumtaz Mahal).	10m		
			- Definição da sexualidade e da genitalidade numa folha com dois textos.	11m	Ficha formativa (Anexo 2)	
		- O amor abre a família à relação	- Projeção de um “ <i>power point</i> ” sobre o planeamento familiar. A fundamentação do tema, em diálogo com os alunos.	10m	<i>Power point</i> (anexo 3)	
		- A fecundidade sexual é um bem social porque proporciona: a. realização pessoal; b. sobrevivência da espécie; c. participação na construção da sociedade.	- Entrega-se uma folha branca aos alunos para que estes escrevam algumas questões ou dúvidas relacionadas com a temática do amor humano (sexualidade).	2m	Folha branca	
			Síntese	4m		
	Despedida	3m				

Síntese: A sexualidade é complexa: comporta uma dimensão biológica, psicológica, social e cultural, e ética. A sexualidade deve ser orientada, elevada e integrada pelo amor, porque só ele a torna verdadeiramente humana.

Relatório da aula número um - 07 de Outubro de 2014

O núcleo de estágio reuniu-se antes da aula. Nesta reunião discutiram-se vários aspetos relacionados com as temáticas da Unidade Letiva, que foram considerados preocupantes.

Destes destacamos o conhecimento inadequado do que é a sexualidade; a preocupação em conseguir ajudar os alunos a compreender o planeamento familiar exposto no manual do aluno; e analisar os aspetos a que devíamos dar mais relevo na lecionação desta Unidade Letiva 1 – O amor.

Desde a 4ª lição que a professora cooperante contou com a presença das estagiárias (alunas/professoras) na turma do 8º Ano de EMRC do Agrupamento da Escola Fernando Lopes Graça. Esta é a primeira aula lecionada por uma das estagiárias. Esta aula teve o seguinte objetivo: reconhecer a sexualidade, a fecundidade e o amor humano como essenciais na realização da pessoa.

Os meios auxiliares usados para esta aula foram: quadro, caneta, folha branca A4, ficha formativa, projetor, computador. Utilizamos o quadro para escrever expressões durante a explicação da aula; projetor e quadro para as apresentações do *power point* sobre a história do “Taj Mahal”; folha branca para recolher ideias, perguntas ou questões que porventura os alunos apresentassem para esta Unidade Letiva 1; a ficha formativa para aprofundar a reflexão do tema desta aula.

Depois do acolhimento dos alunos, contou-se a história de “Taj Mahal”, que deu origem ao monumento construído entre 1631-1653, em Agra, na Índia; esta foi a introdução da Unidade Letiva 1 - amor humano. A história do monumento “Taj Mahal” é acompanhada de imagens que descrevem a história em *power point*; os alunos mostraram-se interessados nesta história que trata de uma das mais nobres provas de amor. A estagiária optou por enriquecer a história que contava com imagens em *power point*, a fim de conquistar a atenção dos alunos, uma vez que se sentia insegura a nível da comunicação. Seguiu-se a definição sobre as quatro dimensões da sexualidade: biológica, psicológica, socio-cultural/dialógica e ética que se considerou útil para uma compreensão mais desenvolvida sobre a sexualidade.

A planificação da aula não se cumpriu do tempo. Não foi possível realizar a síntese, devido à falta de tempo. No sumário encontravam-se registadas estas duas questões: “sexualidade e genitalidade”. Mas na aula foi realçada apenas a questão da sexualidade. A genitalidade não foi bem contemplada. Mesmo assim conseguiu-se captar a atenção dos alunos nesta introdução a Unidade Letiva 1 – O amor.

Grelha de planificação da segunda aula

Data: 14/10/2014

Sumário: a sexualidade - abertura à vida

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚ 45m	Recursos	Avaliação Formativa		
			Acolhimento	3m		<p>A Professora observa nos alunos:</p> <p>o interesse, a atenção, a participação.</p>		
O. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.	2. Relacionar os dados das ciências sobre o planeamento familiar com a interpretação cristã da realidade e da pessoa humana.	- Noção de planeamento familiar.	- Sumário: a sexualidade e abertura à vida. Síntese da aula da semana anterior.	12m	- Caderno dos alunos; - <i>Power point</i> ” (Anexo 4) - Vídeo projetor, computador			
			- Explicação de que a sexualidade é espaço aberto para o amor e é nele que se encontra o seu sentido...a construção do EU, TU, numa relação interpessoal que culmina num projeto de vida, alargando-se ao NÓS					
			- O texto para o trabalho de grupo, sobre a “ Educação sexual ”.				9m	Ficha formativa (anexo 5)
			- Plenário e aprofundamento sobre o texto trabalhado pelos grupos.				10m	Quadro e canetas
		Os métodos anticoncecionais: a sua eficácia; as suas vantagens e desvantagens; as suas limitações éticas.	- Introduzindo os alunos na questão do planeamento familiar apresentada em <i>power point</i> . - Síntese	9m	<i>Power point</i> (repetição do anexo 3) Vídeo projetor, computador			
			Despedida.	2m				

Síntese: o verdadeiro sexo é aquele que é vivido no contexto da família, na harmonia de um relacionamento de amor autêntico e genuíno, que se conjuga com fidelidade e responsabilidade; é uma construção do EU, TU ao NÓS, numa relação interpessoal que culmina num projeto de vida.

Relatório da aula número dois - 14 de Outubro de 2014

Nesta aula pretendia-se que os alunos compreendessem que o verdadeiro sexo é aquele que é vivido no contexto da família, na harmonia de um relacionamento de amor autêntico e genuíno que se conjuga com fidelidade e responsabilidade. A lição anterior relacionava-se com esta, por isso era oportuno fazer a síntese da semana passada, já que na aula anterior não fora possível realizar tal síntese. Apesar da repetição do conteúdo, considerou-se útil recordar os assuntos vistos na aula anterior.

As aulas são sempre uma oportunidade para enriquecimento, quer para os alunos, quer para o professor. Uma das preocupações principais de EMRC é encaminhar os alunos no sentido do diálogo e da interação com os outros. Sendo uma turma heterogénea a nível de interesse e de motivação, há empenho no trabalho. Nesta aula foi proposto aos alunos um trabalho de grupo sobre a educação sexual. Apesar de terem atingido os objetivos, notou-se dificuldade de interação entre os elementos do grupo. A maioria das questões que resultaram do trabalho do grupo eram apenas o ponto de vista pessoal e não se notou diálogo entre membros do grupo. Apesar disso, trabalharam bem e puseram muitas questões. No trabalho de grupo foram levantadas muitas questões pelos alunos sobre a sexualidade mas típicas da opinião pessoal, indiferentes e pouco críticos em relação àquilo que é a opinião dos outros.

Nesta aula pretendia-se expor também o tema do “planeamento familiar”, mas não foi possível, porque o tempo da aula havia chegado ao fim. Sentiu-se uma lacuna nesta aula por não se conseguir transmitir aos alunos a ideia de que a sexualidade é uma componente fundamental da personalidade. Apesar de algumas relutâncias, a aula foi considerada positiva.

Grelha de planificação da terceira aula

Data: 21/10/2014

Sumário: Paternidade e maternidade responsáveis

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚ 45m	Recursos	Avaliação Formativa
			Acolhimento	3m		A Professora observa nos alunos: o interesse; a atenção; a participação.
H. Articular uma perspetiva sobre as principais propostas doutrinárias da Igreja Católica	3. Organizar um universo de valores fundado na perspetiva cristã e na liberdade responsável de cada pessoa	- A paternidade e a maternidade responsáveis - A abertura à vida	- Sumário - A síntese da aula da semana anterior	7m	Caderno dos alunos Quadro, caneta, giz. Power point (Anexo 6)	
		- Noção de planeamento familiar; Os métodos anticoncecionais: a sua eficácia; as suas vantagens e desvantagens; as suas limitações éticas.	- Apresentação do planeamento familiar	8m	Power point (repetição do anexo 3)	
		- Proposta da Igreja católica sobre o controlo da natalidade, - uma perspetiva ética que defende o bem da pessoa: o respeito pela vida humana; - a aprendizagem do controlo do desejo sexual, para que o ato sexual não seja um egoísmo a dois.	- Visionamento de um vídeo da família em três minutos. - Diálogo com os alunos, aprofundando com eles o tema, com a proposta da Igreja católica sobre a família.	12m	Vídeo (Anexo 7) Quadro e caneta/giz.	
			Síntese da aula.	9m		

Síntese: o exercício da fecundidade do homem e da mulher é simbólico e crítico-responsável. Os pais têm obrigação de discernir, em consciência e de forma responsável, as circunstâncias mais favoráveis ao nascimento dos filhos.

Relatório da aula número três - 21 de Outubro de 2014

Nesta lição pretendia-se que os alunos compreendessem como é importante o discernimento em consciência e em responsabilidade; a relevância do exercício da paternidade e da

maternidade. Para não perdermos o fio condutor desta Unidade Letiva, começou-se a aula por recordar o conteúdo da aula anterior e fazer a síntese da mesma, abordando os critérios de uma vivência da sexualidade no contexto da educação; como se vive responsabilmente e onde se deve viver essa dimensão.

Como sempre, antes da aula o núcleo do estágio reuniu-se para a sua preparação, mostrando desejo de dar a conhecer aos alunos, o tema do planeamento familiar, de uma maneira que lhes fosse inteligível. Assim, tendo em conta o conhecimento dos alunos e a sua experiência, sugeriu-se que a professora cooperante apresentasse a temática. Os alunos estavam muito interessados. Notou-se nestes a necessidade de falar sobre si próprios, a propósito destas temáticas. Mas houve alguns que se mostraram retraídos. A professora fez uma explicação clara e explícita sobre o planeamento familiar, sobretudo quanto ao uso dos contraceptivos e preservativos. Mas foi considerado positiva a intervenção da professora cooperante nestas aulas, pois os alunos sentiam-se bastante familiar com a presença da professora.

Grelha de planificação da quarta aula

Data: 28/10/2014

Sumário: Amor e família na Bíblia

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚ 45m	Recursos	Avaliação Formativa
			Acolhimento	3m		
F. Conhecer a mensagem e cultura bíblicas.	4. Descobrir a mensagem cristã sobre o amor e a fecundidade, reconhecendo as suas implicações na prática da vida quotidiana.		- A síntese da aula da semana anterior sobre o planeamento familiar e o fundamento do mesmo. - A ficha de autoavaliação	5m	Caderno dos alunos Quadro <i>Power point</i> (Anexo 8) Ficha de autoavaliação (Anexo 9)	Ficha de avaliação pessoal dos alunos
		Amor e família na Bíblia. Aceitação da vontade de Deus e amor edificam a família universal (Mc 3, 31-35).	Trabalho do grupo constituído por alunos e professoras com a seguinte ordem: Grupo 1 Grupo 2 Grupo 3 Orientar os alunos para uma escuta atenta aos outros, com a experiência, a perspetiva, a expectativa, o pensar de cada um sobre a família.	12m	Ficha de orientação do trabalho de Grupo. (Anexo 10)	A Professora observa nos alunos: o interesse; a atenção; a participação
		- Os filhos como dádivas de Deus: Sl 128 (127), 3. - A fecundidade como bênção de Deus: Sl 127 (126), 3-5.	- O plenário consiste em partilhar o trabalho do grupo com a turma. - Visionamento de um vídeo da família em três minutos. - Diálogo com os alunos, aprofundando o tema, com a proposta da Igreja católica sobre a família. Textos da bíblia (salmo 127 e 128 e Mc 3,35). - Entrega de apontamentos relativos à Unidade Letiva 1 (preparação para o teste).	13m	Giz/caneta e quadro. Vídeo “Família torna-te aquilo que és” (repetição de anexo 7)	
			Síntese da aula	9m		
			Despedida.	2m		

A síntese: os filhos são a grande bênção de Deus e o fruto do amor fecundo do casal. A relação matrimonial é comparada à aliança ou à relação amorosa de Deus com o seu povo. Assim sendo, Deus é o construtor e edificador do espaço familiar.

Relatório da aula do número quatro - 28 de Outubro de 2014

Nesta lição pretendia-se que os alunos compreendessem que a família é uma bênção de Deus, segundo a leitura bíblica. Assim, foi-lhes proposto um trabalho em grupo sobre a família. Recordar a aula anterior é importante para situar os alunos nos primeiros momentos das aulas. Estes mostraram-se recetivos, quando se lhes explicavam as ideias fundamentais do planeamento familiar, nomeadamente o discernimento, a dignidade da pessoa humana e a condição de nascimento de um filho.

Como nesta turma existe diversidade de culturas, a professora decidiu propor aos alunos um trabalho de grupo, com o intuito de fomentar a relação interpessoal e cultivar o sentido de trabalho em equipa e de responsabilidade da vivência em igualdade. Por uma questão de economia de tempo, a professora retomou os grupos anteriormente formados, embora alguns alunos tenham manifestado desejo de se associar a outros colegas. Apesar desta pequena contrariedade, os alunos estiveram sempre participativos. Para que o trabalho fosse mais frutuoso, o núcleo de estágio decidiu incluir uma professora em cada grupo de trabalho, já que este trabalho tinha por tema a família.

Notou-se o empenho e a participação dos alunos, sobretudo no plenário, onde explicaram o que discutiram no grupo. O resultado foi positivo, com alguma distração pontual entre eles. Para terminar a discussão a professora sugeriu à turma um pequeno vídeo sobre a família na visão da Igreja católica, intitulado: “Torna-te aquilo que és”. O filme foi muito bem aceite, todos estiveram atentos e em silêncio.

Apesar da realização do trabalho de grupo e do visionamento do vídeo, não se desenvolveu, em diálogo com os alunos, a ideia de que Deus deu ao ser humano uma força de vida que é simultaneamente conforto, bem-estar pessoal e dom para o outro na comunhão amorosa, total e recíproca, aberta à vida sempre nova. Não foi possível realizar a síntese, pois o tempo foi escasso.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⊕ 45m	Recursos	Avaliação Formativa
			Acolhimento	3m		
O. Amadurecer a responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	5. Desenvolver uma atitude responsável perante a sexualidade	Ser responsável, antecipando as consequências dos próprios atos.	- Sumário: Desafios para uma vivência responsável do amor. - Síntese da semana anterior sobre a família na Bíblia (os textos do Sl 127 e 128; Mc 3: fraternidade universal.	7m	Caderno dos alunos. <i>Power point</i> (Repetição do anexo 10)	A Professora observa nos alunos: o interesse; a atenção; a participação. Preenchimento da grelha de avaliação.
		O respeito pelo corpo, os sentimentos próprios e os dos outros.	- Visionamento de um pequeno filme em sete minutos - Discussão sobre o tema. - Definir os elementos essenciais dos desafios para uma vivência responsável do amor em responsabilidade, confiança e fidelidade.	15m	Vídeo: “Respeito pelas diferenças” (Anexo 11)	
		- A importância da fidelidade e da doação no amor e na sexualidade.	- Desenvolver o tema com apresentação de imagens em <i>power point</i> sobre a fidelidade, a confiança e a responsabilidade. Síntese da aula.	15m	Quadro, vídeo projetor. <i>Power point</i> (Anexo 12) Imagem da “chuva” de ideias sobre o amor.	
			Despedida (inscrição no <i>peddy-paper</i>)	5m		

Síntese: aceitar os desafios da vivência responsável de amor significa que temos de provar a nossa responsabilidade, assumir e cumprir a nossa obrigação na autenticidade, e aceitar os outros sem preconceitos. Assim nos encaminharemos para uma vivência do amor na responsabilidade, na confiança e na fidelidade.

Relatório da aula número cinco - 04 de Novembro de 2014

Depois de ter trabalhado a Unidade Letiva 1 – o amor humano, nesta aula pretendia-se transmitir aos alunos os desafios para uma vivência responsável do amor. O tema escolhido tinha por objetivo dar a conhecer aos alunos os reptos que encontramos na nossa vida quotidiana, nomeadamente na vivência da sexualidade acerca da qual temos estado a refletir.

Esta aula tinha o interesse de analisarmos as atitudes que se devem tomar em resposta à, à comunidade e ao mundo. Porque era a última aula desta Unidade Letiva, esta revestia-se de suma relevância; era a derradeira oportunidade para sublinhar que os desafios abordados deveriam ser assumidos com responsabilidade, fidelidade e confiança, tendo em conta que as opções que tomamos na nossa vida têm sempre consequências positivas e negativas. A aula foi assistida pela professora Cristina Sá Carvalho e estavam também presentes a professora cooperante Luísa Carvalho e estagiária Tereza Vieira. A aula começou com um breve acolhimento aos alunos. O sumário foi projetado em *power-point*.

Recordar aos alunos os conteúdos da aula da anterior foi feita logo no início da aula. Partindo do princípio de que a família se encontra dentro do plano de Deus, a família só poderá ser o que é verdadeiramente se tiver Deus como fundamento. Nesta parte deu-se relevo ao sentido da família em Jesus Cristo, cujo entendimento é alargado a todos os que cumprem a vontade de Deus. Foi então apresentada aos alunos uma imagem da Jornada Mundial da Juventude, para que compreendessem que em Jesus todos somos uma família. Os alunos estavam muito atentos. Quando a professora indagou quem se recordava da aula anterior. A imagem de Jesus usada no *power-point* não foi adequada do ponto de vista artístico. Deveria ter-se usado uma imagem de um pintor mais expressiva. Segundo a avaliação da professora orientadora, a estagiária deveria ter falado com mais clareza e com uma linguagem mais adequada aos alunos.

Feita esta explicação sobre a família no Antigo e no Novo Testamento, iniciou-se a projeção do filme. Faltou uma breve introdução antes de os alunos começarem a ver o filme. Por consequência, nem todos perceberam a ideia principal do mesmo, muito embora estivessem atentos, na sua maioria. O filme suscitou bastante emoção nos alunos, a qual se repercutiu no desconforto de fazer comentários. Neste momento, a professora tentou guiar-se pelas sínteses desta aula, abordando o tema com o objetivo de suscitar as atenções dos alunos sobre as

atitudes que se deviam tomar para uma vivência sã da sexualidade e com uma visão crítica. Calados e muito atentos, os alunos ouviram.

Como a aula foi avaliada e assistida, realçaram-se quais os aspetos não conseguidos na mesma: a síntese foi um pouco extensa; quando se falou da infidelidade devia ter-se falado a partir dos pais, ou seja, sobre a relação do casal, pois esta é uma relação concreta que os alunos veem e observam no seu dia-a-dia. O filme não devia ter colocado o problema da morte, pois para os alunos pode ser desanimador perspetivar a relação amorosa com a ideia de que esta culmina na morte. Deveria ter-se cortado ou feito parar a projeção do filme no momento em que fala da morte. Além disso, um dos trabalhos a nível pessoal que importa melhorar consiste em saber escolher e aproveitar a oportunidade para colocar certas questões aos alunos. A aula terminou um pouco mais cedo do que habitual, para permitir à professora cooperante concluir esta aula com questões práticas relacionadas com o *peddy-paper* que ia ser realizado em Sintra, com os alunos de EMRC de todo Agrupamento.

Com a avaliação feita, depois da aula, pelas outras professoras, a professora sentiu-se mais enriquecida, pois as críticas construtivas foram instrumento valioso para o seu crescimento a nível profissional. Houve, porém, falhas significativas do ponto de vista do domínio da aula, sobretudo no âmbito dos procedimentos, pois não se conseguiu transmitir tudo o que se pretendia.

Grelha de planificação da sexta (última) aula

Data: 11/11/2014

Sumário: Teste de avaliação

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚ 45m	Recursos	Avaliação Formativa
			- Acolhimento e sumário.	5m		
M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.	- Reconhecer a sexualidade, a fecundidade e o amor humanos como essenciais à realização da pessoa. - Descobrir a mensagem cristã sobre o amor e a fecundidade, reconhecendo as suas implicações na prática da vida quotidiana.	- A educação sexual. - A perspetiva cristã sobre a família.	- Teste de avaliação.	30m	-Ficha sumativa: teste de avaliação (Anexo 14)	A Professora observa nos alunos: o interesse; a atenção; a participação; o empenho.
			Alguns aspetos práticos sobre o <i>Peddy-paper</i> e outros sobre a UL1 e Despedida.	10m		

Relatório da aula número seis - 11 de Novembro de 2014

Nesta aula realizou-se o teste de avaliação, pretendia verificar-se a evolução dos alunos em relação à atenção, ao empenho, à participação na aula; queria, em suma, saber-se se as atividades propostas contribuem ou não para o crescimento dos alunos. Para além disso, pretendia testar-se se compreenderam as temáticas abordadas durante a Unidade Letiva 1- “o Amor”, nomeadamente o tema da educação sexual e a perspetiva cristã sobre a família.

O conteúdo do teste baseou-se nas aulas dadas. As temáticas foram:

- A sexualidade e as suas dimensões: biológica, psicológica, social/cultural/dialógica e ética.
- A sexualidade humana orientada para a maturidade e para a construção do “eu”, do “tu” ao “nós”. Esta é entendida como uma vivência da beleza e da exigência de uma relação de amor onde cada um é dom para o outro.

- A importância da família segundo a perspectiva cristã.

No primeiro momento, realizou-se o teste para a avaliação, que durou cerca de vinte minutos. Muitos alunos fizeram-no em menos tempo, estavam seguros dos seus conhecimentos e compreenderam bem as questões. Estavam em silêncio e muito concentrados. Esporadicamente solicitaram apoio para descodificar palavras ou frases que não estavam a entender. Terminando o teste, a professora cooperante recorria para dar informação sobre a visita de estudo, o *peddy-paper* que se vai realizar em Sintra com todos os alunos de EMRC desta escola.

7. Avaliação da Unidade Letiva lecionada

Após a leção desta Unidade Letiva consideramos que é importante destacar os aspetos que achamos que merecem uma revisão com o objetivo de melhorar cada vez mais os nossos esquemas das planificações das aulas da Unidade Letiva em questão. Referimo-nos à avaliação como um instrumento necessário de saber as metas selecionadas foram ou não adquiridas. Julgamos que esta avaliação é importante não apenas para avaliar os alunos, mas seria bom aplicá-la também ao desempenho do professor.

Importa referir que a avaliação *formativa* aplicada ao longo da leção Unidade Letiva, visa atestar o progresso, dificuldades e bloqueios. Portanto, a avaliação formativa consiste em acompanhar o professor-aprendiz para a sua melhoria e o seu progresso²⁴⁵.

Para os alunos aplicamos os seguintes instrumentos de avaliação: no **domínio** de aquisição de conhecimentos e desenvolvimento de capacidades contamos com a aquisição e a aplicação de conhecimentos; do desenvolvimento das capacidades essenciais e da utilização correta da Língua Portuguesa, nos domínios da oralidade, da leitura e da escrita. No domínio das **atitudes e valores**, avaliamos a assiduidade e pontualidade, o respeito por si próprio e pelos outros, a cooperação com os outros, a fraternidade para com os colegas, o trabalho autónomo e a participação na vida da comunidade e o exercício da cidadania.

²⁴⁵ Cf. Maria do Céu ROLDÃO, *Gestão do currículo e avaliação de competências*, Lisboa, Editorial Presença, 2003, 41.

No domínio do *comportamento* avaliamos o cumprimento das regras básicas na sala de aula. No domínio de *participação/empenho* avaliamos - Atenção, empenho e participação na aula e nas atividades propostas, responsabilidade no cumprimento das tarefas solicitadas e prazos estipulados, responsabilidade em trazer o material necessário para o desenvolvimento das atividades, curiosidade, interesse e participação (acompanha, questiona, responde), aquisição de hábitos de estudo e de trabalho. Para além destes esquemas de avaliação para os alunos, contámos com a avaliação da professora cooperante e professores-aprendizes na melhoria da nossa lecionação.

Dentro deste espírito de avaliação, verificamos que as aulas lecionadas desta Unidade Letiva merecem uma avaliação mais especializada nas planificações e na própria lecionação, mas sobretudo, no que se refere à transmissão dos conteúdos e à verificação da reação e receção dos alunos da turma da PES.

Nas planificações desta Unidade Letiva contava-se com seis aulas lecionadas. Consideramos que eram suficientes, porém, o ideal seria ter mais que esse número de aulas, com o fim de desenvolver mais e melhor os temas deixados, tais como: a amizade e o namoro, vivência problemática da sexualidade, a fecundidade e a adoção, seriam muito mais proveitosos se conseguíssemos abordar com os alunos os temas relativos à sexualidade que, para os adolescentes são de uma grande importância.

Relativamente aos temas lecionados, julgamos que poderia ter sido diferente o modo como o abordamos e interagimos com os alunos. De uma forma geral considerou-se que a lecionação desta Unidade Letiva foi positiva, porém, sentíamos a necessidade de melhorar em muitos pontos com planificações mais cuidada. Com isso passamos a uma avaliação crítica das aulas lecionadas.

A primeira aula começou-se de seguinte forma: a professora cooperante apresentou a nova professora e, com pouca intervenção dos alunos, a professora começou esta primeira aula. A primeira aula foi vista como uma aula de introdução à Unidade Letiva, pelo que as matérias utilizadas para esta aula eram muito importantes para que a lecionação desta corresse da melhor forma. Assim, a primeira aula ajudou muito à receptividade por parte dos alunos. A utilização das imagens da história do *Taj Mahal* como uma das maiores provas de amor na

história²⁴⁶. Com isso, deu para perceber que os alunos começaram a sentir a diferença de uma nova professora à sua frente. Com a mudança de professora, automaticamente, os alunos mudaram também de atitude e de postura na sala de aula. Poderíamos dizer que os alunos começaram com uma nova forma de estar perante esta nova e diferente presença.

No seguimento da aula, a apresentação da história do *Taj Mahal* foi suficiente para suscitar o diálogo acerca da história entre a professora e os alunos. Segundo a planificação desta aula, íamos seguir com a definição da sexualidade e genitalidade, porém, o diálogo entre a professora e os alunos ocupou bastante o tempo da aula.



Após a leção, ao fazer uma retrospectiva da aula, consideramos que, como os professores principiantes têm a preocupação centrada em si, ou seja, como nos diz Richar I. Arends sobre aprender a ensinar, que esta foi a aula da “fase da sobrevivência” em que o professor tenta fazer a gestão da mesma com a possibilidade de ficar descontrolada²⁴⁷. Porém, os alunos tinham colaborado muito com o seu acompanhamento sereno no decorrer da aula, o que ajudou bastante para que se mantivesse o bom ambiente desta primeira aula. Consideramos que o tema do amor, que foi introduzido nesta aula, poderia ter sido mais elaborado, em termos de partilha de opinião por parte dos alunos, por isso, foi planeado que fosse continuada a última parte desta aula na próxima ocasião, ou seja, a aula seguinte.

A segunda aula foi considerada um passo mais na nossa *aprender a ensinar*. Por isso, para que a turma desse mais tempo ao diálogo resolvemos propor um trabalho de grupo com o tema: *sexualidade e abertura à vida*. A aula começou com a síntese da aula anterior pois, as aulas tinham esta lógica de continuidade precisamente porque os temas estão interligados. A aula decorreu com um ritmo mais acelerado, porque os alunos estavam já com expectativas de novidades trazidas pela nova professora. Esta aula consistiu em descodificar a sexualidade como espaço aberto para o amor e é nele que se encontra o seu sentido que se concretiza na construção do EU, e do TU, numa relação interpessoal que culmina num projeto de vida, alargando-se ao NÓS.

²⁴⁶ Cf. SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Livres para amar, 8º ano – Educação Moral e Religiosa Católica*, Coord. Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2009, 19-20.

²⁴⁷ Cf. Richard I. ARENDS, *Aprender a ensinar*, Mc Graw Hill Companies, 2008, 29.

Nesta aula utilizamos a dinâmica do trabalho de grupo; entendemos que esta dinâmica ajudará os alunos a treinarem vários aspetos do seu conhecimento, nomeadamente a questão da liderança. Segundo Jorge Rio Cardoso, o trabalho de grupo dá oportunidade aos alunos de aprender os vários aspetos tais como: A clarificação das opiniões, a comparação das impressões, a partilha das soluções e o desenvolvimento das capacidades de liderança²⁴⁸.

A exposição do tema foi feita no início da aula após a descrição do sumário. A ficha que foi facultada aos alunos contém explicações acerca da educação sexual. O tema proposto foi bem recebido pelos alunos. Observamos que a dinâmica do trabalho de grupo é bastante eficaz para pôr os alunos em diálogo; houve muitas discussões no grupo dos alunos, embora as questões levantadas tenham sido bastantes, mas apenas algumas foram partilhadas no plenário. Até aqui seguiram-se os passos da planificação. No plano incluiu-se também o tema do planeamento familiar, mas não foi possível discutir este tema nesta aula, pois o trabalho de grupo e a apresentação do mesmo ocupou bastante o tempo da aula. Considerou-se positiva esta aula, embora os trabalhos de grupo pudessem ter sido mais trabalhados e aprofundados pela professora.

No que concerne à **terceira aula** tal como havia sido planeado começamos com o acolhimento aos alunos; sempre com um olhar de atenção para quem estava a faltar na sala de aula; este ato era quase repetido em cada aula, pois os alunos eram poucos, quase que se sabia quem iria faltar ou quem viria mais tarde em cada aula. Fazia parte do acolhimento perguntar pelos que estavam ausentes. Continuando a aula com a descrição do sumário e aproveitamos para revistar os cadernos dos alunos com o fim de dar mais atenção aos apontamentos e aproveitar para elogiar e corrigir. Perguntamos sempre pelos cadernos e pelo manual de EMRC para verificar também a sua assiduidade não só na presença na sala de aula, mas também na aplicação e no interesse que estes deveriam ter com certas coisas, tais como o material e a aplicação nos apontamentos, a atenção na sala de aula, etc.

Paternidade e maternidade responsáveis foi o sumário desta aula e com isso pretendíamos que, os alunos compreendessem como é importante o discernimento em consciência e em responsabilidade são relevantes no exercício da paternidade e da maternidade.

Conforme planeado, expusemos então o tema do *planeamento familiar* com o fim de ajudar na compreensão do que é maternidade e paternidade responsáveis. Por um lado, tínhamos consciência de que a questão da paternidade e da maternidade responsáveis não deve ser

²⁴⁸ Cf. Jorge Rio CARDOSO, *O professor do futuro*, Clube do livro, Lisboa, 2013, 211.

centrada exclusivamente ou preponderantemente na problemática dos métodos, mas sim situar os alunos no horizonte mais amplo do significado da sexualidade, do matrimónio e da fecundidade humana. Por outro lado, no que se refere aos métodos anticonceptivos, tínhamos em consideração e o cuidado de transmitir aos alunos a verdadeira intenção de quem os usa, o respeito pela natureza da pessoa e dos seus atos no contexto de autêntica doação mútua, como por exemplo na vida de um casal.

No decorrer das aulas, notou-se um interesse e um ambiente cómodo espalhado na face dos alunos; notou-se também uma necessidade de se expressar da parte dos mesmos acerca dos assuntos tratados. Porém, entre os alunos nem todos tiveram a mesma posição e receptividade acerca destes assuntos, havendo alguns que os consideraram demasiado sérios.

Com a exposição do tema do *planeamento familiar*, os alunos mostraram-se bastante interessados, pois, em cada aula tínhamos sempre a intenção de lhes oferecer um espaço para exporem os seus pontos de vista. Assim, com essas opiniões poderíamos ir mais longe e captar os seus interesses e abrimos também entre nós, professora e alunos o diálogo e a confiança. Esta aula foi considerada positiva e bastante participativa pelos alunos. Consideramos que poderíamos melhorar em várias partes, nomeadamente no controlo do tempo. Contudo, reparamos que era mais importante a transmissão intensa e dedicada de um tema numa aula do que apenas o cumprimento da planificação de aulas.

Relativamente à **quarta aula**, como sempre fizemos um breve e informal acolhimento com os alunos, perguntando pelos testes, como é que vão as aulas, como passaram a semana e outros. Após o acolhimento seguiu-se a descrição do sumário e uma breve explicação do que se ia fazer nesta aula. Conforme planeado, tínhamos pensado que esta aula fosse dedicada não à parte da compreensão da matéria que será dada, mas também uma autoavaliação dos alunos.

A primeira parte da aula propôs aos alunos uma breve autoavaliação. Interpelámos a sua seriedade e sinceridade, porque esta autoavaliação iria servir como um instrumento de avaliação acerca da disciplina da EMRC. As questões colocadas continham experiências próprias dos alunos acerca da mesma disciplina.

Após o preenchimento da ficha de autoavaliação, propôs-se aos alunos um trabalho de grupo. Esta aula tinha o objetivo de transmitir aos alunos que a família é uma bênção de Deus segundo a leitura bíblica. Com a leitura dos textos bíblicos, os alunos não só aprenderam algo sobre a família, mas também estiveram em contacto com as leituras bíblicas que fundamentam a questão da família. Julgamos que era importante inserir os professores dentro

do trabalho de grupo, com o fim de trocar opiniões não só entre os alunos, mas também entre alunos e professores.

Porque escolhemos a dinâmica do trabalho de grupo? Porque consideramos que esta turma, para além de ser uma turma heterogénia em termos de culturas, sobretudo, em termos de religião e ainda mais em termos de opiniões. O trabalho de grupo é um treino de interação e de aprendizagem de vários aspetos; sugeríamos que seria bom trabalhar em conjunto entre professores e alunos. Na construção do grupo, os alunos tiveram alguma dificuldade em juntar-se aos outros colegas que habitualmente não são do seu grupo; mesmo assim, fizemos um esforço para convencê-los, porque segundo a nossa opinião, a mudança e a interação entre os outros colegas seria um enriquecimento.

Neste tema também pretendíamos que o tema família na Bíblia, pelo facto de estar a ser trabalhado em grupo, os alunos também desenvolvessem os seus diferentes estilos cognitivos de aprendizagem, porque, ao conversarem uns com os outros, eles dão-se conta e apercebem-se do seu mundo. Com isso, aprenderão a processar a informação dada²⁴⁹. Nesta interação notou-se aquilo que Richard I. Arends considera como *estilos cognitivos*, ou seja, a forma como os alunos processam e compreendem a informação. Identificamos aqueles que são *dependentes do campo*, isto é, que percebem o assunto “família” como um todo, e outros que entendem a “família” por partes separadas, fizeram uma leitura mais analítica. Assim, vemos que alguns alunos são mais independentes na sua opinião e têm uma forte capacidade analítica, houve outros que eram mais dependentes e necessitados de ajuda e estes consideram-se mais adaptados para trabalharem em grupo.

Analisamos esta aula com a dinâmica proposta, consideramos que este tipo de trabalho na sala de aula é uma mais-valia, não só para os professores mas também para os alunos, precisamente porque o trabalho em grupo os ajuda a serem mais interativos.

O trabalho de grupo foi encaminhado para um plenário, onde os grupos apresentaram os resultados dos assuntos discutidos no grupo. Com isso, notou-se o empenho e a dedicação dos alunos neste trabalho sobre a família na Bíblia. Consideramos que os esforços dos alunos mereciam uma avaliação positiva. Para melhor terminar esta aula, sugerimos aos alunos um vídeo que consideramos oportuno para completar este trabalho sobre a família: “Família, torna-te aquilo que és”.

²⁴⁹ Cf. Richard I. ARENDS, *Aprender a ensinar*, ... 50.

Ao fazer a retrospectiva desta aula, avaliamos como positiva a dinâmica e o conteúdo. Porém, como sempre, consideramos uma falha da nossa parte: o controle do tempo. Assim, concluímos que a aula estaria melhor de outra forma, se na fase da explicação ou diálogo com os alunos, déssemos mais relevo à questão principal da



família como cooperadora livre e responsável na transmissão do dom da vida humana. Por um lado queríamos chegar ao objetivo de transmitir aos alunos, a tarefa fundamental da família como serviço à vida. Por outro, também tínhamos em mente transmitir que a fecundidade do amor conjugal não se restringe apenas à procriação dos filhos, mas que, acima de tudo, a família é chamada a enriquecer-se e a alargar-se sobretudo, no cultivo da vida moral, espiritual e sobrenatural²⁵⁰.

Na **quinta aula** começamos com uma saudação breve aos alunos e como sempre fizemos uma conversa informal como sinal de acolhimento. Esta aula teve como objetivo, desenvolver uma atitude responsável perante a sexualidade. Para fazer uma passagem da entrada dos alunos à sala de aula, começamos por escrever o sumário: “Desafios para uma vivência responsável do amor”. A aula em si foi fulcral por ser a última aula, e também por ser termo da Unidade Letiva. Considerou-se importante que os alunos possam identificar os reptos que encontramos na nossa vida quotidiana.

Seguidamente continuamos a aula. Recordando o tema tratado na aula anterior, salientamos de modo especial o tema da família no trabalho de grupo que tivemos. Após esta síntese da aula anterior, propusemos um pequeno vídeo cujo título era o “respeito pelas diferenças”. Na introdução do vídeo os alunos encontravam-se mais entusiasmados com este anúncio, pois, notou-se que o seu maior gozo era assistir aos vídeos e fazer os seus comentários acerca dos mesmos. Embora se considerasse relevante uma explicação inicial sobre o vídeo, achamos por bem não comentar nada antes do visionamento do mesmo, para causar mais impacto nos alunos ao contactar com o vídeo. O visionamento decorreu num ambiente muito desejável com muita atenção e silêncio da parte dos alunos.

Para além de termos o vídeo como fio condutor da aula, queríamos que os alunos pudessem definir os elementos essenciais dos desafios para uma vivência responsável do amor em responsabilidade, confiança e fidelidade. Por isso, após o visionamento do mesmo, pedimos

²⁵⁰ Cf. José Rui Costa PINTO, *Bioética para todos*, ... 164-165.

aos alunos que comentassem um pouco a sua opinião sobre o filme e o que é que o mesmo tinha a ver com o tema da responsabilidade, confiança e fidelidade no amor. Após uns minutos de espera, tentamos guiar os alunos com a síntese da aula que tínhamos feito antes, porque se mostravam bastante afetados pelo vídeo, que mexeu muito com as suas emoções. Não foi muito bem-sucedida a tentativa de os levar a exprimirem as ideias e as emoções desencadeadas pelo filme.

Na planificação desta aula, tentávamos utilizar também a dinâmica da chuva de ideias sobre o filme e, com isso, queríamos fazer uma ligação entre o tema da aula e o conteúdo do filme. Porém, não foi bem conseguido, certamente porque a explicação do tema da sexualidade e do amor não foi bem explorada, e o tema do amor abordado sem implicações no que toca ao essencial desta Unidade Letiva, que seria a sexualidade e as suas implicações.

Ao fazer a retrospectiva desta aula, consideramos que o plano da aula ficou sem cumprimento, pois o essencial do tema não foi abordado. A fidelidade, a confiança e a responsabilidade eram os pontos fulcrais que se deviam ser mais trabalhados e explorados nesta aula, mas não foi concretizado simplesmente este tema.

Na avaliação realçaram-se alguns aspetos não conseguidos na mesma: a síntese foi um pouco extensa; quando se falou da infidelidade devia ter-se falado a partir dos pais, ou seja, sobre a relação do casal, pois esta é uma relação concreta que os alunos vêem e observam no seu dia-a-dia. O filme não devia ter colocado o problema da morte, pois para os alunos pode ser desanimador perspetivar a relação amorosa com a ideia de que esta culmina na morte. Deveria ter-se cortado ou feito parar a projeção do filme no momento em que fala da morte. Além disso, um dos trabalhos a nível pessoal que importa melhorar, consiste em saber escolher e aproveitar a oportunidade para colocar certas questões aos alunos.

A nível geral não foi atingido o objetivo da aula, porque a explicação que se deveria dar não foi suficientemente trabalhada, ou seja, cumpriu-se a planificação em termos do tempo, mas o desenvolvimento teve pouco impacto e não atingiu os objetivos e as metas previstos para esta aula. Foi dado termo à aula mais cedo do que o habitual, para permitir à professora cooperante concluir esta aula com questões práticas relacionadas com o *peddy-paper* que ia ser realizado em Sintra, com os alunos de EMRC de todo o Agrupamento.

Se olharmos para esta experiência da lecionação, conseguiremos identificar perfeitamente a teoria de Richard I. Arends acerca da experiência dos novos professores na sala de aula. Houve a fase da sobrevivência em que o professor se preocupa mais com o plano de aula, até ao ponto de se descontrolar²⁵¹. Por isso, verificamos que a experiência do ensino é complexa e, embora com menos experiência, vamos ganhando também alguma autonomia, na medida em que aumenta o número da lecionação.

Na **sexta aula** realizou-se o teste de avaliação. Começamos a aula como habitualmente, saudando os alunos, acolhendo-os, fazendo a descrição do sumário.

O teste de avaliação tinha como meta conhecer a receptividade dos alunos acerca das aulas dadas. Esta última aula ocuparia apenas metade do tempo, uma vez que o teste de avaliação iria ser muito breve. Prevíamos que os alunos iriam terminar o teste entre quinze ou vinte minutos, já que estes eram rápidos em responder às questões.

O conteúdo do teste baseou-se nas aulas dadas. As temáticas foram: a sexualidade e as suas dimensões: biológica, psicológica, social/cultural/dialógica e ética; a sexualidade humana orientada para a maturidade e para a construção do “eu”, do “tu” ao “nós”. Esta é entendida como uma vivência da beleza e da exigência de uma relação de amor onde cada um é dom para o outro; a importância da família segundo a perspectiva cristã.

O teste parecia fácil para os alunos, pois, estes começaram a olhar para as questões e de seguida deram as respostas sem dificuldade. Houve uma palavra ou outra para as quais foi necessário dar uma explicação. Terminado o teste, conforme a planificação da aula, a professora cooperante aproveitou para dar informações sobre a visita de estudo, o *peddy-paper* que se vai realizar em Sintra com todos os alunos de EMRC deste Agrupamento Escolar.

Após esta avaliação da lecionação planificada, podemos dizer que há sempre pormenores que na planificação de aulas o professor deve ter em conta: as mudanças e novidades que se surgem ao longo da lecionação. Segundo a nossa experiência, a lecionação tem sido um treino, uma aprendizagem para um professor. Contudo, tínhamos em mente que o foco de aprendizagem seria sempre centrada no aluno, ou seja, a nossa preocupação era que os alunos se concentrassem e se aperceberem dos propósitos das aulas. Contudo, não pretendíamos que

²⁵¹ Cf. Richard I. ARENDS, *Aprender a ensinar*, ... 29.

fosse apenas uma aprendizagem teórica, mas que as nossas aulas ajudassem os alunos a serem mais produtivos nas suas decisões de vida.

Como dado positivo, consideramos que as aulas lecionadas nos ajudaram também a nós, como professores, a sermos mais atentos às nossas capacidades e limitações. Porém, a escassez do tempo foi um fator que nos limitou bastante e não nos facultou os espaços necessários para mais e melhor desenvolvermos a nossa atividade junto dos alunos. Apraz-nos constatar que esta experiência da PES foi uma boa oportunidade para uma aprendizagem que deverá continuar ao longo de toda a vida

8. Conclusão da Unidade Letiva 1 – “ O Amor”

A Unidade Letiva 1 do 8º Ano - O amor, contém várias metas, tais como: as propostas da doutrina da Igreja Católica, a dignidade da pessoa humana, o agir ético cristão no quotidiano e a mensagem bíblica. Esta Unidade Letiva apresenta um desafio enorme para um professor, por ser um tema atual muito complexo e controverso, não apenas a nível de conteúdo, mas sobretudo, no domínio interpretativo. Em suma, acarreta grande responsabilidade abordar um tema destes.

Durante a leção desta Unidade Letiva apercebemo-nos de que os alunos necessitam de fundamentar os seus conhecimentos sobre a adequada vivência da sexualidade, aprendendo a discernir que valores há que consciencializar. Os valores partem A leção da Unidade Letiva 1 proporcionou um diálogo entre professora e alunos. É muito importante que estes expressem as suas ideias, os seus conhecimentos relativamente à sexualidade, a fim de poderem ser orientados nestas questões. A professora sentia-se inexperiente e, ao mesmo tempo, sabia que tinha de se enriquecer mais. Ajudou-a muito o conhecimento teológico que tinha destas questões. Mas, não obstante este conhecimento, verificou-se a insuficiência da experiência na leção.

Os alunos mostraram-se entusiasmados e interessados pelas questões da sexualidade; não esqueçamos que se trata de um assunto que impregna a sociedade hodierna. Foi importante que os alunos tenham percebido que a sexualidade não é vivida apenas ao nível da relação física, ou seja, não se esgota na genitalidade. Na sua vivência existem várias dimensões: a biológica, a psicológica, a social-cultural/dialógica e a ética. A partir daqui, introduziram-se

gradualmente os alunos em cada uma destas dimensões, que têm de estar presentes nas suas tomadas de decisões.

No final da lecionação da Unidade Letiva 1, houve necessidade de recapitular e aperfeiçoar algumas estratégias. Não há dúvida de que foi uma experiência de “aprender a ensinar” muito gratificante e muito enriquecida pela colaboração dos alunos e das duas professoras. Fica, assim, um sentimento de agradecimento por poder lecionar um tema que era distante e complexo.

Houve temáticas nesta Unidade Letiva que não foram abordadas, tais como: a vivência problemática da sexualidade e a adoção; a primeira destas teria sido conveniente trabalhar, mas a falta de tempo impediu. Superar-se-á este inconveniente no segundo semestre, no qual estas temáticas têm cabimento, nomeadamente dentro da unidade letiva – liberdade. Sem dúvida que deixar matéria por estudar constitui sempre objeto de preocupação, mas também sabemos que, por vezes, vale a pena sacrificar a quantidade à qualidade; neste caso, importa essencialmente que os alunos tenham compreendido e interiorizado o que é uma vivência sã e uma sexualidade saudável.

Os conteúdos desta Unidade Letiva revelam-se muito atuais e adequados às idades dos alunos, que estão no período da adolescência, altura da vida em que os jovens acordam para novas realidades que derivam do seu crescimento e do facto de se estarem a tornar homens e mulheres do futuro. Esta Unidade Letiva foi trabalhada em mútua colaboração no núcleo de estágio de EMRC. No seu início, na primeira aula de apresentação, desenhou-se um novelo como símbolo, “um elo que nos une”, um elo entre alunos e professores. Com esta dinâmica queríamos deixar claro que as aulas eram pensadas como interativas. Íamos trabalhar, professores e alunos, em conjunto. E, sendo o tema a sexualidade, pensámos que os alunos estariam motivados a interagir e a questionar. Mas o desconforto, a timidez e o pudor travaram alguns deles. Importa acrescentar que esta Unidade Letiva nos despertou para uma realidade nova, introduzindo-nos no mundo dos adolescentes e das suas diferentes expectativas. No decorrer das aulas traçávamos um novo rumo.

9. Reflexão sobre a experiência da lecionação da Unidade Letiva

Antes de referir a nossa visão sobre a sexualidade e o corpo no contexto da Unidade Letiva 1, vamos enumerar os temas sugeridos nesta Unidade Letiva: “o Amor; a amizade e o namoro; a sexualidade: abertura à vida; a família como célula da sociedade; fecundidade e adoção; o amor e a família na bíblia; desafios para uma vivência responsável do amor”²⁵².

A organização desta Unidade Letiva no novo programa apresentado no ano 2014 é diferente, por isso, consideramos importante apresentar também os temas sugeridos neste novo programa. Ao longo da experiência da PES chegamos a utilizá-lo também nas nossas lecionações. Eis os temas sugeridos no mesmo: “Amor e fecundidade humana; Noção do planejamento familiar; A paternidade e a maternidade responsáveis; A fecundidade como bênção de Deus; Ser responsável, antecipando as consequências dos próprios atos”²⁵³.

Como podemos observar, os temas ^{sugeridos} no manual de 2014, são temas que determinam um trabalho intenso e são de extrema importância para pessoas de qualquer idade, mas sobretudo, para os alunos que se encontram numa fase de crescimento físico, no desenvolvimento cognitivo, mudanças hormonais e outras descobertas que são próprias da sua idade, ou seja, a adolescência. Por isso, após esta reflexão sobre a sexualidade que trabalhamos no primeiro e no segundo capítulo acerca do corpo, consideramos que as aulas sobre estes temas requerem uma preparação e planificação extensa e pormenorizada.

Vimos a importância do contributo teológico, ele é de extrema relevância nas abordagens destes temas. Porém, sugerimos que na abordagem dos mesmos, seria muito mais enriquecido, se optássemos por um trabalho em conjunto, sobre os vários conhecimentos, ou seja, entre as várias disciplinas, tais como: a biologia, a psicologia e outras que têm ligação com os temas sugeridos. Para isso, somos de opinião que estas aulas poderiam ter a colaboração dos professores das áreas acima mencionadas ou outras, com o fim de melhor interpretar os temas sugeridos no programa, acerca desta Unidade Letiva. Sabemos que o trabalho em distintas áreas e em colaboração mútua tem uma grande influência no sucesso do ensino, sobretudo, nas matérias que contém tópicos mais discutidos²⁵⁴. Com isso, registamos essa colaboração mútua como uma oportuna relevância, um saber em ação entre as

²⁵² SECRETÁRIO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Manual do aluno do 8º ano, Educação Moral e Religiosa Católica, Livres para amar, ...* 8.

²⁵³ IDEM, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, ...* 87.

²⁵⁴ Cf. Richar I. ARENDS, *Aprender a ensinar, ...* 106.

disciplinas; uma vez que no âmbito da EMRC se permite o diálogo entre fé e cultura como um contributo significativo de (re) leitura existencial e social e se trabalha o religioso como «uma dimensão transversal à personalidade humana»²⁵⁵.

Ao olhar para o processo da lecionação por nós realizado sobre os temas desta mesma Unidade Letiva, consideramos que o nosso conhecimento teológico não basta para uma melhor transmissão destes mesmos conteúdos. Embora o esforço não tenha faltado, o entusiasmo e a vontade de melhorar é bastante. Porém, julgamos que o maior objetivo da lecionação destes temas, ou da sexualidade ou outros temas com ela relacionados devem motivar os alunos a uma maior compreensão acerca da vivência do amor que leva a uma experiência da felicidade e a uma maior sabedoria na tomada de decisões. É de sublinhar que «a educação integral do ser humano não pode abstrair-se da dimensão moral e religiosa, constitutiva da pessoa e da sua plena dignidade»²⁵⁶. Porém, consideramos importante a colaboração de outras áreas, pois, a EMRC tem a possibilidade de ser trabalhada de forma interdisciplinar.

Assim como as aulas têm os seus objetivos e devem levar os alunos a uma atitude de vida, assim também consideramos e sugerimos que os temas propostos nesta Unidade Letiva acerca da sexualidade, “devem promover sentimentos de bem-estar, satisfação, orgulho, segurança, tolerância e encorajamento da exploração do próprio potencial pessoal”²⁵⁷.

Chegamos à conclusão de que a educação da sexualidade envolve várias áreas, designadamente o crescimento humano, o desenvolvimento e comportamentos ao longo da vida, as relações humanas, a autoestima, o desenvolvimento da personalidade, a dinâmica de grupos e a tomada de decisões, por isso, seria importante que as aulas acerca desta Unidade Letiva fossem uma forma de conduzir os jovens à discussão dos sentimentos e dos valores, da ética, das relações interpessoais e das decisões relacionadas com o género.

É imprescindível referir que a atitude de escuta do professor nestas aulas é indispensável. Como podemos verificar, a etimologia do verbo escutar que significa *auscultare*, ou seja, mostrar cortesia, dar atenção ao outro; escutar é portanto uma atitude de acolher as palavras

²⁵⁵ Manuel Pelino DOMINGUES, *Competências Essenciais e Metodologia da EMRC na Educação Básica*, nº 3, Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2003, 10.

²⁵⁶ Deolinda SERRALHEIRO, *A Educação Moral e Religiosa Católica na Escola Portuguesa*, Ed. Rei dos Livros, Lisboa, 1990, 14.

²⁵⁷ Cristina Sá CARVALHO, C. S., *Guia de Educação da Sexualidade*, ... 38.

da outra pessoa. Este acolhimento traduz-se numa palavra: respeito²⁵⁸. De facto a atitude da escuta é de quem tem o desejo de ajudar, de educar, de colaborar, de edificar, de socializar a pessoa, para que seja mais humana. Deus escutou o grito do seu povo, por isso, decidiu descer para o salvar e, então, enviou Moisés. Assim como Moisés foi enviado por Deus para libertar o povo de Israel, pois Deus escutou o clamor e o sofrimento do seu povo: “*Eu vi a opressão de meu povo no Egito, ouvi o seu grito de aflição*” (Ex 3,7), assim também, observamos que o saber escutar faz parte da missão do professor da EMRC.

Assim, a nossa preocupação primordial nas aulas da EMRC consiste antes em formar a pessoa para se esmerar e apostar no SER e não somente no TER. Tomamos consciência de que, se não educamos para o *ser*, a nossa “educação será ineficaz, e os nossos esforços estéreis. É óbvio que temos de preocupar-nos também por incutir e transmitir um modelo relativo ao ser humano, à vida, à sociedade e à sua relação com a natureza”²⁵⁹. Ambas as coisas são essenciais para uma boa e eficaz formação dos nossos alunos.

A visão fundamental, após a reflexão sobre os temas relativos à vivência da sexualidade, levamos a querer expor aqui os pontos detetados por nós na lecionação acerca da mesma. Estamos convencidos de que a educação da sexualidade deve levar os alunos ao crescimento “na solidariedade, na responsabilidade e no cuidado assente na compaixão”²⁶⁰. Se olhássemos para as sociedades, verificaríamos de imediato que estas se encontram fragilizadas social, económica e politicamente, e podemos questionar-nos sobre o porquê desta fragilidade. Obteremos várias respostas, tais como:

“A visão consumista do ser humano, incentivada pelos mecanismos da economia globalizada atual, tende a homogeneizar as culturas e a debilitar a imensa variedade cultural, que é um tesouro da humanidade”²⁶¹.

Daí que a globalização e a tentativa de homogeneidade de culturas converge para um mundo de cultura do relativismo, que por um lado é considerado como uma patologia, e por outro lado produz uma forma de olhar para o outro apenas como “um objeto”²⁶². Perante isto, somos convidados a tentar fazer com que os adolescentes e jovens reconheçam as estruturas sociais e assimilem determinadas regras. Isto é essencial nas aulas da EMRC. É nisso que a visão do

²⁵⁸ Cf. Francesc TORRALBA, *A arte de saber escutar*, Editora Guerra e Paz, Lisboa, 2009, 17.

²⁵⁹ PAPA FRANCISCO, *Laudato Si*, ... 173.

²⁶⁰ *Ibidem*, 169-170.

²⁶¹ *Ibidem*, 126.

²⁶² *Ibidem*, 110.

professor de EMRC deve recair sobre a sua missão de educadora: “a Educação e o papel contributo para um mundo melhor, assim ele deve criar, perante os seus alunos, as «janelas» para esse mundo e abri-las numa sequência que para eles, seja lógica e inteligível”²⁶³.

Com esta visão acerca da missão do professor na sala de aula queremos apresentar as nossas conclusões sobre a lecionação da sexualidade. Importa sublinhar que a educação deve ser integral. Nisso devemos ter em conta a *educação moral*, ou seja, a necessidade de saber as regras de conduta. Mas, acima de tudo, uma clara informação sobre “a realidade humana e os seus critérios interpretativos, valores éticos e espirituais que nunca podem ser transmitidos de forma neutra”²⁶⁴, importa muito na lecionação dos temas propostos sobre a sexualidade. Convencidos de que a educação também implica atitudes, procuramos desenvolver e incentivar nos alunos, sobretudo nas nossas aulas, “as competências de comunicação, gestão das emoções, a assertividade”²⁶⁵ e outras competências que ajudam as relações sociais e interpessoais.

A educação da sexualidade também deve ser uma forma de coeducação, isto é, as condições de um convívio positivo que forma os jovens e os adolescentes (rapazes e raparigas) para um “lançamento das bases adequadas à constituição de uma família sólida e saudável”²⁶⁶; ou outros estados de vida, sempre numa linha de “garantia do equilíbrio afetivo e da capacidade de cooperar generosa e proveitosamente”²⁶⁷. Porém, a educação de sexualidade é, sobretudo e essencialmente:

“Uma educação para o amor, pois é o amor que fundamentalmente caracteriza a sexualidade e a pessoa humana... Toda a dinâmica da sexualidade está orientada para a descoberta e a vivência do amor, desde o diálogo amoroso à autoestima, ou à aceitação de si mesmo... A educação do amor, não exclui a saúde, as competências sociais, o conhecimento, a alegria e o encontro da intimidade sexual, escolher e seguir a sua própria vocação: entregar-se ao próximo, na procura da caridade perfeita e atingir o pleno significado de pessoa humana, ou seja, a verdadeira vocação à felicidade”²⁶⁸.

²⁶³ Jorge Rio CARDOSO, *O professor do futuro*, ... 22.

²⁶⁴ Cristina Sá CARVALHO, C. S., *Guia de Educação da Sexualidade*, ... 91.

²⁶⁵ *Ibidem*, 92.

²⁶⁶ *Ibidem*.

²⁶⁷ *Ibidem*.

²⁶⁸ *Ibidem*.

O nosso reconhecimento profundo acerca da lecionação da educação da sexualidade encontra-se descrito no parágrafo anterior. Por isso, é imprescindível ter como objetivos o reconhecimento da sexualidade como uma componente positiva de realização pessoal, valorizando as suas diferentes expressões ao longo da vida, tendo sempre presente o respeito pela “outra” pessoa, promovendo-se a igualdade de direitos e oportunidades dos dois sexos, o respeito à diferença, a importância da comunicação e o reconhecimento do direito a uma maternidade/paternidade livres e responsáveis. Como sempre a família tem o seu papel imprescindível no crescimento saudável dos filhos nos vários âmbitos da educação, mas sobretudo, na sexualidade. Sabemos que “é na família que se cultivam os primeiros hábitos de amor e cuidado da vida... A família é o lugar da formação integral, onde se desenvolvem os diferentes aspetos, intimamente relacionados entre si, do amadurecimento pessoal”²⁶⁹.

10. Avaliação e reflexão da experiência pessoal da PES

Com a marca da multiculturalidade e as significativas mudanças demográficas, o ensino do século XXI propõe aos professores novos desafios. Encontramo-nos numa sociedade multicultural e isto é “um facto, uma condição da nossa cultura”²⁷⁰. O ensino de hoje requer dos professores uma preparação mais intensa e global, exige deles uma sólida formação não apenas na sua especialidade, mas a todos os níveis. Na experiência da PES deparámo-nos com várias realidades que surgem numa sociedade multicultural, que se revela no âmbito escolar e que nos coloca muitas questões e nos interpela para as podermos debater e ajudar a resolver da melhor forma. A experiência da PES que teve início no verão de 2014, ofereceu-nos experiências inesquecíveis: O primeiro contacto com os alunos, o primeiro contacto com as planificações das aulas e o primeiro contacto com as realidades da escola, isto é, pisar o terreno pela primeira vez.

A professora cooperante de Educação Moral e Religiosa Católica do Agrupamento da Escola Secundária Fernando Lopes-Graça fez questão de ir até à faculdade para nos receber e dar a conhecer o seu acolhimento. Foi com grande expectativa que começámos o encontro com a professora cooperante. Nos primeiros dias fomos recebidos pela escola e sentíamos acolhidas pela Escola Fernando Lopes-Graça. Sentimo-nos muito gratas para com a escola que nos

²⁶⁹ PAPA FRANCISCO, *Laudato Si*, ... 172.

²⁷⁰ Cf. Richar I. ARENDS, *Aprender a ensinar* ... 8.

recebeu como estagiárias e nos deu oportunidade de ali lecionar as aulas de EMRC aos seus alunos do 8º no ano letivo 2014/2015.

Ao longo da experiência da PES sentia que a EMRC é uma disciplina que se considera como um lugar ou uma ocasião de confronto dos alunos, porque, esta disciplina tem uma presença especial numa escola tão heterogénea em termos de alunos. A especificidade da disciplina da EMRC distinguiu-se na escola de Fernando Lopes Graça pelas suas atividades de que os alunos tanto gostam e nas quais tanto participam. As atividades que se realizam no contexto da EMRC tais como: as visitas de estudos, as atividades sociais, os encontros a nível nacional da mesma disciplina, as festas populares e outras. Reconheço que aprendi muito com as atividades em que participei no contexto da disciplina de EMRC e noutras dinamizadas pela mesma escola.

Em termos de contacto com os alunos foi uma experiência única encontrar-me com alunos de diferentes culturas e sentir que aí cada um é único, embora todos alunos. A experiência de olhar para as suas diferenças faz com que o professor sinta necessidade de conhecer cada vez mais e melhor a cada um. Falando propriamente da experiência na sala de aula, estes alunos não tiveram grandes dificuldades de concentração. Faço apenas um reparo no que toca à atenção que o professor necessita dar a cada um, de forma a suscitar, na turma, uma maior concentração e atenção no decorrer da leção, para que os seus conteúdos possam ser melhor assimilados e interiorizados, a fim de desenvolver, nos alunos, a capacidade de, na hora oportuna, tomar a melhor decisão e ter a coragem de a levar por diante para alcançar os objetivos que se propõe.

Olhando para a experiência da leção, avalio que foi muito positiva e enriquecedora, não apenas pelos conhecimentos que me proporcionou, mas sobretudo, com a experiência que se faz no terreno. O contacto com todas as pessoas da Escola, as entreajudas, o apoio moral, foi uma experiência que me marcou muito positivamente e me deu mais segurança para o exercício desta missão. Ao longo da PES a minha capacidade para motivar os alunos e levá-los a apreciar cada vez mais as aulas de EMRC foi bastante reduzida, reconheço. Por isso, penso melhorar esta neste aspeto e colmatar outras lacunas da minha parte que devo ainda trabalhar.

É de salientar que os manuais da EMRC sobretudo, os do 8º ano do ano 2009 estão muito bem elaborados e oferecem sugestões muito bem elaboradas. Porém, queria destacar ainda o novo manual, ou os novos manuais do ano 2014 que estão muito bem elaborados com

fundamentação científica tanto no campo teológico como noutros. Estão muito bem colocados no mesmo nível. Isto é de louvar, pois as aulas de EMRC sugerem múltiplas aprendizagens, tais como: Música, arte, história e outras.

Ao saber que a disciplina da EMRC tem uma presença diferente, devo referir que estas aulas têm apenas uma presença curta em termos da quantidade de aulas. Penso que se devia dar mais atenção à disciplina da EMRC em termos de horário. Pois, a hora letiva desta mesma disciplina ficava-se pelos trinta ou trinta e cinco minutos, por falta de pontualidade dos alunos ou porque o horário ocorre em horas mais pesadas para os alunos. Num dos encontros de professores da disciplina de EMRC em que participei, estes manifestara a sua preocupação relativamente à disciplina em questão, em termos de alunos, que são cada vez menos, principalmente nas escolas públicas; é de salientar que, pouca atenção e preocupação da parte da escola relativamente a esta mesma disciplina, provoca a redução de alunos e a distribuição do horário nas horas mais pesadas afasta e reduz a atenção dos alunos nas aulas. Perante estes factos, tive necessidade, como professora, de seleccionar os conteúdos que considerava serem mais adequados e urgentes para cada turma.

Inicialmente, como principiante, sentia alguma insegurança. Mas, com as aulas lecionadas, fui ganhando alguma experiência e conhecendo também as minhas limitações, tentando melhorar. Fui adquirindo o gosto e o empenho de fazer melhor, tanto nas aulas como nas atividades fora da sala de aula. Em geral, considero uma experiência positiva, a PES na escola onde fui recebida. Agradeço de modo especial à Escola Secundária Fernando Lopes Graça, por me ter acolhido como principiante no exercício da carreira de docente.

CONCLUSÃO

A experiência da Prática de Ensino Supervisionada foi uma oportunidade única, em que o formando, ao assumir a função de professor, teve oportunidade de descobrir como ganhar confiança e quais eram as suas lacunas. A necessidade de uma contínua vontade de melhorar, assim como a boa preparação, são fundamentais para o êxito da lecionação.

Na verdade, EMRC é uma disciplina que oferece a chave interpretativa religiosa, mas que passa por vias diversas, com conteúdos que implicam muitos outros conhecimentos para além dos teológicos. Desta forma, grande é a responsabilidade e contínua deve ser a preparação. Importa encarar com seriedade o papel de ser professor com visão crítica, mas também com conhecimento determinados.

Dentro do âmbito da lecionação de EMRC, sentimos a necessidade de responder às questões que foram levantadas ao longo da PES; em relação a estas percebemos que havia que fazer uma reflexão específica, de forma a apresentar a sexualidade como uma força que afeta todos os aspetos da pessoa humana, pois diz respeito ao indivíduo na sua integridade. Chegamos, assim, à conclusão de que a sexualidade ensinada, ou transmitida, na escola ou na sala de aula é uma pequena amostra da vivência da sexualidade. Por isso, na nossa opinião, o professor deve abordar sempre o tema da sexualidade com o intuito de se aproximar do aluno, com a visão de que ela não pode ser vivida apenas num nível, mas tem de abranger todos os âmbitos que consideramos fundamentais neste trabalho: ela é uma riqueza que envolve a pessoa no seu todo (corpo, espírito, sentimento, projetos, sonhos...), por isso, a sexualidade é uma componente fundamental da personalidade; é um modo de ser, de se manifestar, de comunicar, de sentir, de se exprimir e de viver o amor humano.

Há que evitar que a compreensão da sexualidade seja apenas uma visão generativa e genital, com a conseqüente dificuldade da integração harmónica dos polos procriativo e unitivo, como anteriormente se tinha; ou considerar que ela pertencia somente ao âmbito matrimonial, à linguagem adulta, em suma, que era um tabu reservado aos adultos. O ato sexual aparecia como algo maléfico e até indecoroso. Sugerimos que a sexualidade seja abordada com sentido e valores que dignificam a vida e o corpo humanos, fundados em motivações que levam os alunos a perceberem que o corpo é um bem e a sexualidade é um dom que orienta a maturidade da pessoa na sua integridade.

Com a prática da PES ficamos cada vez mais convencidos de que a especificidade da disciplina de EMRC exige de nós grande responsabilidade. As estratégias utilizadas em cada

aula, ou fora dela, para motivar os alunos a saberem estar, ajudam, de forma concreta, a que eles interajam no sentido dos valores. Isto prova como importa apresentar os mesmos com convicção. A disciplina da EMRC contribui para a aquisição de conhecimentos teóricos e, por meio do papel do professor, para a organização da escala dos valores.

A insegurança ao longo da PES fazia parte da experiência de quem começou a transmitir determinados conteúdos. Graças ao apoio do professor orientador do estágio e dos colegas, dentro da humildade inerente à função de aprendiz, este foi um dos aspetos mais importantes que enriqueceu a nossa experiência da lecionação.

Queremos salientar e agradecer o acolhimento da escolha, no nosso caso, o Agrupamento de Escolas de Parede, na Escola Secundária Fernando Lopes-Graça, que nos facultou um ano de experiência da PES com os seus alunos. Os alunos da turma com que realizamos a lecionação também nos ajudaram a situar o nosso papel como professores e educadores; agradecemos, por isso, a sua presença e o seu acolhimento, que sempre sentimos ao longo da PES.

SIGLAS E ABREVIATURAS

ADN - Ácido desoxirribonucleico

CEP – Conferência Episcopal Portuguesa

EMRC – Educação Moral e Religiosa Católica

PES – Prática de Ensino supervisionada

RV – Radio Vaticano

SNEC – Secretário Nacional da Educação Cristã

UL – Unidade Letiva

BIBLIOGRAFIA

a) Escritura e Magistério

BÍBLIA SAGRADA, Difusora Bíblica, Franciscanos Capuchinhos, Lisboa/Fátima, 2003.

BENTO XVI, *Deus Caritas est*, Paulinas, Lisboa, 2006.

_____ *Sacramentum Caritatis*, Paulinas, Lisboa, 2007.

_____ *Caritas in veritate*, Paulinas, Lisboa, 2009.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1993.

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo (Gaudium et Spes)*, Editorial A. O, Braga, 1983.

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA, *Família e procriação humana*, Editorial A.O, Braga, 2007.

JOÃO PAULO II, *Familiaris consortio*, Editorial A.O., Braga, 1982.

_____ *Teologia do corpo*, Alêtheia editores, Lisboa, 2013.

PAULO VI, *Humanae Vitae*, Paulinas, Lisboa, 1968.

PAPA FRANCISCO, *Laudato Si*, Editorial A.O., Braga, 2015.

b) Instrumentos de trabalho

AA. VV., “Alma”, in: *Vocabulário de Teologia Bíblica*, Trad. Fr. Simão Voigt, Editora Vozes, Petrópolis, 1997.

ANTUNES, Manuel, “Nietzsche”, in: *Verbo: Enciclopédia Luso-brasileira de Cultura*, Editorial Verbo, Lisboa, 1973.

HARING, Bernhard, “Sexualidad”, in: *Dicionário Enciclopédia de Teologia Moral*, Ediciones Paulinas, Madrid, 1980.

MENDES, João, “Idade Média”, in: *Enciclopédia Luso – Brasileira de Cultura*, Vol. 10º, Editorial Verbo, Lisboa, 1971.

c) Artigos de revistas

AMBROSIO Juan Francisco, “Transmissão da fé”, in: *Communio*, Revista Internacional Católica, nº 4, 2009, (403-414).

_____ “Pessoa e cultura e fé”, in: *Fórum do Ensino Religioso em Portugal*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1997, (59-62).

ASSUNÇÃO, Paulo de, “O espetáculo da morte e a imortalidade do poder na celebração das exéquias de D. João V”, in: *Brotéria-Cristianismo e Cultura*, Vol 155, Braga, Outubro 2002, (273-294).

AZEVEDO, Joaquim, “Perfis antropológicos a atingir no final da Escolaridade. Ser humano tecnológico vs ser humano cultural, contributos para uma perspetiva antropológica e sociocomunitária da educação”, in: *Pastoral Catequética*, nº 23, 2012, (11-26).

LINO, Pedro Sena, “O corpo consumido: fascínio ou ditadura da própria imagem” in: *Brotéria-Cristianismo e Cultura*, Vol. 155, Outubro, 2002, (259-272).

MARTINS, António Manuel Alves, “Culturas e identidades na procura da verdade, uma perspetiva a partir da antropologia teológica”, in: *Theologica*, 2ª Série, Braga, 2012, (267-283).

PEIXOTO, Maria José; RIBEIRO Teresa Tomé, “O professor de educação da sexualidade – aspectos a desenvolver”, in: *Educação da Sexualidade na Escola: um treino de competências*, Editor Casa do Professor, Braga, 2006, (37-42).

REIMÃO, Cassiano, “Afetividade e alteridade”, in: *Pastoral Catequética*, Revista de catequese e Educação, nº 4, Lisboa, 2006, (15-27).

RIBEIRO, Teresa Tomé, “Os jovens e a educação sexual: contributos para a aplicação dum programa de educação sexual”, in: *Educação da Sexualidade na Escola: um treino de competências*, Editor Casa do Professor, Braga, 2006, (6-17).

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi, “Horizontes do corpo” In: *Corpo, território da cultura*, São Paulo, Annablume, 2005, (119 - 134).

TRIGO, Jerónimo, “Expressões afetivas: que avaliação ética”, in: *pastoral catequética*, Revista de catequese e educação, nº 4, 2006, (29-42).

d) Estudos

ABRAMSON, M; GUREVITCH, A; KOLESNITSKI, N., *História da Idade Média. Do século XI ao século XV*, Trad. Maria do Rosário Quintela, Editorial estampa, Lisboa, 1978.

ARENDS, I. Richard, *Aprender a ensinar*, Mc Graw Hill Companies, 2008.

BRETON, David Le, *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*, 4ª Edição, Campinas, Papirus, 2009.

_____ *Sociologia do Corpo*, Editora Vozes, Petrópolis, 2006.

BOROBIO, D; TENA, P; ALDAZABAL, J; ALIAGA, E; OÑATIBIA, I; LLOPIS J., *La celebracion en la Iglesia*, Ediciones sigueme, Salamanca, 1988.

CARDOSO, Jorge Rio, *O professor do futuro*, Ed. Clube do livro, Lisboa, 2013.

CARVALHO, Cristina Sá, *Conversar com os filhos sobre a sexualidade*, SNEC, Lisboa, 2008.

_____ *Guia de Educação da Sexualidade*, Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2008.

CASTERMAN, Jean-Benoît, *Para teres êxito na vida sentimental e sexual*, Edições salesianas, Porto, 2012.

CENCINI, Amedeo, *Virgindade e celibato hoje*, Paulus, Lisboa, 2008.

DESCARTES, René, *Discurso do método: Introdução e Notas de Étienne Gilson*, 70 textos filosóficos, Lisboa, 1ª parte, 2006.

DOMINGUES, Manuel Pelino, *Competências Essenciais e Metodologia da EMRC na Educação Básica*, nº 3, Secretário Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2003.

FLECHA, José-Román, *Moral de la sexualidad, La vida en el amor*, Colección lux mundi, nº 82, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2005.

FIZZOTTI, Emanuele, *Psicologia e maturidade na vida consagrada*, Paulus, São Paulo, 2014.

FRANKL Viktor Emil, *O homem em busca de um sentido*, Lua de Papel, Córdova, 2012.

LADARIA, Luis Francisco, *Introducción a la antropologia teologica*, Editorial Verbo divino, Navarra, 1993.

MARTINS, António Manuel Alves, *A condição corpórea da pessoa*, Extrato da tese para Doutoramento apresentada na Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, 2003.

RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis, *Imagen de Dios*, Editorial Sal terra, Bilbao, 1988.

PIERRARD, Pierre, *História da Igreja*, Edições Paulinas, São Paulo, 1982.

PINTO, José Rui Costa, *Bioética para todos*, Editorial A. O. – Braga, 2006.

PINTO, Vítor Feytor, *Sexualidade humana, exigências éticas e comportamentos saudáveis*, Paulus, Lisboa, 2014.

QUIDNOVI, *A grande história - Papas dos Apóstolos aos nossos dias*, Lisboa, Quidnovi, 2006.

ROLDÃO, Maria do Céu, *Gestão do currículo e avaliação de competências*, Lisboa, Editorial Presença, 2003.

SERRALHEIRO, Deolinda, *A Educação Moral e Religiosa Católica na Escola Portuguesa*, Ed. Rei dos Livros, Lisboa, 1990.

SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Manual do aluno do 8º ano, Educação Moral e Religiosa Católica, Livres para amar*, Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2009.

_____ *Manual do Aluno, Educação Moral e Religiosa Católica, 8º ano do Ensino Básico*, Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2015.

_____ *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2014.

SOSBOÜÉ, Bernard, *Pensar e viver a fé no terceiro milénio*, Trad. Manuel Luís de Sousa Pinheiro, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1999.

TORRALBA, Francesc, *A arte de saber escutar*, Editora Guerra e Paz, Lisboa, 2009.

WEST, Christopher, *Teologia do corpo para principiantes*, Paulinas, Lisboa, 2013.

e) Web grafia

AA. VV., *O corpo na idade média*, in:

<http://www.efdeportes.com/efd121/o-corpo-na-idade-media.htm> (consultado no dia 18 de Agosto de 2015).

ASAMBLEA DE LOS OBISPOS DE QUÉBEC, *Proponer hoy la fe a los jóvenes: una fuerza para vivir*, in:

<http://www.iglesiaenlaroja.org/juventud/quebec.pdf> (consultado no dia 25 de agosto de 2015).

CARRETEIRO, T. C., *Corpo e contemporaneidade*, in:

http://www.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20051220154024.pdf (consultado no dia 03 de Janeiro de 2016).

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação - Direito e dever - missão nobre ao serviço de todos*, in:

<http://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/documentos/educacao-direito-e-dever-missao-nobre-ao-servico-de-todos/> (consultado no dia 26 de Outubro de 2015).

DUQUE, João Manuel, *Eucaristia e Corporeidade O desafio dos sentidos* in:

<http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/13160/1/duque.pdf> (consultado a 15 de Julho de 2015).

FABRIN, Filomena de Carlo Salerno, *Corporeidade: educar para não reeducar*, in:

http://www.uninove.br/PDFs/Publicacoes/cadernos_posgraduacao/cadernos_v1/cdpv1_edufilemenadecarlo.pdf (consultado no dia 16 de Agosto de 2015).

FERREIRA, V. S., *Tatuagem, Body Piercing e a Experiência da Dor: emoção, ritualização e medicalização I*, in: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v19n2/02.pdf> (consultado no dia 3 de Dezembro de 2016).

GARCIA Jesus Manuel, *Que espiritualidad proponer hoy a los jovenes?*, in:

http://www.donbosco.org.ar/recursos_detalle.php?codigo=1577 (consultado no dia 15 de janeiro de 2016).

MELÃO, Dulce Helena Morgado Raimundo, *Ler na era digital: os desafios da comunicação em rede e a (re) construção da(s) literacia(s)*, in: http://www.exedrajournal.com/docs/N3/06A-Dulce-melao_pp_75-90.pdf (consultado no dia 01 de Dezembro de 2015).

JOÃO PAULO II, Carta encíclica *Evangelium Vitae*, in: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031995_evangelium-vitae.html (consultado no dia 27 de novembro de 2015).

PAPA FRANCISCO, Mensagem para a Quaresma de 2015, in: http://pt.radiovaticana.va/news/2015/01/27/texto_integral_da_mensagem_do_papa_para_a_quaresma_2015/1120195 (consultado no dia 26 de agosto de 2015).

RADCLIFFE, T., *Afectividad y Eucaristía*, in: <http://www.docfoc.com/0402predicacion4timothyradcliffeafectividadyeucaristia> (consultado no dia 12 de outubro de 2015).

SIQUEIRA, A, J., *as representações do corpo na idade média*, http://www.cchla.ufrn.br/Vivencia/sumarios/37/PDF%20para%20INTERNET_37/03_Ant%C3%B4nio%20Jorge%20Siqueira.pdf (consultado no dia 04 de Abril de 2016).

VATICANO, *Papa aos salesianos: afeto e educação para os jovens*, in: http://pt.radiovaticana.va/news/2015/07/17/papa_aos_salesianos_afeto_e_educacao_para_os_jovens/1159000 (consultado no dia 25 de agosto de 2015).

ANEXOS